



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 6 - SAFRA 2018/19- N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Waldenor Cezário Mariot

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Fernando José de Pádua Costa Fonseca

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Letícia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA **grãos**

V. 6 - SAFRA 2018/19 - N. 1 - Primeiro levantamento | **OUTUBRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 1 Safra 2018/19 -Primeiro levantamento, Brasília, p. 1-129, outubro 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab- algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Patrícia Maurício Campos (Suinf)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jactã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hécio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editores

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).
ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

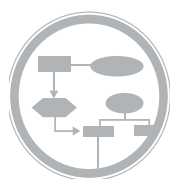
SUMÁRIO



1. Resumo executivo ----- 10



2. Introdução ----- 12



3. Metodologia ----- 14



4. Estimativa de área plantada ----- 17



5 . Estimativa de produtividade ----- 19



6. Estimativa de produção ----- 21



7. Crédito rural ----- 26



8. Prognóstico climático - Inmet----- 34



9. Monitoramento agroclimático----- 38



10. Análise das culturas----- 42

10.1. Culturas de verão -----	43
10.1.1. Algodão -----	43
10.1.2. Amendoim -----	47
10.1.3. Arroz -----	50
10.1.4. Feijão -----	56
10.1.5. Girassol -----	71
10.1.6. Mamona -----	72
10.1.7. Milho -----	74
10.1.8. Soja -----	80
10.1.9. Sorgo -----	89
10.2. Culturas de inverno -----	90
10.2.1. Aveia branca -----	90
10.2.2. Canola -----	92
10.2.3. Centeio -----	94
10.2.4. Cevada -----	95
10.2.5. Trigo -----	97
10.2.6. Triticale -----	100



11. Vazio sanitário ----- 101



12. Receita bruta ----- 105



13. Balanço de oferta e demanda ----- 112

13.1. Algodão -----	112
13.2. Arroz -----	114
13.3. Feijão -----	116

11.4. Milho	116
11.5. Soja	117
11.6.Trigo.....	119



15. Calendário agrícola de plantio e colheita.....	121
---	------------







1. RESUMO EXECUTIVO

As estimativas para a safra 2018/19 indicam incremento na agricultura brasileira referente à área de grãos, à produtividade média esperada dessas lavouras e a produção final, quando comparada aos resultados obtidos na temporada passada.

Para a área, por exemplo, a expectativa é que sejam utilizados algo entre 61.873,9 mil hectares (limite inferior) e 63.146 mil hectares (limite superior). Esses números representam uma variação positiva entre 0,2% e 2,3% em comparação àquela área utilizada na safra 2017/18.

A produção total de grãos apresentará variação, tendo como limite inferior uma estimativa na ordem de 233,6 milhões de toneladas (2,5% maior em relação ao valor final de grãos produzidos na safra anterior) e o limite superior de 238,5 milhões de toneladas (acréscimo de 4,7% em comparação a 2017/18).

Algodão: após o desempenho da safra anterior que apresentou importante crescimento, tanto na área plantada quanto na produção total, a expectativa atual continua sendo de incremento, projetando uma variação na produção entre 3,9% e 15,7% em relação à safra 2017/18.

Arroz: a estimativa é de produção menor do que à obtida na safra passada, devendo variar entre 1,7% e 8,4%.

Feijão primeira safra: a primeira previsão indica re-

dução de 9,5% a 5,9% na área a ser cultivada na nova safra. A cultura perde área para o milho e a soja, que apresentam melhores rentabilidades.

Milho primeira safra: o limite inferior estimado para a produção de milho é de 26 milhões de toneladas e o superior é de 27,3 milhões de toneladas. Neste momento, os produtores plantam de forma simultânea o cereal e a oleaginosa.

Soja: a cultura vem mantendo a tendência de crescimento na área cultivada e nessa safra, a estimativa aponta para crescimento de até 2,9% em relação à safra passada.

Trigo: a safra 2018 ainda não foi totalmente colhida e a expectativa é que a produção desse cereal atinja 5,4 milhões de toneladas (aumento de 26,6% em relação a 2017).





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos, objetivando oferecer informações de qualidade para a formulação e gestão das políticas agrícolas, de abastecimento e da segurança alimentar e nutricional.

Ditos levantamentos e avaliações são de fundamental importância para diversos agentes econômicos no processo de tomada de decisão dos seus investimentos.

Em outubro do presente exercício, a Companhia divulga o Primeiro Levantamento da Safra 2018/19, referente às pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, câmbio, exportações, monitoramento agrícola, quadro de oferta e demanda e preços dos principais produtos avaliados, além da safra da Região Nordeste (feijão e milho). Consta, também, o acompanhamento da safra de inverno 2018 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução do desenvolvimento das culturas, evolução da colheita e influência climática.

Assim foram coletadas informações de área plantada, desenvolvimento fenológico, pacote tecnológico utilizado pelos produtores e condições climáticas,

provenientes – não poderia deixar de ser citado – por meio da colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, de secretarias de agricultura e órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), agentes financeiros de mercado e de insumos que têm subsidiado os técnicos dessa Companhia, de forma profissional e relevante nessas atividades.

O trabalho de avaliação de safras se enquadra nas recomendações de diversas instituições internacionais, quanto à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e seguras, bem como na busca de uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a manter a uniformidade e a transparência nas suas estatísticas de produção.

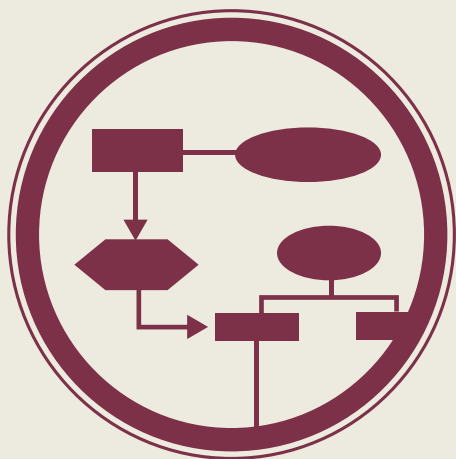
Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia em todo território nacional agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos, nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, similarmente, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral, e por fim, a análise de mercado das culturas pesquisadas.

Além dos aspectos metodológicos mencionados, cumpre esclarecer que as informações levantadas, na oportunidade, indicam a intenção de plantio dos

produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio. Nesse levantamento, os esclarecimentos acerca da área a ser plantada são divulgados com intervalos (limite inferior e superior), visto que as informações ainda são incipientes e retratam a primeira estimativa da safra. Neste foco, visto que o plantio ainda não avançou em todas as regiões produtoras, a Conab utiliza-se de análise estatística para estimar as produtividades das culturas na safra 2018/19. Portanto, as informações de custo de produção, produzidas pela Conab, geram informes modais de produtividade que auxiliam nas análises da produtividade a ser alcançada.

Vale destacar que, o presente boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito dessa Companhia, seguindo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). Nesse cenário nossos agradecimentos à indispensável participação e colaboração dos profissionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos diversos parceiros citados, assim como dos demais colaboradores internos que, direta ou indiretamente, participaram da realização dessas atividades. Há de se finalizar dizendo que a Conab realiza acompanhamento da safra brasileira de grãos a mais de 40 anos, com uma conduta guiada dentro do profissionalismo, prudência e isenção, fornecendo informações relevantes sobre a agricultura no país.





3. METODOLOGIA

Os métodos utilizados pela Conab no processo de levantamento da safra de grãos envolvem a pesquisa e o contato direto com diversos informantes, cadastrados por todo o país, a utilização de acompanhamento agrometeorológico e espectral (mapas e condição de vegetação), o conhecimento das informações de pacotes tecnológicos adotados pelos produtores, o acompanhamento sistemático da meteorologia e o uso de métodos estatísticos para consolidação das informações disponibilizadas ao público-alvo.

A metodologia aplicada pode ser assim resumida:

3.1. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

A linguagem utilizada para os cálculos estatísticos é o “R”, um software livre que permite adaptações ou modificações de forma espontânea, disponibilizando ampla variedade de técnicas estatísticas e gráficas, incluindo modelagem linear e não linear, testes estatísticos clássicos, análise de séries temporais (time-series analysis) e amostragem. Para ajustar os modelos e realizar as previsões desse estudo foram utilizados os pacotes “Forecast” e “Asts”.

Os dados utilizados são da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação. No geral, a base de dados utilizada contempla 20 anos, já que a partir de

1994 houve uma estabilização econômica, reduzindo a incerteza nas variáveis analisadas.

As séries temporais são estudadas no sentido de compreender o seu mecanismo gerador e prever o seu comportamento futuro, o que possibilita tomar decisões apropriadas. O método utilizado tem 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Devido à quantidade de culturas e estados, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Foi encontrado um modelo para cada cultura e estado.

Após a escolha do melhor modelo para cada cultura e

Unidade da Federação foi feita a análise dos resíduos para cada situação. Essa é uma maneira de verificar se o modelo ajustado é adequado. O resíduo é a diferença entre o valor ajustado do modelo e o valor “real”. Para verificação do modelo são gerados gráficos de resíduos padronizados, autocorrelação (ACF) dos resíduos, normal Q-Q Plot dos resíduos padronizados e P-valores da estatística de Ljung Box.

Alguns modelos utilizados podem apresentar alguns gráficos de resíduos fora do padrão. Nesses foram feitos testes de ajustes com outros possíveis modelos e escolhido o que melhor se ajustou. Isso se deve à natureza da série em questão, principalmente em estados do Norte e Nordeste e em culturas com pouca representatividade.

3.2. PACOTES TECNOLÓGICOS

A Companhia elabora custos de produção de diversas culturas nos principais locais de produção, tomando por base metodologia própria. Por serem modais, os resultados apurados devem ser observados como parte importante do espelho dos sistemas de cultivo e da utilização de pacotes tecnológicos na agricultura nacional.

A principal variável analisada no processo de avaliação da safra nacional é a produtividade. Inicialmente, tomando por base a área de abrangência dos custos,

faz-se a sua relação com os roteiros preestabelecidos pela Companhia para visita em campo.

O passo seguinte é a sobreposição e a análise dessas variáveis com as culturas e os rendimentos apurados nas pesquisas de campo e as produtividades resultantes dos estudos estatísticos e dos pacotes tecnológicos apurados pelo custo de produção. O resultado desses estudos é parte do processo de redução de riscos e de aumento do grau de confiança das informações.

3.3. MODELO AGROMETEOROLÓGICO E ESPECTRAL

A Conab tem buscado medidas eficazes para incrementar a potencialidade do sistema de levantamento e acompanhamento de safras agrícolas e, para isso, tem se empenhado na apropriação de ferramental diversificado.

Para tanto, tem sido utilizado recursos tecnológicos de eficiência comprovada, tais como: modelos estatísticos, sensoriamento remoto, posicionamento por satélite (GPS), sistemas de informações geográficas e modelos agrometeorológicos/espectrais, para estimar as áreas de cultivo e prever impactos à produtividade das lavouras.

A Companhia tem os mapeamentos das principais culturas de verão, de segunda safra e de inverno,

destacando o arroz, café, cana-de-açúcar, milho, soja e trigo, que oferecem meios para o monitoramento agrícola, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas e espectrais (índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade) das lavouras.

As informações obtidas podem indicar os impactos, principalmente das precipitações e temperatura (climatologia e anomalias) no processo produtivo e seus resultados auxiliam na definição das áreas de plantio e de índices vegetativos que são utilizados para o acompanhamento da produtividade.

3.4. MONITORAMENTO DA SITUAÇÃO CLIMÁTICA

A variável climática é o maior risco na agricultura. Para o acompanhamento diário da situação climática se observa diversas informações geradas pelas principais instituições nacionais. No âmbito dos estados, as Superintendências Regionais da Conab também fazem o monitoramento local.

As principais informações pesquisadas dizem respeito às precipitações, temperaturas e suas anomalias, bem como outras, tais como umidade do solo, geadas e de modelos climáticos de prognósticos temporais. Tais informações são utilizadas para acompanhamento das condições das culturas ao longo de todo o seu ciclo de desenvolvimento.



3.5. METODOLOGIA SUBJETIVA

A metodologia subjetiva é realizada através de questionários junto às entidades e aos órgãos diretamente ligados aos agricultores que, de uma forma geral, já procedem a primeira consolidação dos dados.

A metodologia adotada é a pesquisa amostral estratificada por roteiro em cada estado após a divisão do estado por grandes regiões, com coleta de informações por meio da aplicação direta de questionários aos detentores das informações dos órgãos pesquisados.

Para compensar as probabilidades desiguais de captação, são atribuídas ponderações diferenciadas a cada produto distinto da safra de grãos, chamados de fatores naturais de expansão. A calibração dos fatores naturais de expansão consiste em estimar novos pesos para cada grupo de elementos da amostra, por meio de ajustes dos pesos naturais do dese-

nho segundo informações de variáveis auxiliares da amostra.

As unidades de investigação são as áreas de jurisdição do município ou de um conjunto de municípios produtores, incluídos no roteiro de cada estado e as visitas são realizadas pela equipe técnica da Companhia. Os informantes da pesquisa são os produtores e técnicos de cooperativas, empresas de assistência técnica e extensão rural (públicas e privadas), secretarias municipais de agricultura, revendas de insumos, agentes financeiros e outros órgãos que possam contribuir com informações relevantes na unidade amostral, sobre as diversas culturas pesquisadas.

As variáveis investigadas podem ser resumidas em área, produtividade, estágio da cultura, condição da lavoura, qualidade do produto e outros dados da cultura como as pragas e doenças.

3.6. OUTRAS INFORMAÇÕES

O método utilizado para o acompanhamento e a avaliação da safra de grãos se complementa com informações que contribuem para aumentar o grau de confiabilidade dos resultados, tais como:

o crédito rural, o mercado de insumos, os preços recebidos pelo produtor, os dados da balança comercial, o câmbio e as análises das perspectivas econômicas.

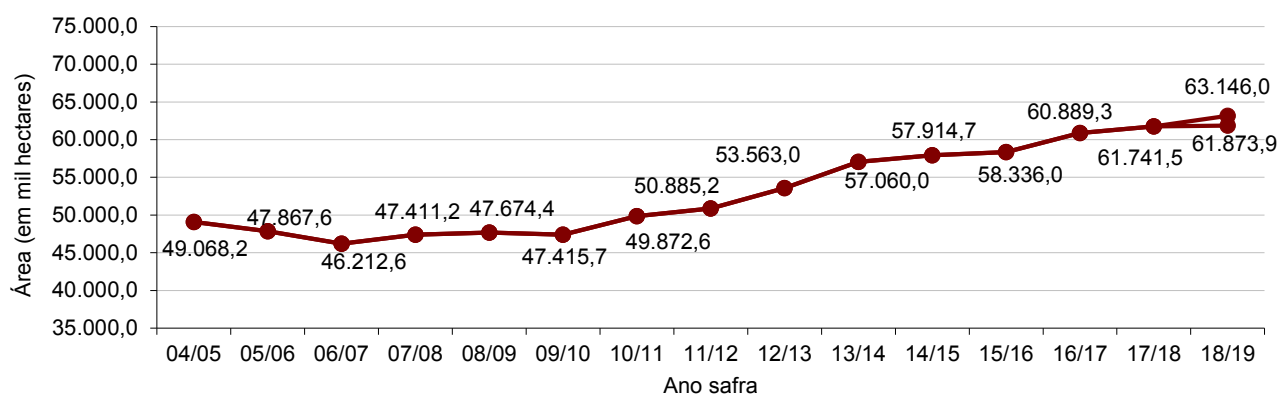




4. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

A estimativa dos limites inferiores e superiores de área plantada tem como base as informações coletadas nas pesquisas atualizadas de campo, além do comportamento das séries históricas de cada cultura, constante no banco de dados da Conab desde 1976. A perspectiva é de aumento de 0,2 a 2,3% na área para o plantio da safra 2018/19, que poderá variar de 61,9 a 63,1 milhões de hectares. Tal situação pode ser explicada pelo aumento na área de algodão e soja.

Gráfico 1 - Comportamento da área cultivada



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada - grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	1.174,7	1.271,6	1.414,7	8,2	20,4	96,9	240,0
AMENDOIM TOTAL	138,3	139,7	142,8	1,0	3,3	1,4	4,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	132,1	133,5	136,6	1,1	3,4	1,4	4,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	6,4	6,2	6,2	(3,1)	(3,1)	(0,2)	(0,2)
ARROZ	1.972,8	1.846,9	1.976,9	(6,4)	0,2	(125,9)	4,1
ARROZ SEQUEIRO	539,0	491,6	531,0	(8,8)	(1,5)	(47,4)	(8,0)
ARROZ IRRIGADO	1.433,8	1.355,3	1.445,9	(5,5)	0,8	(78,5)	12,1
FEIJÃO TOTAL	3.175,6	3.071,7	3.116,0	(3,3)	(1,9)	(103,9)	(59,6)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.334,2	1.266,3	1.290,3	(5,1)	(3,3)	(67,9)	(43,9)
FEIJÃO TOTAL PRETO	328,7	316,5	324,0	(3,7)	(1,4)	(12,2)	(4,7)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.512,7	1.488,9	1.501,7	(1,6)	(0,7)	(23,8)	(11,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,6	953,0	991,2	(9,5)	(5,9)	(100,6)	(62,4)
CORES	462,4	395,3	418,2	(14,5)	(9,6)	(67,1)	(44,2)
PRETO	180,2	168,0	175,5	(6,8)	(2,6)	(12,2)	(4,7)
CAUPI	411,0	389,7	397,5	(5,2)	(3,3)	(21,3)	(13,5)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.532,7	1.529,4	1.535,5	(0,2)	0,2	(3,3)	2,8
CORES	378,0	377,2	378,3	(0,2)	0,1	(0,8)	0,3
PRETO	131,4	131,4	131,4	-	-	-	-
CAUPI	1.023,3	1.020,8	1.025,8	(0,2)	0,2	(2,5)	2,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	589,3	589,3	589,3	-	-	-	-
CORES	493,5	493,8	493,8	0,1	0,1	0,3	0,3
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-	-	-
CAUPI	78,4	78,4	78,4	-	-	-	-
GIRASSOL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	(0,2)	0,2
MAMONA	31,8	32,3	34,8	1,6	9,4	0,5	3,0
MILHO TOTAL	16.631,8	16.609,4	16.823,2	(0,1)	1,2	(22,4)	191,4
MILHO 1ª SAFRA	5.082,1	5.059,7	5.273,5	(0,4)	3,8	(22,4)	191,4
MILHO 2ª SAFRA	11.549,7	11.549,7	11.549,7	-	-	-	-
SOJA	35.149,2	35.446,3	36.174,2	0,8	2,9	297,1	1.025,0
SORGO	782,2	776,1	783,1	(0,8)	0,1	(6,1)	0,9
SUBTOTAL	59.152,1	59.289,3	60.561,4	0,2	2,4	137,2	1.409,3
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2018(a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	375,6	375,6	375,6	-	-	-	-
CANOLA	35,5	35,5	35,5	-	-	-	-
CENTEIO	3,7	3,7	3,7	-	-	-	-
CEVADA	111,9	111,9	111,9	-	-	-	-
TRIGO	2.038,6	2.038,6	2.038,6	-	-	-	-
TRITICALE	19,3	19,3	19,3	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.584,6	2.584,6	2.584,6	-	-	-	(2.584,6)
BRASIL	61.736,7	61.873,9	63.146,0	0,2	2,3	137,2	1.409,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Nesse primeiro levantamento de intenção de plantio da safra 2018/19, a Conab, para se chegar à produtividade estimada, baseia-se nas análises estatísticas das séries históricas de produtividade e dos pacotes tecnológicos.

A análise estatística leva em consideração todas as variáveis das últimas safras (safra recorde, quebra de safra e penalizações de manejo e clima), indicando o comportamento dessa importante variável no período analisado. Essa avaliação é complementada com as análises dos pacotes tecnológicos levantados pela Conab, que são parâmetros fundamentais nessa avaliação, que permite estabelecer as diretrizes da produtividade modal e normal do processo produtivo.

A primeira intenção de plantio nos oferece a perspectiva de produtividades menores do que as alcançadas na safra passada, mas próximas do normal e em consonância com o pacote tecnológico utilizado. Tal situação pode ser reconsiderada a partir do momento em que o plantio se desenvolve e os diversos parâmetros que compõe a produtividade (por exemplo: clima e tecnologia) tenham condições de ser melhor avaliados.

Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	17/18	18/19	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.560	2.456	(4,1)	(103,8)
ALGODÃO EM PLUMA	1.708	1.639	(4,0)	(68,5)
AMENDOIM TOTAL	3.696	3.680	(0,4)	(15,8)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.798	3.758	(1,1)	(40,5)
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.541	1.988	29,0	447,1
ARROZ	6.119	5.989	(2,1)	(130,2)
ARROZ SEQUEIRO	2.409	2.113	(12,3)	(296,4)
ARROZ IRRIGADO	7.513	7.383	(1,7)	(130,3)
FEIJÃO TOTAL	981	1.025	4,4	43,5
FEIJÃO TOTAL CORES	1.379	1.469	6,5	89,9
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.489	1.572	5,6	83,1
FEIJÃO TOTAL CAUPI	520	528	1,5	7,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.216	1.176	(3,3)	(40,4)
CORES	1.728	1.675	(3,1)	(53,3)
PRETO	1.655	1.726	4,3	71,7
CAUPI	449	420	(6,3)	(28,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	793	841	6,0	47,9
CORES	1.268	1.384	9,1	115,5
PRETO	1.368	1.489	8,8	120,2
CAUPI	522	558	6,9	36,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.050	1.253	19,3	202,8
CORES	1.137	1.365	20,1	228,2
PRETO	677	671	(0,8)	(5,7)
CAUPI	593	674	13,7	81,3
GIRASSOL	1.489	1.588	6,6	99,0
MAMONA	631	568	(10,1)	(63,9)
MILHO TOTAL	4.857	5.408	11,3	551,1
MILHO 1ª SAFRA	5.275	5.163	(2,1)	(111,6)
MILHO 2ª SAFRA	4.721	5.518	16,9	797,2
SOJA	3.394	3.302	(2,7)	(91,8)
SORGO	2.731	2.497	(8,6)	(233,6)
SUBTOTAL	3.737	3.826	2,4	89,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS		VARIAÇÃO	
	2018	2019	Percentual	Absoluta
	(a)	(b)	(b/a)	(b-a)
AVEIA	2.528	2.528	-	-
CANOLA	1.358	1.358	-	-
CENTEIO	2.216	2.216	-	-
CEVADA	3.527	3.527	-	-
TRIGO	2.646	2.646	-	-
TRITICALE	2.674	2.674	-	-
SUBTOTAL	2.649	2.649	-	-
BRASIL (2)	3.700	3.776	2,1	76,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em outubro/2018.





6. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção estimada, nesse primeiro levantamento para a safra 2018/19, indica um volume entre 233,6 e 238,5 milhões de toneladas. Variação entre 2,5 e 4,7% maior em relação à safra passada. Esse resultado representa uma possibilidade de aumento na produção entre 5,6 e 10,6 milhões de toneladas, com a expectativa de uma produção com comportamento normal de safras anteriores.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja pode alcançar uma produção entre 117 e 119,4 milhões de toneladas, enquanto o milho pode chegar à produção de até 91 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho pode ser maior em relação à safra 2017/18 e alcançar entre 26 e 27,3 milhões de toneladas. A estimativa para a segunda safra de milho é de até 63,7 milhões de toneladas, mantendo-se a área da safra anterior.

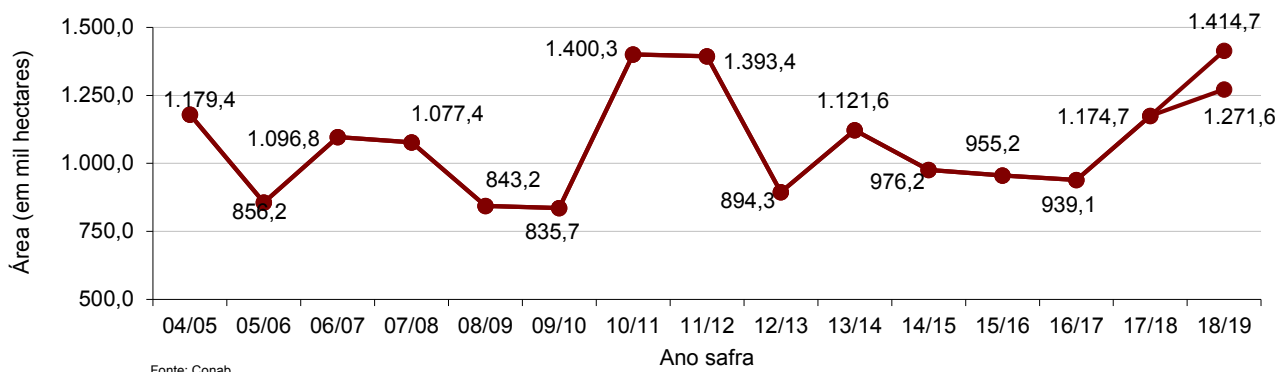
Para a atual safra, destaca-se a estimativa de aumento da produção de algodão, amendoim, feijão-comum cores e girassol.

6.1. ALGODÃO

O bom desempenho das cotações da pluma tanto no mercado interno quanto no externo estimulou os produtores nacionais a investirem fortemente na lavoura, sendo esperado incrementos recordes na área plantada. Fatores como taxa de câmbio e a evolução dos preços nas principais praças produtoras e o bom ritmo das exportações deverão, a depender das condições climáticas nessa temporada, contribuir para a consolidação

desse quadro. Ainda é cedo para avaliações mais precisas com relação à área a ser plantada, visto que o plantio concentra-se em dezembro e janeiro, levando em consideração que o produtor adequa sua estratégia de plantio a fim de evitar que a colheita ocorra no período chuvoso, a expectativa é que seja alcançada a maior área plantada com a cultura no país, ora estimada no intervalo entre 1.271,6 mil e 1.414,7 mil hectares.

Gráfico 1 - Comportamento da área cultivada de algodão

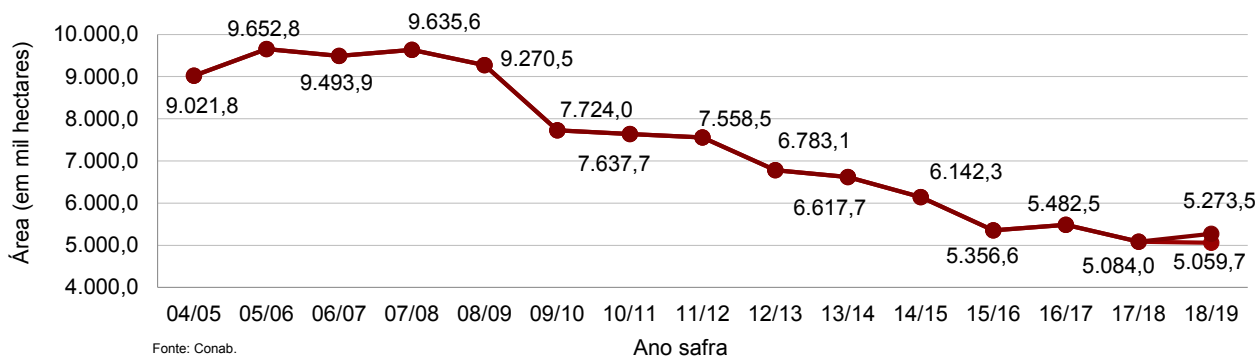


6.2. MILHO

A expectativa de normalização das chuvas, para a temporada que se inicia, é a grande aposta dos produtores do cereal em razão do promissor mercado que se vislumbra para o exercício que se inicia e que vem se fortalecendo a cada ano. As alternativas de exportação para o mercado chinês, os reflexos da taxa de câmbio, a fabricação de etanol a partir de milho, além do forte mercado interno produtor de proteína animal, são fa-

tores que dão suporte às expectativas otimistas. A definição da área plantada ficará, portanto, condicionada à evolução do clima nos próximos meses, que estimulará, caso ocorra normalização do clima, o uso de um pacote tecnológico avançado, fato não ocorrido na temporada que se encerrou. Por essa razão, a estimativa de área total deverá apresentar forte incremento, com um intervalo de 16.609,4 mil a 16.823,2 mil hectares.

Gráfico 2 - Comportamento da área cultivada de milho primeira safra



6.3. SOJA

A expectativa de um continuado suporte das cotações, reforçado pelas disputas diplomáticas envolvendo o maior produtor e o maior consumidor mundial da oleaginosa, já se faz sentir nos preços de exportação da oleaginosa brasileira, consolidando o principal produ-

to na evolução do agronegócio brasileiro. Essa cultura, que tradicionalmente impulsiona o incremento da área nacional produtora de grãos, deverá apresentar, neste exercício, intervalo de 35.446,3 mil e 36.174,2 mil hectares.

Gráfico 3 - Comportamento da área cultivada

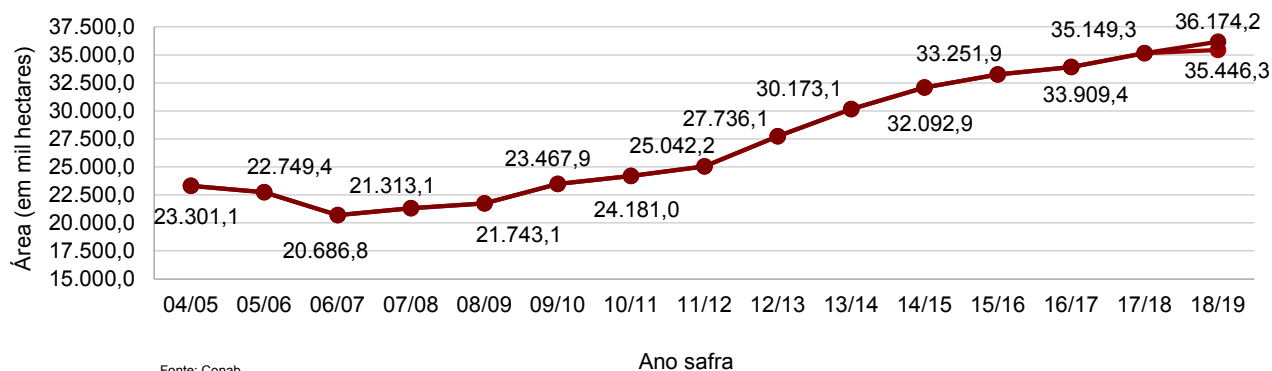


Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2017/18 (a)	2018/19		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	3.007,1	3.122,3	3.476,4	3,8	15,6	115,2	469,3
ALGODÃO - PLUMA	2.005,8	2.084,4	2.320,4	3,9	15,7	78,6	314,6
AMENDOIM TOTAL	511,1	514,0	525,6	0,6	2,8	2,9	14,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	501,7	501,7	513,3	-	2,3	-	11,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,4	12,3	12,3	30,9	30,9	2,9	2,9
ARROZ	12.064,2	11.044,9	11.854,9	(8,4)	(1,7)	(1.019,3)	(209,3)
ARROZ SEQUEIRO	1.298,5	1.038,8	1.161,5	(20,0)	(10,6)	(259,7)	(137,0)
ARROZ IRRIGADO	10.765,7	10.006,1	10.693,4	(7,1)	(0,7)	(759,6)	(72,3)
FEIJÃO TOTAL	3.116,5	3.136,2	3.205,0	0,6	2,8	19,7	88,5
FEIJÃO TOTAL CORES	1.840	1.855	1.901	0,8	3,3	14,6	61,1
FEIJÃO TOTAL PRETO	490	497	510	1,5	4,2	7,4	20,5
FEIJÃO TOTAL CAUPI	787	785	794	(0,2)	0,9	(1,9)	7,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.281,6	1.111,8	1.174,5	(13,2)	(8,4)	(169,8)	(107,1)
CORES	799,0	659,1	703,3	(17,5)	(12,0)	(139,9)	(95,7)
PRETO	298,2	290,0	303,1	(2,7)	1,6	(8,2)	4,9
CAUPI	184,4	162,8	168,2	(11,7)	(8,8)	(21,6)	(16,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.216,0	1.286,3	1.292,4	5,8	6,3	70,3	76,4
CORES	480,3	521,5	523,8	8,6	9,1	41,2	43,5
PRETO	179,9	195,6	195,6	8,7	8,7	15,7	15,7
CAUPI	555,9	569,2	573,0	2,4	3,1	13,3	17,1
FEIJÃO 3ª SAFRA	619,0	738,4	738,4	19,3	19,3	119,4	119,4
CORES	560,8	674,1	674,1	20,2	20,2	113,3	113,3
PRETO	11,6	11,5	11,5	(0,9)	(0,9)	(0,1)	(0,1)
CAUPI	46,5	52,9	52,9	13,8	13,8	6,4	6,4
GIRASSOL	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8	9,1	9,7
MAMONA	20,0	18,3	19,7	(8,5)	(1,5)	(1,7)	(0,3)
MILHO TOTAL	80.786,2	89.734,3	91.084,3	11,1	12,7	8.948,1	10.298,1
MILHO 1ª SAFRA	26.810,9	25.999,8	27.349,8	(3,0)	2,0	(811,1)	538,9
MILHO 2ª SAFRA	53.975,2	63.734,5	63.734,5	18,1	18,1	9.759,3	9.759,3
SOJA	119.281,7	117.049,7	119.427,5	(1,9)	0,1	(2.232,0)	145,8
SORGO	2.135,8	1.941,5	1.952,1	(9,1)	(8,6)	(194,3)	(183,7)
SUBTOTAL	221.064,8	226.712,5	231.697,4	2,6	4,8	5.647,7	10.632,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2018(a)	2019		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	949,4	949,4	949,4	-	-	-	-
CANOLA	48,2	48,2	48,2	-	-	-	-
CENTEIO	8,2	8,2	8,2	-	-	-	-
CEVADA	394,6	394,6	394,6	-	-	-	-
TRIGO	5.393,9	5.393,9	5.393,9	-	-	-	-
TRITICALE	51,6	51,6	51,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	6.845,9	6.845,9	6.845,9	-	-	-	-
BRASIL	227.910,7	233.558,4	238.543,3	2,5	4,7	5.647,7	10.632,6

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	3.010,4	3.013,7	3.091,2	0,1	2,7	3.178	3.275	3,1	9.568,4	9.870,3	10.124,7	3,2	5,8
RR	67,3	67,3	67,3	-	-	3.941	3.949	0,2	265,2	265,8	265,8	0,2	0,2
RO	563,6	563,6	573,6	-	1,8	3.518	3.541	0,6	1.982,9	1.996,7	2.029,5	0,7	2,4
AC	44,1	44,5	44,6	0,9	1,1	2.116	2.089	(1,3)	93,3	92,9	93,2	(0,4)	(0,1)
AM	14,3	14,6	15,0	2,1	4,9	2.121	2.142	1,0	30,3	31,3	32,1	3,2	5,8
AP	24,7	24,7	24,7	-	-	2.538	2.462	(3,0)	62,7	60,8	60,8	(3,0)	(3,0)
PA	893,5	892,3	908,3	(0,1)	1,7	2.856	3.010	5,4	2.551,9	2.684,7	2.734,4	5,2	7,2
TO	1.402,9	1.406,7	1.457,7	0,3	3,9	3.266	3.368	3,1	4.582,0	4.738,1	4.908,8	3,4	7,1
NORDESTE	8.354,6	8.347,8	8.514,8	(0,1)	1,9	2.491	2.260	(9,3)	20.814,4	18.805,5	19.303,3	(9,7)	(7,3)
MA	1.818,6	1.837,6	1.856,7	1,0	2,1	3.071	2.812	(8,4)	5.585,6	5.166,0	5.223,1	(7,5)	(6,5)
PI	1.534,2	1.552,6	1.591,5	1,2	3,7	2.779	2.452	(11,7)	4.263,4	3.798,4	3.912,4	(10,9)	(8,2)
CE	946,6	946,6	946,6	-	-	570	514	(9,8)	539,4	486,6	486,6	(9,8)	(9,8)
RN	88,7	88,7	88,7	-	-	489	482	(1,4)	43,3	42,8	42,8	(1,3)	(1,3)
PB	220,6	220,6	220,6	-	-	614	447	(27,3)	135,4	98,5	98,5	(27,2)	(27,2)
PE	461,8	461,8	461,8	-	-	476	468	(1,7)	220,0	216,0	216,0	(1,8)	(1,8)
AL	67,2	67,2	67,2	-	-	1.285	1.243	(3,3)	86,4	83,5	83,5	(3,3)	(3,3)
SE	173,1	172,4	172,4	(0,4)	(0,4)	1.281	3.913	205,5	221,7	674,6	674,6	204,3	204,3
BA	3.043,8	3.000,3	3.109,3	(1,4)	2,2	3.193	2.751	(13,9)	9.719,1	8.239,1	8.565,9	(15,2)	(11,9)
CENTRO-OESTE	25.355,6	25.584,6	26.099,5	0,9	2,9	3.951	4.073	3,1	100.171,0	104.406,9	106.115,4	4,2	5,9
MT	15.343,0	15.385,6	15.740,5	0,3	2,6	4.022	4.046	0,6	61.713,8	62.419,3	63.524,7	1,1	2,9
MS	4.544,7	4.628,5	4.698,3	1,8	3,4	3.611	4.014	11,2	16.410,7	18.595,5	18.841,2	13,3	14,8
GO	5.306,6	5.410,6	5.497,5	2,0	3,6	4.006	4.172	4,1	21.256,6	22.584,4	22.925,7	6,2	7,9
DF	161,3	159,9	163,2	(0,9)	1,2	4.897	5.050	3,1	789,9	807,7	823,9	2,3	4,3
SUDESTE	5.558,9	5.566,9	5.709,9	0,1	2,7	4.075	4.165	2,2	22.655,3	23.120,0	23.843,0	2,1	5,2
MG	3.347,2	3.372,7	3.479,0	0,8	3,9	4.235	4.193	(1,0)	14.174,9	14.079,8	14.648,9	(0,7)	3,3
ES	28,2	28,2	28,2	-	-	1.927	1.882	(2,4)	54,3	53,1	53,1	(2,3)	(2,3)
RJ	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0	1.828	1.926	5,3	4,6	5,0	5,0	9,6	9,6
SP	2.181,0	2.163,4	2.200,1	(0,8)	0,9	3.861	4.152	7,5	8.421,5	8.982,2	9.136,0	6,7	8,5
SUL	19.457,0	19.360,9	19.730,6	(0,5)	1,4	3.839	4.004	4,3	74.701,7	77.355,7	79.156,9	3,6	6,0
PR	9.565,6	9.576,3	9.625,9	0,1	0,6	3.678	3.928	6,8	35.185,9	37.604,4	37.828,0	6,9	7,5
SC	1.273,5	1.258,9	1.275,0	(1,1)	0,1	4.961	4.945	(0,3)	6.318,2	6.230,6	6.300,4	(1,4)	(0,3)
RS	8.617,9	8.525,7	8.829,7	(1,1)	2,5	3.852	3.950	2,5	33.197,5	33.520,8	35.028,6	1,0	5,5
NORTE/NORDESTE	11.365,0	11.361,5	11.606,0	-	2,1	2.673	2.530	(5,4)	30.382,8	28.675,8	29.428,0	(5,6)	(3,1)
CENTRO-SUL	50.371,5	50.512,4	51.540,0	0,3	2,3	3.921	4.057	3,5	197.527,9	204.882,6	209.115,3	3,7	5,9
BRASIL	61.736,5	61.873,9	63.146,0	0,2	2,3	3.692	3.776	2,3	227.910,7	233.558,4	238.543,3	2,5	4,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em outubro/2018.





7. CRÉDITO RURAL

O crédito rural levanta informações adicionais para melhor compreensão dessa complexa estrutura como, condições climáticas, receita bruta dos produtores rurais e uma análise sobre o crédito rural.

Este trabalho tem como foco o crédito rural obtido e utilizado pelos produtores rurais. Nessa seara, proporemos uma visão dual desse expediente, sejam eles: o crédito oficial, do qual as informações são retiradas do sítio do Banco Central do Brasil e faz referência aos valores aportados via importantes programas de auxílio à agricultura como, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e o financiamento sem vínculo a programa específico e o crédito advindo de outras fontes, como os fornecedores de insumos ou *tradings*.

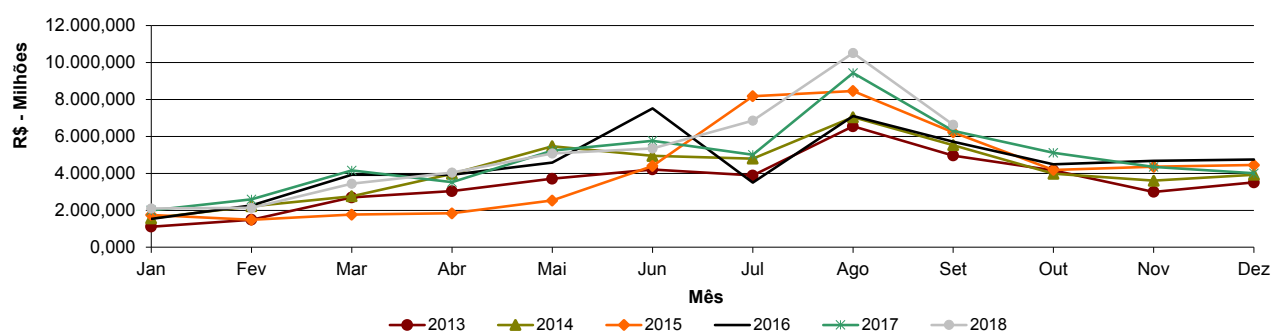
Isso posto, em cada um dos 12 levantamentos realizados pela Conab serão apresentadas as informações agregadas para os programas existentes, também serão mostrados dados agregados para as regiões brasileiras no âmbito do Crédito Rural oficial e, por fim, detalharemos para uma ou duas culturas em específico, as informações tanto do crédito oficial como também as informações das demais fontes de crédito utilizadas pelos produtores rurais brasileiros. Notadamente, nesse primeiro levantamento da safra 2018/19, serão debatidas informações acerca do milho primeira safra.

7.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

Os dados apresentados a seguir foram retirados do sítio oficial do Banco Central do Brasil, na área relacionada à Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR). O acesso para a obtenção das informações foi realizado no dia 02 de outubro de 2018.

O valor total aportado, via crédito oficial, em setembro de 2018, foi de R\$ 6,63 bilhões, é esse valor 5% superior ao observado para o mesmo período em 2017. Já o valor disponibilizado acumulado entre janeiro e setembro de 2018 foi de R\$ 46,15 bilhões, frente aos R\$ 44 bilhões disponibilizados no mesmo período de 2017.

Gráfico 1 – Financiamento total – Mês a mês– Janeiro a setembro de 2013 a 2018



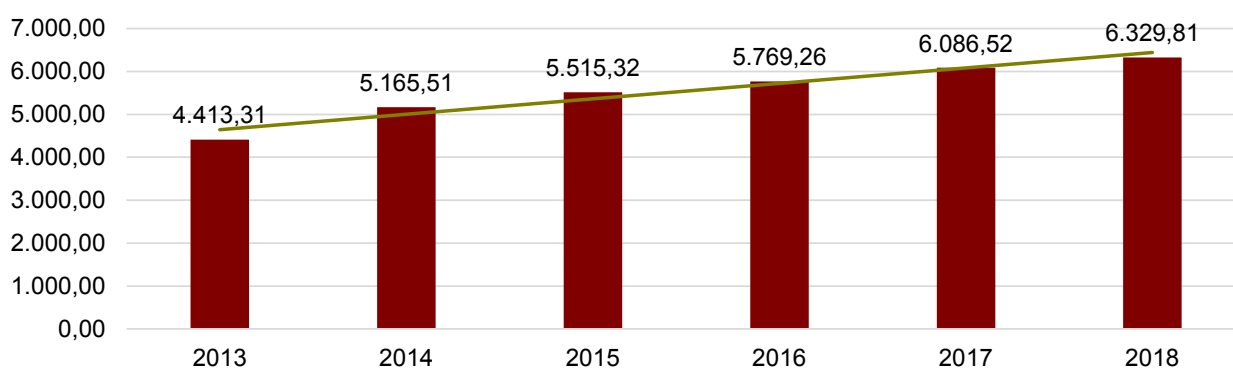
Fonte: Bacen.

O valor oficial total supracitado pode ser subdividido entre as três formas de entrada para o aporte (Pronaf, Pronamp e financiamento sem vínculo a programa específico). Isso posto, os quantitativos, em setembro, para cada uma dessas possíveis formas de aporte foram: R\$ 1,04 bilhão para o Pronaf (7,5% menor do que o valor observado em setembro de 2017); R\$ 1,2 bilhão para o Pronamp (9,5% menor do que o valor observado em setembro de 2017), e, por fim, R\$ 4,39 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (7,2% maior que o valor aportado em setembro de 2017).

Outra forma de acompanhar o crédito rural no esco-

po dos programas em análise consiste em verificar os quantitativos acumulados, no ano civil, de janeiro a setembro para cada um dos programas. Isso posto, apresentam-se os seguintes valores: para o Pronaf o valor acumulado entre janeiro e setembro de 2018 foi de 6,33 bilhões (aumento de 4% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior) para o Pronamp o valor de R\$ 8,5 bilhões (aumento de 9% em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior) e por fim, R\$ 31,32 bilhões no financiamento sem vínculo a programa específico (4% superior ao valor aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior).

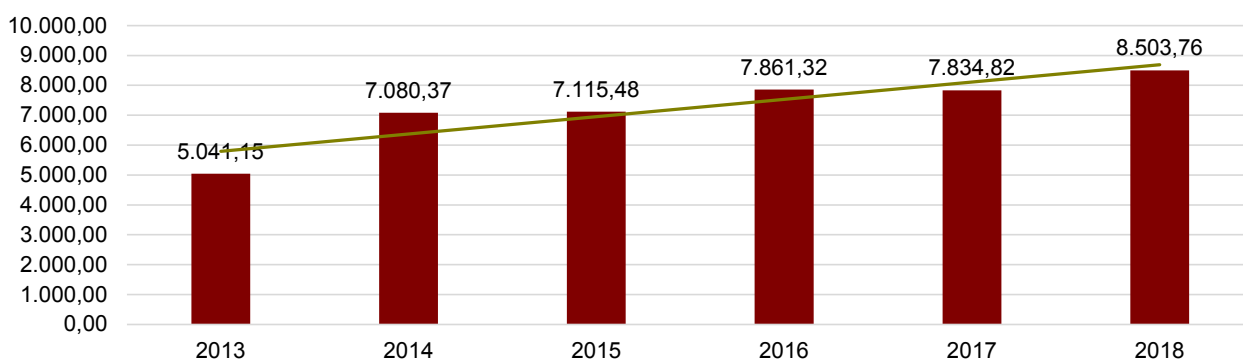
Gráfico 2 – Financiamento total acumulado – Pronaf - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

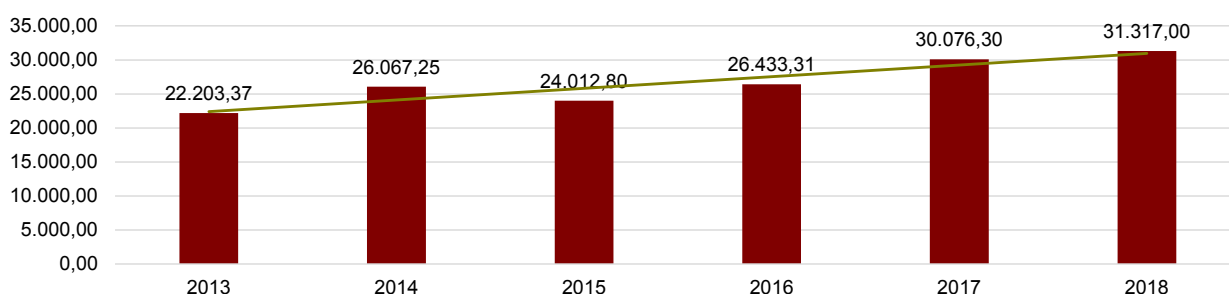


Gráfico 3 – Financiamento total acumulado – Pronamp - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 4 – Financiamento total acumulado– Sem vínculo a programa específico - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



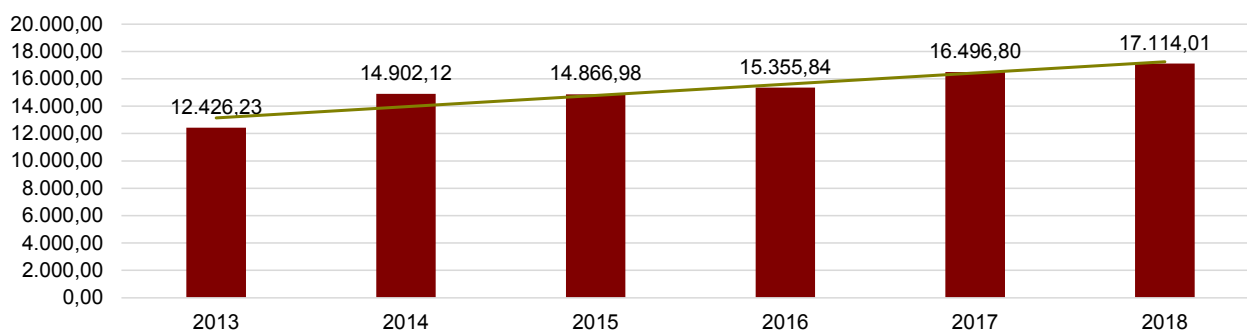
Fonte: Bacen.

É salutar apresentar os comportamentos e valores apresentados por cada região geográfica brasileira. Isso posto, verificar-se-ão os totais acumulados aportados em cada região e também o valor específico para setembro, em cada região.

A região brasileira que apresentou maior volume acu-

mulado de aporte no custeio da agricultura foi o a Região Sul, com valor de R\$ 17,15 bilhões, seguida pelo a Região Centro-Oeste com R\$ 13,91 bilhões, em seguida a região Sudeste com o valor de R\$ 9,08 bilhão, o a Região Nordeste com R\$ 4,40 bilhões e, por fim, a Região Norte com o valor total acumulado de R\$ 1,64 bilhões.

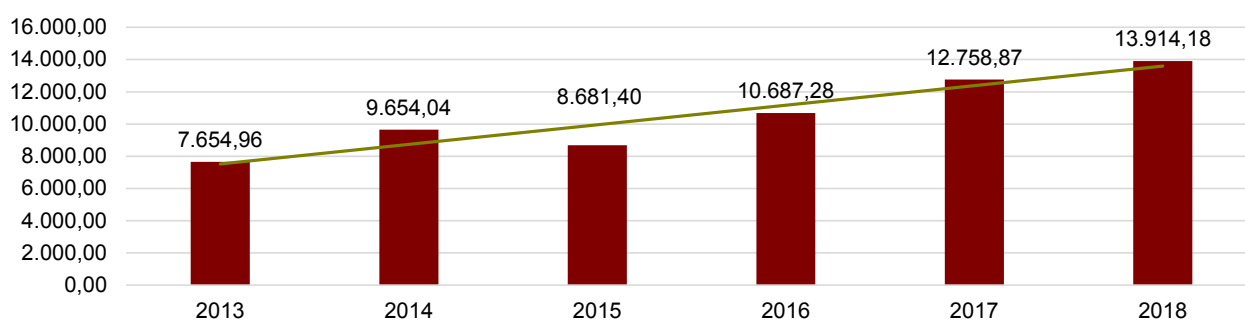
Gráfico 5 – Financiamento total acumulado– Região Sul - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

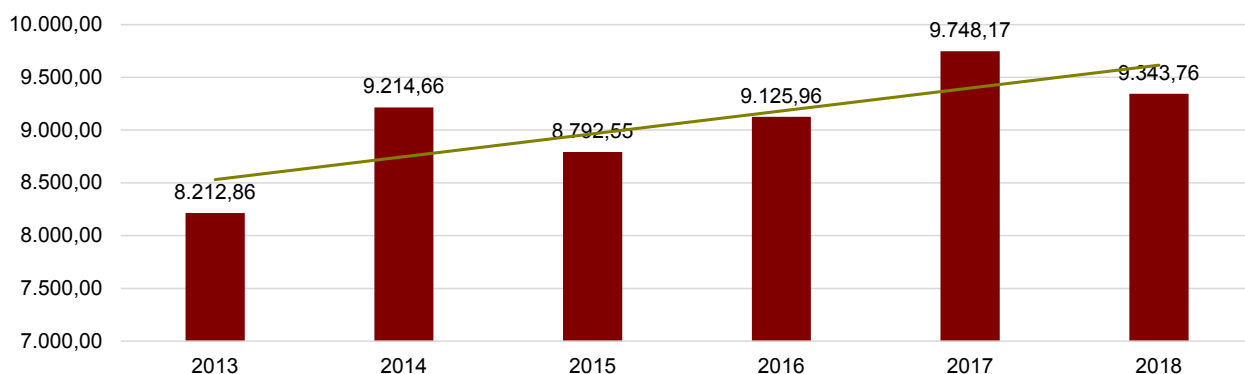


Gráfico 6 – Financiamento total acumulado– Região Centro-Oeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



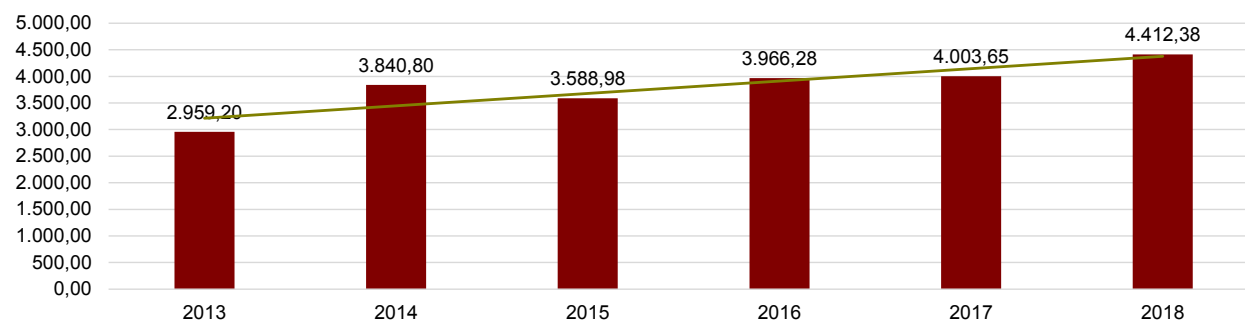
Fonte: Bacen.

Gráfico 7 – Financiamento total acumulado – Região Sudeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



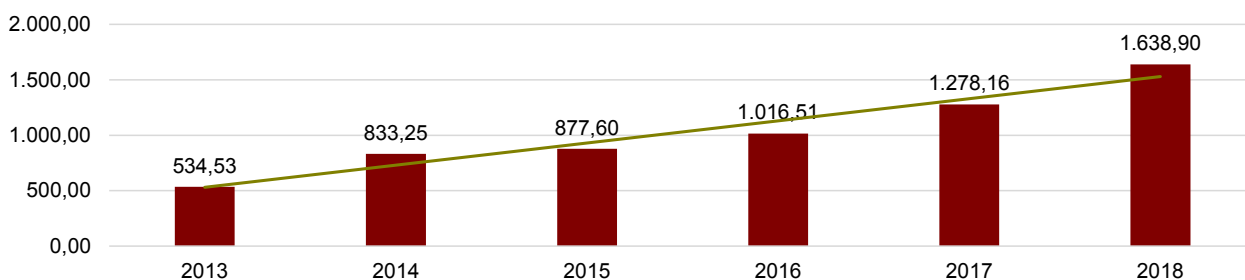
Fonte: Bacen.

Gráfico 8 – Financiamento total acumulado– Região Nordeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 9 – Financiamento total acumulado – Região Norte - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



7.2. A CULTURA DO MILHO

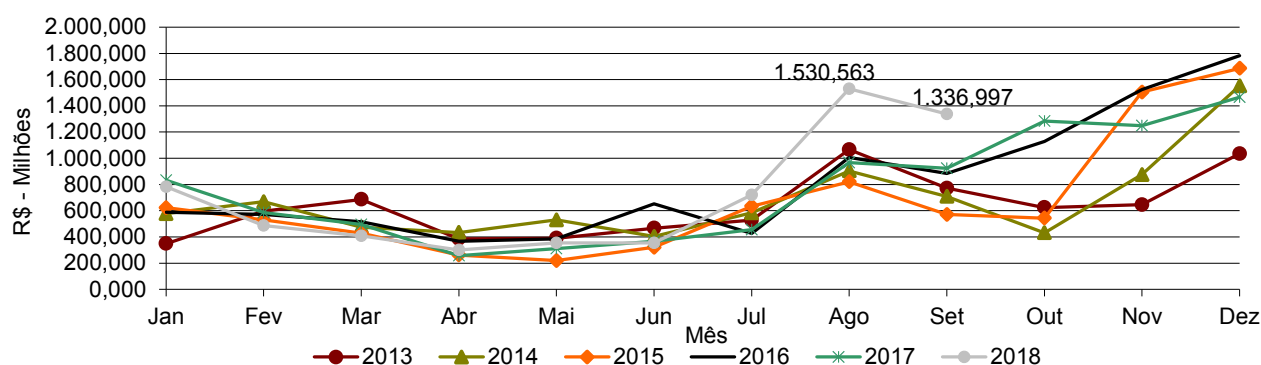
A partir desse ponto nos atinaremos apenas à cultura do milho (primeira Safra) tanto com as informações do crédito oficial (Bacen) como também dos financiamentos realizados em outras modalidades.

Portanto, a modalidade oficial traz números para o custeio inseridos no contexto do Pronaf, Pronamp e no financiamento sem vínculo com programa específico. O valor total aportado em setembro de 2018 foi de R\$ 1,337 bilhão, esse valor é 45% maior que o observado para setembro de 2017 (R\$ 924 milhões). Esse valor total está distribuído entre as três modalidades de financiamento da seguinte forma: R\$ 981 milhões na modalidade sem vínculo com programa específico,

54,78% maior que o aportado em setembro de 2017 (R\$ 364 milhões), R\$ 148 milhões via Pronamp, 75% maior que o valor observado para essa modalidade no mesmo período do ano anterior (R\$ 84 milhões) e, por fim, R\$ 206 milhões pelo Pronaf em setembro 2018, esse valor é 0,55% maior que o aportado em setembro de 2017 (R\$ 205 milhões).

Dessa maneira, é evidente o crescimento no financiamento total do custeio na cultura do milho, para a safra 2018/19. Pode-se ainda evidenciar os grandes valores observados nos meses de agosto e setembro de 2018.

Gráfico 10 – Financiamento total - Milho – Mês a mês– Janeiro a setembro de 2013 a 2018

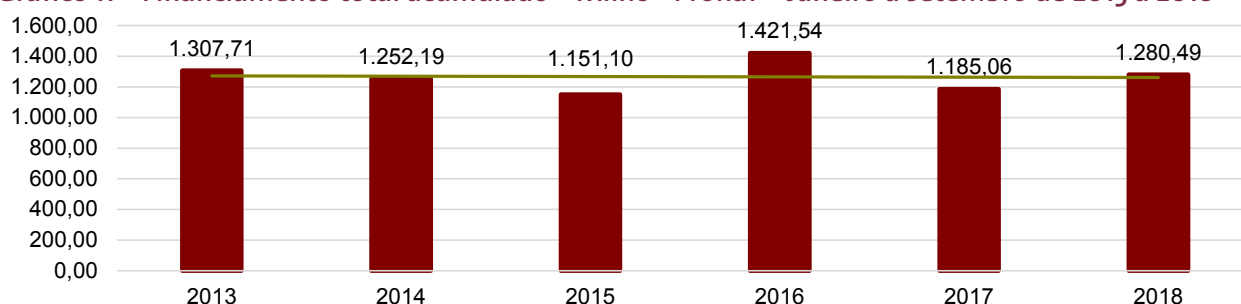


Fonte: Bacen.

No acumulado no ano, de janeiro a setembro, pode-se observar uma retomada de obtenção de crédito em

relação ao ano anterior em todos os programas mencionados.

Gráfico 11 – Financiamento total acumulado – Milho - Pronaf - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Gráfico 12 – Financiamento total acumulado – Milho - Pronamp - Janeiro a setembro de 2013 a 2018

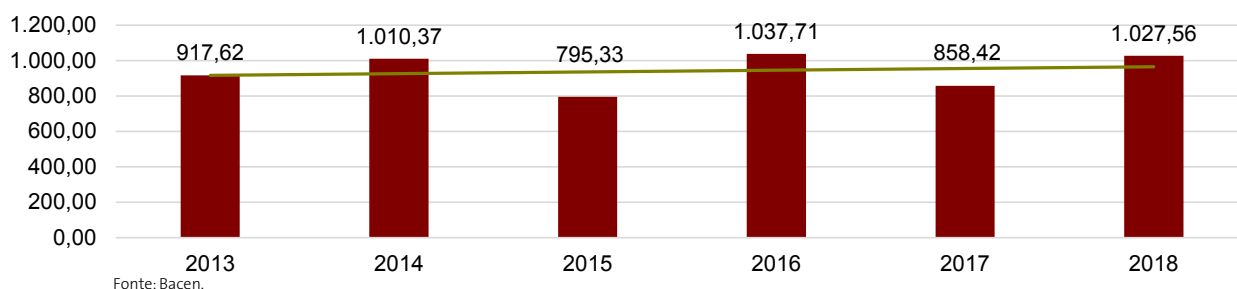
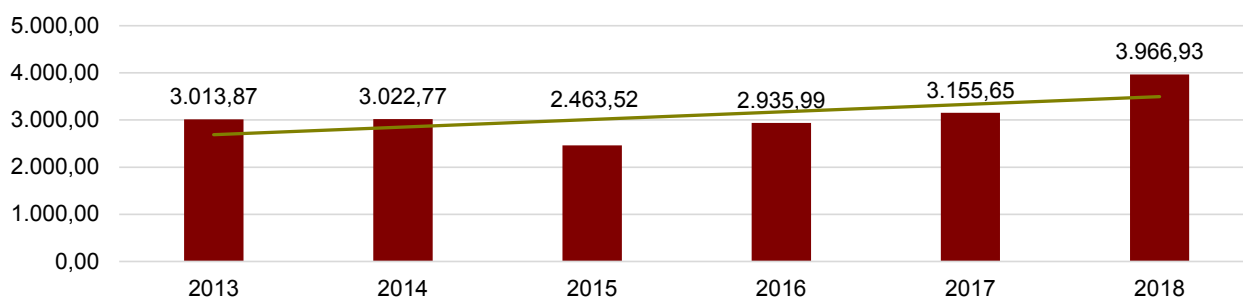


Gráfico 13 – Financiamento total acumulado – Milho – Sem vínculo a programa específico - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Outro aspecto interessante de visualizar o aporte para essa cultura consiste na observação dos montantes financiados em cada região brasileira, via modalidade oficial. Na maior região produtora de milho, Centro-Oeste, foram aportados R\$ 753 milhões em setem-

bro de 2018, 73% maior que o observado em setembro de 2017. Na região com menor produção brasileira de milho, a Norte, foram aportados R\$ 33,5 milhões, valor 43% maior que o aportado no mesmo período do ano imediatamente anterior.

Gráfico 14 – Financiamento total acumulado – Milho – Centro-Oeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018

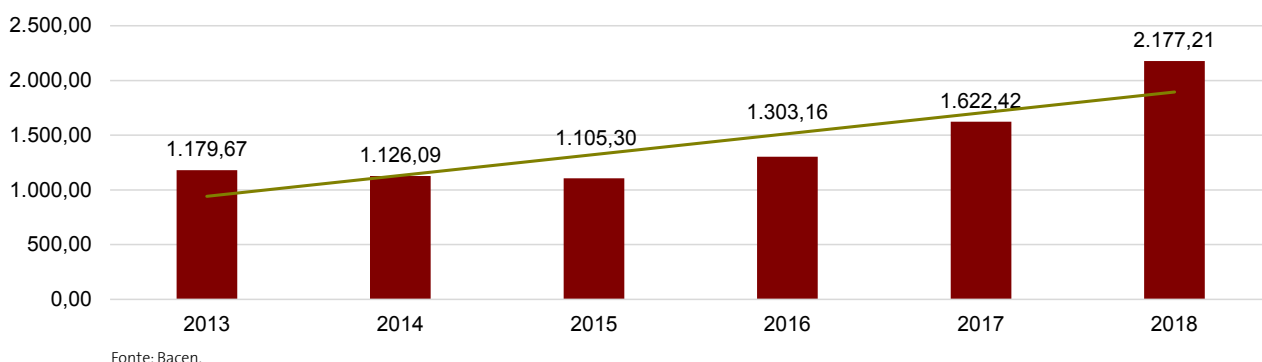
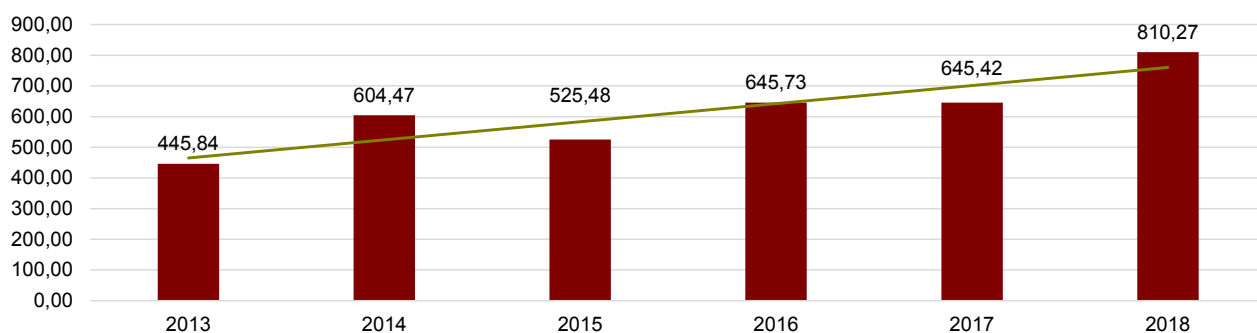
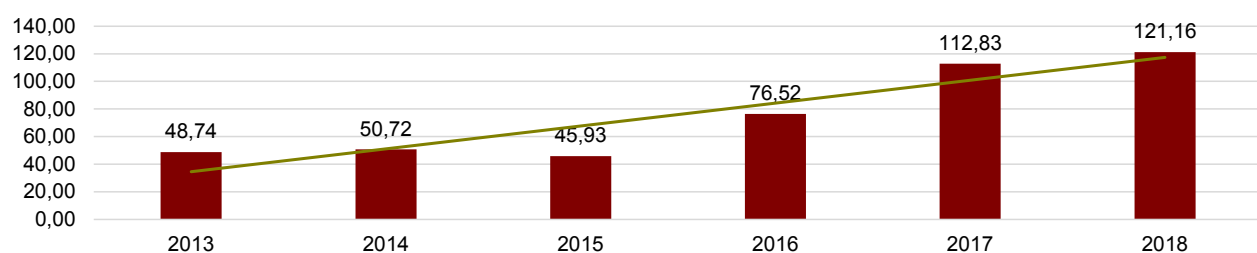


Gráfico 15 – Financiamento total acumulado – Milho – Nordeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



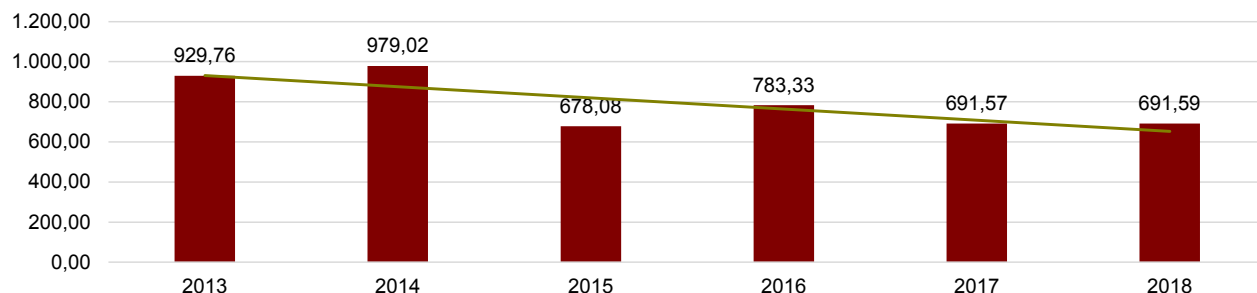
Fonte: Bacen.

Gráfico 16 – Financiamento total acumulado – Milho – Norte - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



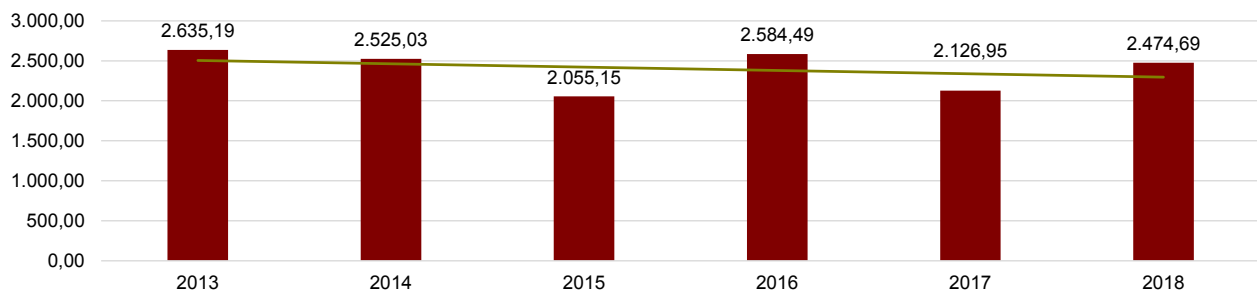
Fonte: Bacen.

Gráfico 17 – Financiamento total acumulado – Milho – Sudeste - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 18 – Financiamento total acumulado – Milho – Sul - Janeiro a setembro de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.



Nessa última parte do trabalho apresentamos as informações relacionadas tanto ao financiamento de crédito oficial bancário como as demais formas de aporte. Essa análise será dividida entre cada região brasileira.

Na Região Norte, Acre apresenta característica relevante na qual apenas a cultura do milho tem liberação de crédito, apenas o oficial, que é feito exclusivamente pelo Banco do Brasil e pelo Banco da Amazônia, outrossim, é importante ressaltar a dificuldade dos produtores em conseguir esse financiamento. Já no Pará, o acesso ao crédito se dá de forma lenta o que faz com que alguns produtores recorram às tradings. Em Rondônia, os produtores que cultivam o milho primeira safra o fazem objetivando ter matéria prima para alimentação animal de sua propriedade, assim, utilizam, predominantemente recursos próprios. Em Tocantins, maior produtor da região e pertencente à fronteira agrícola em expansão do Matopiba, o crédito de custeio para o milho primeira safra está distribuído da seguinte maneira: 55% é obtido por instituições bancárias e de fomento, 35% de fornecedores de insumos e 10% com recursos próprios.

Na Região Sul, Santa Catarina apresenta, para o financiamento do milho primeira safra, 57% advindos de instituições bancárias, 32% de fornecedores de insumo e 11% com recursos próprios.

Já na Região Centro-Oeste, maior produtora de milho, observa-se o seguinte cenário: no Distrito Federal 45% do financiamento é advindo de instituições bancárias, 35% de fornecedores de insumos e 20% são de recursos próprios. Para Goiás, o financiamento passa por bancos públicos e privados, revendas/cooperativas e financiamento próprio e está dividido da seguinte forma: 50% proveniente de bancos, 30% de revendas/cooperativas e 20% de recursos próprios. Em Mato Grosso do Sul, a cultura do milho primeira safra no estado não é expressiva, isso posto, o agricultor quase sempre, se utiliza do financiamento obtido para a cultura da soja para plantio e manejo. Finalmente, para o Mato Grosso, o financiamento ocorre via tradings e revendas, incluindo Barter e estão distribuídos da seguinte forma: 55% via empresas e tradings, 30% de instituições bancárias e 15% de recursos próprios.





8. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹- INMET - PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE PRIMAVERA

8.1. CARACTERÍSTICAS DA PRIMAVERA

A primavera no Hemisfério Sul inicia-se no dia 22 de setembro de 2018 às 22h53 e termina no dia 21 de dezembro às 20h22 (horário de verão). Climatologicamente é um período de transição entre as estações seca e chuvosa no setor central do Brasil, onde há o início da convergência de umidade, que define a qualidade do período chuvoso sobre as Regiões Centro-Oeste e Sudeste, bem como a parte centro-sul da Região Norte. Durante a estação, os volumes acumulados de precipitação no norte da Região Nordeste costumam ser inferiores a 100 mm, principalmente para o norte do Piauí e noroeste do Ceará. Os primeiros episódios da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) podem ocorrer durante a primavera, com chuvas no Sudeste, Centro-Oeste, Acre e Rondônia. Já na Região Sul podem ocorrer episódios de Complexos Convectivos de Mesoescala (CCM), que estão associados a chuvas fortes, rajadas de vento, descargas atmosféricas e eventual granizo. Com o gradativo aumento das chuvas em grande parte do país, nesta época do ano, tem-se o início do plantio das principais culturas de verão.

- Instituto Nacional de Meteorologia - Coordenação-Geral de Meteorologia Aplicada, Desenvolvimento e Pesquisa (CGMADP).

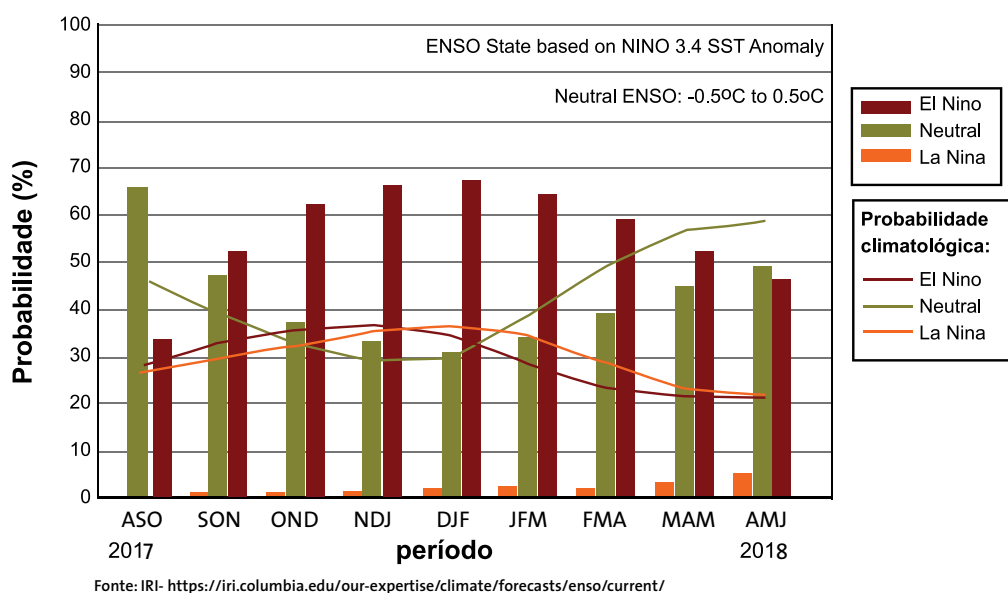
- Serviço de Pesquisa Aplicada (SEPEA).

8.2. PREVISÃO CLIMÁTICA PARA A PRIMAVERA

As condições do oceano e atmosfera no oceano Pacífico Equatorial, permaneceram neutras desde abril de 2018. Durante agosto, a Temperatura da Superfície do Mar (TSM) no oceano Pacífico Equatorial foi ligeiramente superior aos seus valores normais, porém ainda permanecem sob condições de neutralidade. A maioria dos modelos dinâmicos e estatísticos, gerados pelos principais centros internacionais de Meteorologia, indicam uma probabilidade superior a 60% que se desenvolva um novo episódio de El Niño, durante o final da primavera de 2018 e início do verão de 2019.

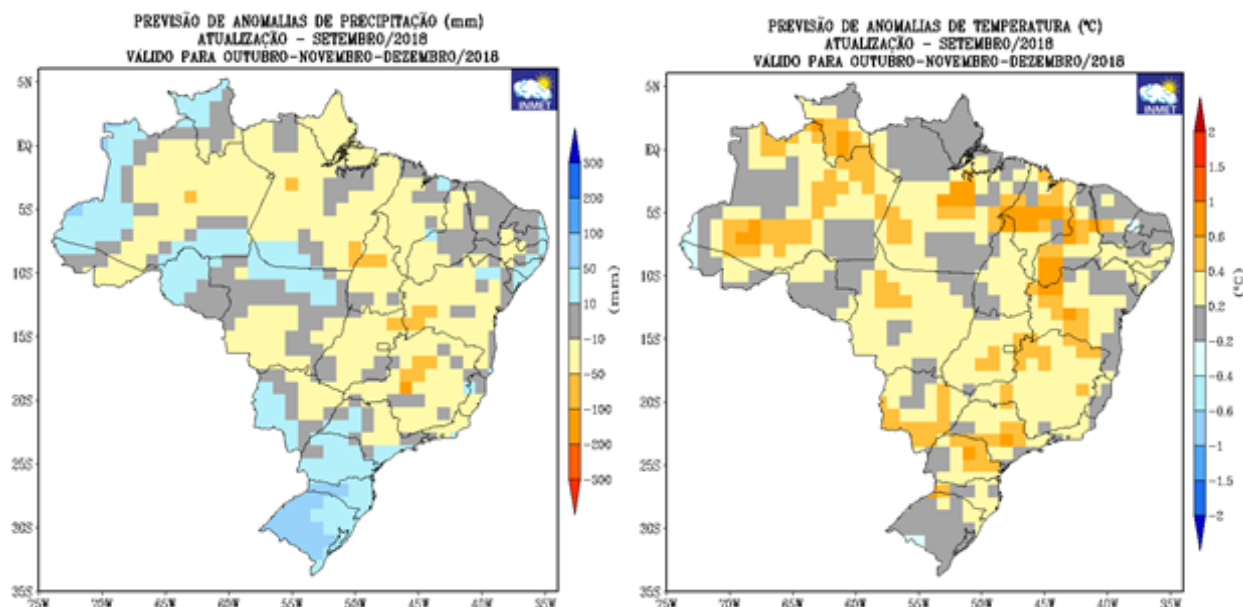
Entretanto, caso haja uma confirmação do fenômeno, provavelmente este será de curta duração e intensidade baixa ou moderada. Nesse sentido é fundamental esperar por atualizações futuras do progresso do El Niño por meio do monitoramento da TSM no Pacífico, pois existem outros fatores, como a temperatura na superfície do oceano Atlântico Tropical e na área oceânica próxima à costa do Uruguai e da Região Sul, que poderão influenciar o regime de chuvas no Brasil, dependendo da combinação desses fatores durante esta estação.

Gráfico 1 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



8.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO POR REGIÃO PARA O PERÍODO OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO/2018

Figura 1 - Previsão de anomalias de precipitação e temperatura média do ar do modelo estatístico do Inmet para o trimestre outubro, novembro e dezembro/2018



Fonte: Inmet.

8.3.1. REGIÃO NORTE

As maiores quantidades de chuva de junho a agosto ocorreram sobre Roraima e norte do Amazonas, com volumes superiores a 700 mm. Entretanto, grande parte da região apresentou chuvas abaixo da média, principalmente no noroeste do Pará e Amapá. Também foram registrados diversos episódios de friagem durante os meses de inverno (junho a agosto), que atingiram o Acre, Rondônia e sul do Amazonas. Destaca-se ainda que a baixa umidade favoreceu a ocorrência de incêndios florestais em localidades de Roraima e Tocantins.

8.3.2. REGIÃO NORDESTE

Na Região Nordeste, durante os meses de inverno, as chuvas registradas foram abaixo da média em grande parte da região. Contudo, mesmo na costa leste do Nordeste, em que o trimestre mais chuvoso corresponde de maio a julho, a ocorrência de chuvas, na maioria desse período, não resultou em acumulados elevados. Já no interior do Nordeste, mais precisamente na região chamada de Matopiba (Maranhão, Piauí, Bahia, e Tocantins), sul do Ceará e parte leste de Pernambuco, os totais de chuva ocorreram dentro da nor-

Para a primavera, os modelos climáticos indicam que a Região Norte deve apresentar forte variabilidade espacial na distribuição de chuvas, com significativa probabilidade de áreas com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo. É importante destacar que, normalmente existe uma redução das chuvas no meio norte do Pará, Roraima e Amapá, em que estas são inferiores a 400 mm, durante outubro e dezembro. Já na parte oeste do Amazonas, Roraima, Acre e Rondônia, bem como o extremo-sul do Pará haverá possibilidade de chuvas acima da média. As temperaturas serão de normal a acima da média.

malidade, com valores inferiores a 50 mm.

A previsão do modelo estatístico do Inmet para a primavera, indica o predomínio de áreas com maior probabilidade de chuvas próximas à média ou ligeiramente abaixo durante a estação. Ressalta-se que o trimestre de outubro a dezembro é o mais seco da parte leste do Nordeste. As temperaturas estarão mais elevadas sobre a região sul do Maranhão e do Piauí e no oeste da Bahia.

8.3.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

A Região Centro-Oeste apresentou chuvas de normal a ligeiramente abaixo da normal durante o inverno, segundo sua característica climatológica, que é de baixa ou nenhuma pluviosidade. Com a permanência das massas de ar seco e quente de junho a agosto, as temperaturas médias foram acima da normal climatológica e favoreceu a ocorrência de queimadas e incêndios florestais, principalmente em Mato Grosso e Goiás. Em alguns dias, de junho a setembro, a umidade relativa do ar apresentou valores abaixo de 20% nos horários com temperaturas mais elevadas. Já em localidades no sudoeste do

Mato Grosso e leste do Mato Grosso do Sul, as temperaturas médias foram abaixo da média, devido à entrada de algumas massas de ar frio que passaram pelo Brasil.

A previsão para a primavera indica alta probabilidade das chuvas ocorrerem de normal a ligeiramente abaixo da normal em grande parte da Região Centro-Oeste, exceto no sudoeste do Mato Grosso do Sul e extremo-norte mato-grossense, em que as chuvas serão mais regulares. As temperaturas serão acima da média, principalmente no sul do Mato Grosso do Sul.

8.3.4. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a ação dos sistemas de alta pressão que atuaram em junho e julho sobre grande parte do Brasil inibiu o avanço de sistemas frontais nesta região e a distribuição espacial das chuvas seguiu as suas características típicas para o período, com baixa ou ausência de precipitação. Entretanto, as chuvas dos primeiros dias de agosto de 2018 igualaram ou ultrapassaram a média climatológica. Além disso, houve alguns episódios de geadas, com intensidade variando de fraca a forte em São Paulo

e Minas Gerais, principalmente em julho e agosto.

A previsão para os próximos três meses indica que devem permanecer áreas com chuvas abaixo da faixa normal nesta estação, exceto em algumas áreas de São Paulo em que podem haver chuvas mais fortes, principalmente em novembro. De modo geral, o modelo climático do Inmet indica que as temperaturas devem permanecer acima da média em grande parte da região no mesmo período.

8.3.5. REGIÃO SUL

Durante os meses de inverno, os maiores volumes de chuva ocorreram no centro-leste do Rio Grande do Sul e sudeste de Santa Catarina. Logo nos primeiros dias de junho se deu o início da temporada de temperaturas abaixo de zero grau. A atuação das massas de ar frio ao longo do trimestre junho-julho-agosto causaram queda na temperatura e formação de geadas, com intensidade variando de moderada a forte, em áreas serranas e planalto. Destaca-se que durante a primeira semana de julho e também de agosto houve registro de neve na serra catarinense. De modo geral, o inverno seguiu um comportamento típico da estação.

O indicativo de um possível retorno do evento El Niño durante esta primavera, aliado a um aumento da temperatura no oceano Atlântico sobre a costa da Argentina e sul do Brasil, contribuem para o aumento das precipitações em grande parte da Região Sul. Portanto, o prognóstico da primavera indica que as chuvas deverão ficar acima da faixa normal nos três estados da região, enquanto que as temperaturas médias devem predominar dentro da normalidade no Rio Grande do Sul e acima da média no restante dos estados.

Para maiores detalhes acesse: <http://www.inmet.gov.br/portal>





9. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

9.1. REGIÃO NORTE

9.1.1. AMAZONAS

As chuvas ocorreram dentro da normalidade. O monitoramento hidrológico indica, de forma geral, condições de vazante nas Bacias Hidrográficas do estado. A Bacia Hidrográfica do Rio Negro apresenta cotas expressivamente altas para o período. As cotas da Bacia Hidrográfica do Rio Solimões estão mais estáveis, com exceção de Fonte Boa, onde a velocidade de descida no nível do rio ainda é alta. Na Bacia Hidrográfica do Rio Purus, os níveis estão expressivamente baixos. Em Beruri, os níveis do rio se encontram estabilizados. As Hidrografias das Bacias do Rio Madeira e do Amazonas se encontram em processo regular de vazante.

9.1.2. ACRE

As condições climáticas para a safra 2018/19 são favoráveis ao desenvolvimento das culturas de grãos do Acre. Houve chuvas em setembro, o que indica boa perspectiva para produção granífera.

9.1.3. PARÁ

As chuvas reduziram gradualmente no Pará, praticamente em todas as regiões produtoras de grãos, com destaque para a mesorregião sudeste. Esse comportamento é considerado normal para o período e deve

perdurar até meados de novembro.

9.1.4. TOCANTINS

O clima predominante em Tocantins é o tropical seco, que é caracterizado por uma estação chuvosa (de outubro a abril) e outra seca (de maio a setembro). A

normalização das chuvas é esperada para o final de outubro e início de novembro.

9.2. REGIÃO NORDESTE

9.2.1. ALAGOAS

As condições climáticas foram desfavoráveis para a produção de grãos no estado de Alagoas diante da redução da precipitação, combinado com períodos

de até 21 dias sem chuvas. Nos meses de maio, junho e julho, foi registrado, respectivamente, volumes de 25,72%, 52,75% e 40,92% abaixo da média histórica.

9.2.2. MARANHÃO

Predomínio do tempo seco, somado a altas temperaturas, na maioria das regiões pesquisadas, o que vem

favorecendo a incidência de um número elevado de focos de incêndios florestais.

9.2.3. PIAUÍ

No PiauÍ, em agosto, os valores máximos de chuva registrados foram inferiores a 10 mm. Em setembro não deve ser observado valores de precipitação superiores aos registrados em agosto. Para outubro, como historicamente se verifica o início do período chuvoso, estima-se valores de precipitação oscilando entre 120 mm e 180 mm.

temperaturas mínimas relativamente baixas em agosto e o aumento gradativo a partir de setembro. Em agosto, os valores máximos, acima de 33 °C, foram registrados no PiauÍ. Em setembro e outubro, temperaturas máximas, acima de 36 °C, ocorrem em todo o estado, exceto nas regiões serranas, onde as temperaturas mínimas deve ficar entre 12 °C e 15 °C.

A temperatura é caracterizada pela persistência de

9.2.5. SERGIPE

Os dados de precipitação das estações climatológicas automáticas do Inmet mostram, em geral, que os volumes são significativamente baixos. Os modelos de

previsão apontam para um próximo trimestre com chuvas abaixo da normal climatológica.

9.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

9.3.1. MATO GROSSO

A segunda quinzena de setembro foi bastante benéfica no que diz respeito ao volume de precipitações. O acumulado de chuvas registrado no início da janela

de plantio é bastante superior ao registrado no último ano.

9.3.2. MATO GROSSO DO SUL

As projeções indicam a atuação do fenômeno El Niño de curta duração e intensidade baixa. Nessas condições, as precipitações são mais frequentes e em maior quantidade.

trazendo chuvas para o estado.

A primavera é uma estação de transição entre o período seco do inverno e o chuvoso do verão. Predominam os eventos da Zona de Convergência do Atlântico Sul,

O acumulado de precipitação em agosto e setembro supera 200 mm na macrorregião sudoeste, maior produtora de grãos do estado. Na macrorregião centro-norte, apesar de também ter ocorrido precipitações, as chuvas foram em menor intensidade. O término da estação climática do inverno e início da primavera



normalmente é um período pouco chuvoso, ao con-

trário do observado nesta safra.

9.3.3. DISTRITO FEDERAL

Segundo as previsões meteorológicas, as chuvas ocorrerão dentro da normalidade durante o ano agrícola 2018/19. Estima-se que os maiores volumes deverão ocorrer nos primeiros dias de outubro, se normalizando na segunda quinzena.

No momento, o solo está com pouca umidade, devendo estar em condições ideais no final de outubro, ocasião em que os agricultores terão condições de iniciar a safra de verão 2018/19.

9.3.4. GOIÁS

Em algumas regiões do estado já ocorreram chuvas, porém de forma esparsas. Espera-se que o período chuvoso se estabeleça a partir da segunda quinzena

de outubro até a primeira quinzena de novembro. Dessa forma, espera-se teor adequado de umidade no solo que permita o início da safra.

9.4. REGIÃO SUDESTE

9.4.1. MINAS GERAIS

Em setembro, as condições foram de céu claro, temperaturas elevadas, com ocorrência de chuvas de baixo volume e mal distribuídas.

Para as culturas de segunda e terceira safras (trigo e

feijão), as condições climáticas se mostraram favoráveis para as lavouras plantadas mais cedo. Houve déficit hídrico, acompanhado de altas temperaturas e baixa umidade relativa durante o desenvolvimento da safrinha.

9.4.2. SÃO PAULO

Após período de estiagem, as condições climáticas aos poucos estão retornando à normalidade nas di-

versas regiões produtoras de São Paulo. Entretanto o solo ainda apresenta alto déficit hídrico.

9.4.3. RIO DE JANEIRO

As condições meteorológicas estão favoráveis.

9.5. REGIÃO SUL

9.5.1. RIO GRANDE DO SUL

Segundo informações da Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi), no final de agosto e início de setembro, a passagem de uma área de baixa pressão e de uma frente fria provocaram chuva intensa em todas as regiões. Houve tempo firme em grande parte do estado e pancadas isoladas de chuva nas faixas leste e norte. O ar seco voltou a predominar, com ligeiro declínio das temperaturas durante o período noturno e formação de geadas isoladas nos campos de cima da serra. Somente na fronteira oeste e no extremo sul os volumes ficaram abaixo de 70 mm. Na maioria das regiões, os valores oscilaram acima de 100 mm acumulados, e em algumas localidades superaram 150 mm, o que provocou elevação do nível dos rios.

No meio de setembro, o tempo firme e as temperaturas amenas predominaram no estado. A presença de uma massa de ar seco estabeleceu o predomínio do sol e grande amplitude térmica, com temperaturas mais baixas no período noturno e mais elevadas durante o dia. Foram registradas geadas isoladas, especialmente na região de Vacaria. A atuação de uma área de baixa pressão gerou instabilidades e provocou pancadas isoladas de chuva.

O final de setembro registrou o retorno de chuva significativa para o estado. A propagação de uma área de baixa pressão manteve a nebulosidade e ocorreram pancadas de chuva na maior parte do estado. Houve tempo firme em praticamente todo o estado, com sol e grande amplitude térmica, com temperaturas ame-



nas durante à noite e elevadas no período diurno. O ingresso de ar quente e úmido aumentou a temperatura e a nebulosidade, favorecendo a ocorrência de chuvas isoladas.

9.5.2. PARANÁ

Os meses de inverno foram marcados pelos longos períodos de estiagem, com chuvas esparsas e de baixo volume, além das temperaturas mais altas que o normal.

Em setembro, as chuvas foram regulares em todo o estado, intercaladas e com maior concentração no último decêndio. Na metade norte do estado, a média das temperaturas máximas ficou entre 26 °C e 31 °C e as mínimas entre 14 °C e 19 °C. As chuvas variaram entre 90 e 150 mm. O número de dias sem chuvas (chuva

mínima de 5 mm) variou de 3 e 4 dias. A evapotranspiração média no período ficou entre 2 e 4 mm por dia. No oeste e centro-oeste paranaense, precipitações pluviométricas com volumes de 150 mm a 250 mm. No centro-sul, campos gerais e região metropolitana de Curitiba a variação foi entre 70 e 150 mm.

Devido à expectativa do fenômeno El Niño no próximo trimestre, a previsão do Inmet para os meses da primavera é que, no Paraná, as chuvas fiquem um pouco acima do normal climatológica assim como as temperaturas.

9.5.2. SANTA CATARINA

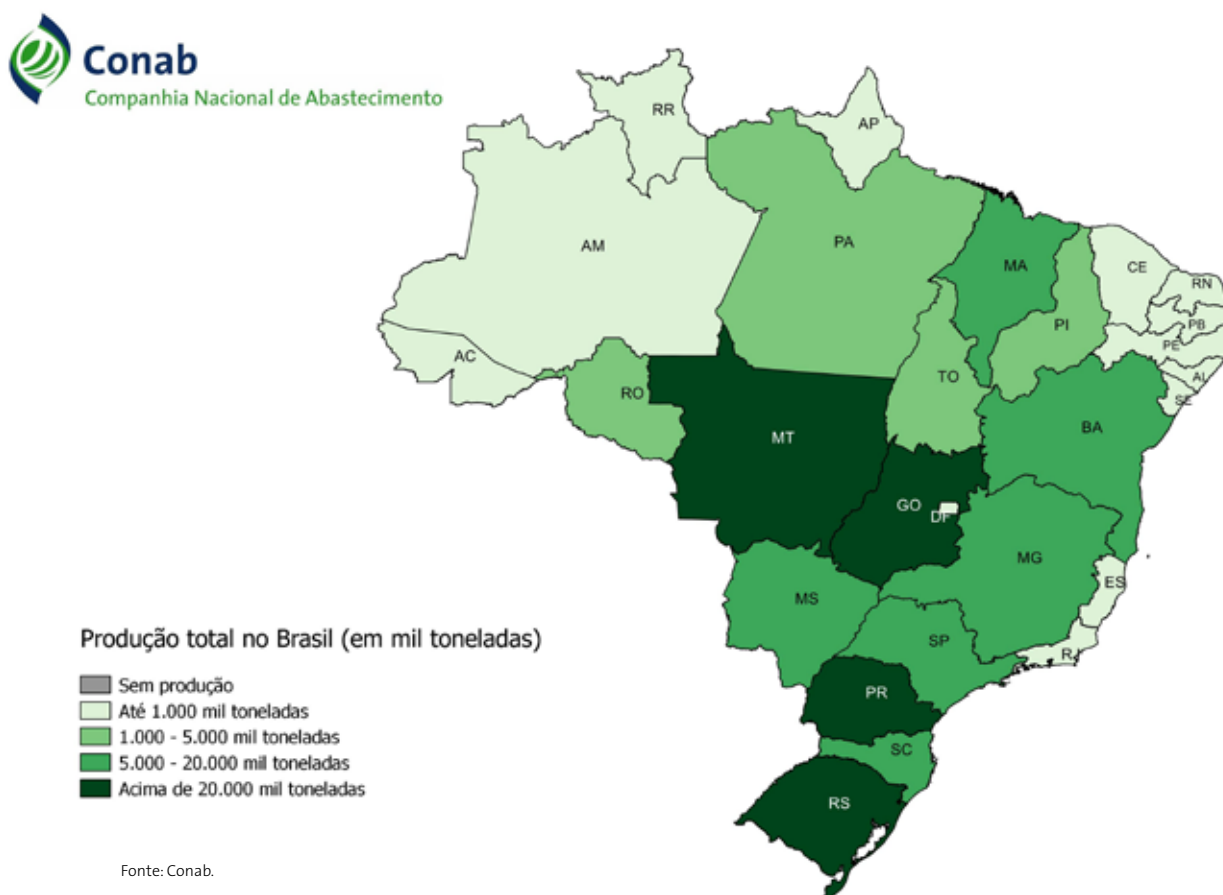
As condições climáticas estão favoráveis.





10. ANÁLISE DAS CULTURAS

Figura 1 - Mapa da produção agrícola - Brasil total - grãos



10.1. CULTURAS DE VERÃO

10.1.1. ALGODÃO

A primeira estimativa de plantio da lavoura de algodão, nessa temporada, aponta para aumento na área cultivada, variando de 8,2 a 20,4% em relação ao exercício anterior. A comercialização da safra 2017/18, aliada às boas perspectivas futuras de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

O cultivo de algodão é realizado por produtores altamente tecnificados, que dispõem de um bom pacote tecnológico e de insumos. Além disso, a cultura passa por uma translocação do período de plantio, na maioria dos estados, aproveitando as chuvas no desenvolvimento da planta e, na época da colheita, aproveitam-se de um clima mais seco, ideal para uma pluma de boa qualidade.

A Região Norte deverá cultivar entre 8,2 e 8,8 mil hectares de algodão.

Em Tocantins, a previsão inicial é que haja um aumento

da área cultivada em relação à safra passada, pois os preços do algodão apresentam uma tendência de melhora no mercado. Os bons resultados obtidos na safra anterior e as perspectivas de aumento da demanda mundial também devem impulsionar o aumento da área de plantio. O plantio normalmente se inicia no último decêndio de novembro.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é de um incremento na área plantada, variando de 16,2% a 23,6%.

No Piauí, a área deverá sofrer um intenso incremento. O planejamento dos produtores indica que a área deve atingir entre 18,5 mil e 20,5 mil hectares. Esse incremento de área está relacionado a ganho estrutural, como a reativação de uma usina de beneficiamento de algodão, e a fatores de mercado, como a melhora na cotação da pluma de algodão. Dessa forma, alguns produtores retomaram as áreas de algodão plantadas em safras anteriores, já outros produtores aumentaram suas áreas

as destinadas a essa cultura.

O plantio tem previsão de início para o final de novembro e deve se estender por 30 dias.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser entre 300 mil hectares e 320 mil hectares, representando uma variação entre 13,8% e 21,4% em relação à safra passada. O plantio tem previsão para novembro e dezembro.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimado um crescimento na área plantada, podendo crescer até 19,6%, quando comparada com o exercício anterior.

Em Mato Grosso, maior produtor nacional, o plantio ocorre apenas a partir de dezembro, quando se encerra o vazio sanitário da cultura. Todavia, já é possível estimar um aumento significativo na área plantada devido aos bons retornos financeiros da cultura. Os preços da pluma disponível desvalorizou em setembro, tendo em vista a injeção de oferta decorrente da colheita da safra 2017/18, mas ainda assim o patamar é considerado excelente e deve estimular a produção.

Estima-se que 88% da safra 2017/18 esteja negociado, ao passo que 67% da safra 2018/19 já foi objeto de contratos. Os aumentos de área podem ser significativos, havendo a possibilidade do incremento ser de 5 a 20% em relação aos 777,8 mil hectares semeados na safra passada.

As lavouras estão sendo preparadas com a eliminação dos restos culturais, visando a redução da população de bicudo para a próxima safra.

Em Mato Grosso do Sul há a tendência de aumento da área devido às boas perspectivas de mercado. Estima-se, até o momento, uma área entre 30,4 mil e 34,3 mil hectares, cujas previsões serão confirmadas no decorrer do plantio.

A cultura ainda não foi plantada, apesar do término do

vazio sanitário no município de Aral Moreira. Nos municípios de Sidrolândia e Campo Grande, atualmente vigora o período do vazio sanitário, o qual compreende o período de 1º de agosto até 15 de outubro, enquanto nos municípios de Chapadão do Sul e Costa Rica, o período varia de 15 de setembro até 30 de novembro.

Atualmente, os cotonicultores fazem a destruição de soqueira da cultura com herbicidas. Os produtores estão dedicados em processar e comercializar o algodão da safra anterior, o qual se encontra em beneficiamento nas algodozeiras.

Em Goiás, a expectativa é de aumento de área em decorrência da melhora nas cotações no mercado nacional e internacional, além da elevação do câmbio. Espera-se que a área aumente entre 20 a 26% em relação à safra passada.

Nas últimas safras, a cultura tem sido viabilizada na safrinha, visto os bons rendimentos e preços que a soja obtém na primeira safra.

Na Região Sudeste, a área de cultivo de algodão deverá apresentar forte aumento, oscilando no intervalo de 10,1 a 13%.

Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plantio de algodão tem início apenas a partir de 20 de novembro, quando se encerra o período de vazio sanitário. De maneira geral, o plantio da safra verão é realizado a partir de dezembro. A área de plantio para a safra 2018/19 está estimada entre 25 e 25,5 mil hectares.

Em São Paulo, a expectativa é de acréscimo considerável na área em virtude das condições atuais de preço da pluma e da cotação do dólar, tornando a cultura mais atraente em relação às outras. Os plantios ainda não iniciaram e deve acontecer após a totalização da colheita do trigo.

A cultura vem ganhando força no estado e está presente em vários municípios. Os agricultores estão investindo em novas tecnologias, como as colhedoras que fazem o enfardamento cilíndrico, otimizando a colheita.



Figura 2 - Mapa da produção agrícola - Algodão

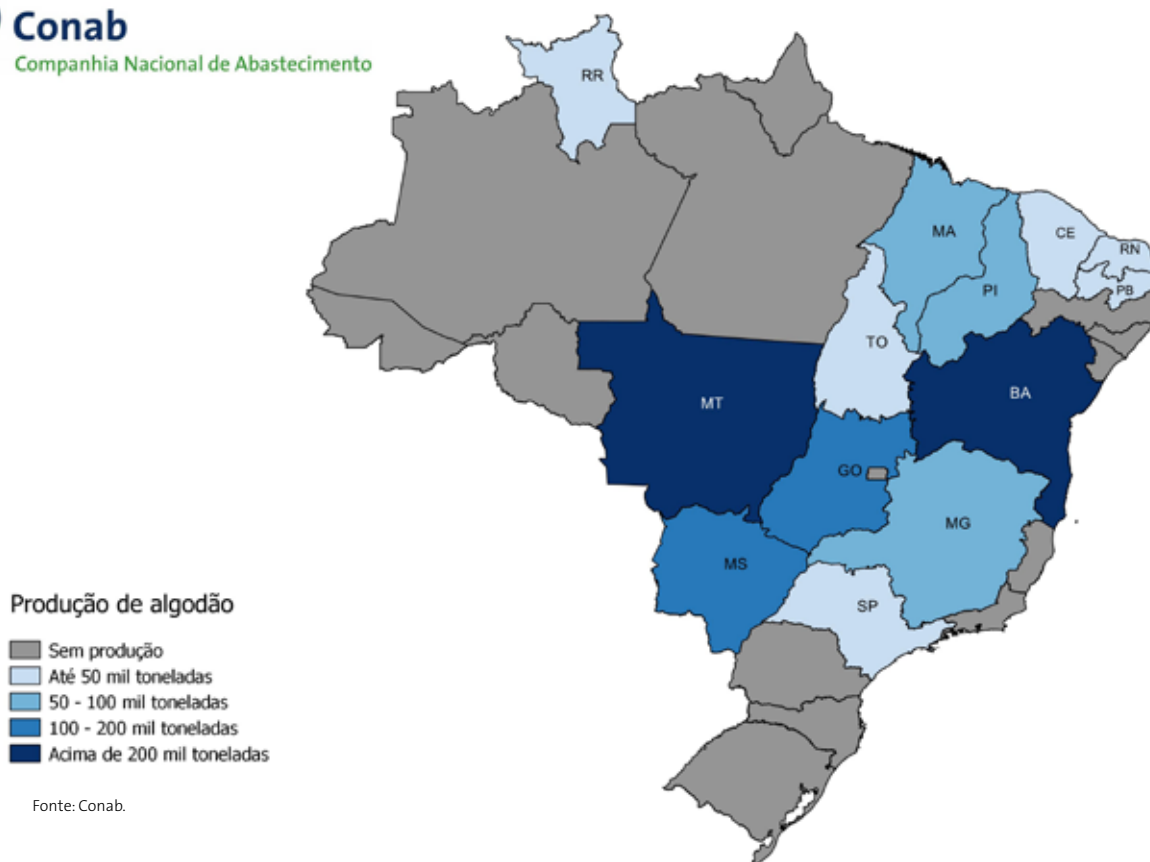


Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	8,2	8,8	7,9	15,8	4.034	4.034	-	30,7	33,3	35,7	8,5	16,3
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	4.200	4.200	-	20,2	20,2	20,2	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	3.750	3.867	3,1	10,5	13,1	15,5	24,8	47,6
NORDESTE	295,2	342,9	364,9	16,2	23,6	4.620	4.620	-	1.363,7	1.350,6	1.437,2	(1,0)	5,4
MA	22,3	22,3	22,3	-	-	3.913	4.017	2,7	87,3	89,6	89,6	2,6	2,6
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	3.850	3.630	(5,7)	27,7	67,2	74,4	142,6	168,6
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	817	632	(22,6)	1,0	0,8	0,8	(20,0)	(20,0)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	4.461	4.338	(2,8)	1,3	1,3	1,3	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	894	678	(24,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	4.725	3.970	(16,0)	1.246,0	1.191,4	1.270,8	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	886,7	1.006,3	5,4	19,6	4.158	4.158	-	3.497,6	3.694,2	4.191,8	5,6	19,8
MT	777,8	816,7	933,4	5,0	20,0	4.147	4.158	0,3	3.225,5	3.395,8	3.881,1	5,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	4.500	4.500	-	136,8	136,8	140,9	-	3,0
GO	33,0	39,6	41,6	20,0	26,0	4.100	4.081	(0,5)	135,3	161,6	169,8	19,4	25,5
SUDESTE	30,7	33,8	34,7	10,1	13,0	3.935	3.935	-	120,9	128,6	132,1	6,4	9,3
MG	25,0	25,0	25,5	-	2,0	3.966	3.853	(2,8)	99,2	96,3	98,3	(2,9)	(0,9)
SP	5,7	8,8	9,2	55,0	62,0	3.801	3.669	(3,5)	21,7	32,3	33,8	48,8	55,8
NORTE/NORDESTE	302,8	351,1	373,7	16,0	23,4	4.605	4.605	-	1.394,4	1.383,9	1.472,9	(0,8)	5,6
CENTRO-SUL	871,9	920,5	1.041,0	5,6	19,4	4.150	4.150	-	3.618,5	3.822,8	4.323,9	5,6	19,5
BRASIL	1.174,7	1.271,6	1.414,7	8,2	20,4	4.267	4.267	-	5.012,9	5.206,7	5.796,8	3,9	15,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	8,2	8,8	7,9	15,8	1.561	1.575	0,9	11,9	13,0	13,9	9,2	16,8
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	1.596	1.596	-	7,7	7,7	7,7	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	1.500	1.547	3,1	4,2	5,3	6,2	26,2	47,6
NORDESTE	295,2	342,9	364,9	16,2	23,6	1.850	1.581	(14,5)	546,2	542,2	577,0	(0,7)	5,6
MA	22,3	22,3	22,3	-	-	1.565	1.607	2,7	34,9	35,8	35,8	2,6	2,6
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	1.656	1.561	(5,7)	11,9	28,9	32,0	142,9	168,9
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	286	221	(22,7)	0,3	0,3	0,3	-	-
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	1.695	1.648	(2,8)	0,5	0,5	0,5	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	322	244	(24,2)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	1.890	1.588	(16,0)	498,4	476,6	508,3	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	886,7	1.006,3	5,4	19,6	1.664	1.667	0,2	1.399,6	1.478,1	1.677,0	5,6	19,8
MT	777,8	816,7	933,4	5,0	20,0	1.659	1.663	0,3	1.290,2	1.358,3	1.552,4	5,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	1.845	1.845	-	56,1	56,1	57,7	-	2,9
GO	33,0	39,6	41,6	20,0	26,0	1.615	1.608	(0,5)	53,3	63,7	66,9	19,5	25,5
SUDESTE	30,7	33,8	34,7	10,1	13,0	1.567	1.512	(3,5)	48,1	51,1	52,5	6,2	9,1
MG	25,0	25,0	25,5	-	2,0	1.586	1.541	(2,9)	39,7	38,5	39,3	(3,0)	(1,0)
SP	5,7	8,8	9,2	55,0	62,0	1.482	1.431	(3,5)	8,4	12,6	13,2	50,0	57,1
NORTE/NORDESTE	302,8	351,1	373,7	16,0	23,4	1.843	1.581	(14,2)	558,1	555,2	590,9	(0,5)	5,9
CENTRO-SUL	871,9	920,5	1.041,0	5,6	19,4	1.660	1.661	-	1.447,7	1.529,2	1.729,5	5,6	19,5
BRASIL	1.174,7	1.271,6	1.414,7	8,2	20,4	1.708	1.639	(4,0)	2.005,8	2.084,4	2.320,4	3,9	15,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	7,6	8,2	8,8	7,9	15,8	2.474	2.480	0,3	18,8	20,3	21,8	8,0	16,0
RR	4,8	4,8	4,8	-	-	2.604	2.604	-	12,5	12,5	12,5	-	-
TO	2,8	3,4	4,0	20,0	42,0	2.250	2.320	3,1	6,3	7,8	9,3	23,8	47,6
NORDESTE	295,2	342,9	364,9	16,2	23,6	2.769	2.357	(14,9)	817,5	808,4	860,2	(1,1)	5,2
MA	22,3	22,3	22,3	-	-	2.348	2.410	2,6	52,4	53,8	53,8	2,7	2,7
PI	7,2	18,5	20,5	157,0	185,0	2.195	2.069	(5,7)	15,8	38,3	42,4	142,4	168,4
CE	1,2	1,2	1,2	-	-	531	411	(22,6)	0,7	0,5	0,5	(28,6)	(28,6)
RN	0,3	0,3	0,3	-	-	2.766	2.690	(2,7)	0,8	0,8	0,8	-	-
PB	0,5	0,5	0,5	-	-	572	434	(24,1)	0,2	0,2	0,2	-	-
BA	263,7	300,1	320,1	13,8	21,4	2.835	2.382	(16,0)	747,6	714,8	762,5	(4,4)	2,0
CENTRO-OESTE	841,2	886,7	1.006,3	5,4	19,6	2.494	2.499	0,2	2.098,0	2.216,1	2.514,8	5,6	19,9
MT	777,8	816,7	933,4	5,0	20,0	2.488	2.495	0,3	1.935,3	2.037,5	2.328,7	5,3	20,3
MS	30,4	30,4	31,3	-	3,0	2.655	2.655	-	80,7	80,7	83,2	-	3,1
GO	33,0	39,6	41,6	20,0	26,0	2.485	2.473	(0,5)	82,0	97,9	102,9	19,4	25,5
SUDESTE	30,7	33,8	34,7	10,1	13,0	2.368	2.292	(3,2)	72,8	77,5	79,6	6,5	9,3
MG	25,0	25,0	25,5	-	2,0	2.380	2.312	(2,8)	59,5	57,8	59,0	(2,9)	(0,8)
SP	5,7	8,8	9,2	55,0	62,0	2.319	2.238	(3,5)	13,3	19,7	20,6	48,1	54,9
NORTE/NORDESTE	302,8	351,1	373,7	16,0	23,4	2.762	2.360	(14,6)	836,3	828,7	882,0	(0,9)	5,5
CENTRO-SUL	871,9	920,5	1.041,0	5,6	19,4	2.490	2.492	0,1	2.170,8	2.293,6	2.594,4	5,7	19,5
BRASIL	1.174,7	1.271,6	1.414,7	8,2	20,4	2.560	2.456	(4,1)	3.007,1	3.122,3	3.476,4	3,8	15,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão - rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)										RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO					ALGODÃO EM PLUMA							
	Safr 17/18 (a)	Safr 18/19		VAR. %		Safr 17/18 (d)	Safr 18/19		VAR. %		Safr 17/18 (g)	Safr 18/19 (h)	VAR. % (h/g)
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)		Lim Inf (e)	Lim Sup (f)	(e/d)	(f/d)			
NORTE	30,7	33,3	35,7	8,5	16,3	11,9	13,0	13,9	9,2	16,8	38,7	38,8	0,3
RR	20,2	20,2	20,2	-	-	7,7	7,7	7,7	-	-	38,0	38,0	-
TO	10,5	13,1	15,5	24,8	47,6	4,2	5,3	6,2	26,2	47,6	40,0	40,0	-
NORDESTE	1.363,7	1.350,6	1.437,2	(1,0)	5,4	546,2	542,2	577,0	(0,7)	5,6	40,1	40,1	-
MA	87,3	89,6	89,6	2,6	2,6	34,9	35,8	35,8	2,6	2,6	40,0	40,0	-
PI	27,7	67,2	74,4	142,6	168,6	11,9	28,9	32,0	142,9	168,9	43,0	43,0	-
CE	1,0	0,8	0,8	(20,0)	(20,0)	0,3	0,3	0,3	-	-	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	0,5	0,5	0,5	-	-	38,0	38,0	-
PB	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)	0,2	0,1	0,1	(50,0)	(50,0)	36,0	36,0	-
BA	1.246,0	1.191,4	1.270,8	(4,4)	2,0	498,4	476,6	508,3	(4,4)	2,0	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	3.497,6	3.694,2	4.191,8	5,6	19,8	1.399,6	1.478,1	1.677,0	5,6	19,8	40,0	40,0	-
MT	3.225,5	3.395,8	3.881,1	5,3	20,3	1.290,2	1.358,3	1.552,4	5,3	20,3	40,0	40,0	-
MS	136,8	136,8	140,9	-	3,0	56,1	56,1	57,7	-	2,9	41,0	41,0	-
GO	135,3	161,6	169,8	19,4	25,5	53,3	63,7	66,9	19,5	25,5	39,4	39,4	-
SUDESTE	120,9	128,6	132,1	6,4	9,3	48,1	51,1	52,5	6,2	9,1	39,8	39,7	(0,3)
MG	99,2	96,3	98,3	(2,9)	(0,9)	39,7	38,5	39,3	(3,0)	(1,0)	40,0	40,0	-
SP	21,7	32,3	33,8	48,8	55,8	8,4	12,6	13,2	50,0	57,1	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.394,4	1.383,9	1.472,9	(0,8)	5,6	558,1	555,2	590,9	(0,5)	5,9	40,0	40,1	0,2
CENTRO-SUL	3.618,5	3.822,8	4.323,9	5,6	19,5	1.447,7	1.529,2	1.729,5	5,6	19,5	40,0	40,0	-
BRASIL	5.012,9	5.206,7	5.796,8	3,9	15,6	2.005,8	2.084,4	2.320,4	3,9	15,7	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.2. AMENDOIM

10.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

A intenção de plantio da lavoura de amendoim primeira safra, para a safra 2018/19, sinaliza incremento de área plantada, que nessa primeira intenção apresenta intervalo variando de 1,1 a 3,4%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 132,1 mil hectares.

Em São Paulo, o amendoim é plantado entre outubro e novembro, prioritariamente em áreas de reforma de canaviais, normalmente após o quinto corte daquela matéria-prima. Devido à ausência das chuvas os produtores não começaram o plantio. A colheita está prevista entre fevereiro e abril, quando alcança sua plena maturação.

O plantio do amendoim se faz durante a entressafra da cana-de-açúcar, uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. Sendo assim, otimiza o plantio da cana.

Aproximadamente 70% desse produto é destinado para a exportação, uma vez que o restante é consumido internamente pelas fabricas de doces, que demandam uma produção considerável do produto na fabricação de seus doces.

O amendoim apresenta incremento de área plantada que, nessa primeira intenção, apresenta intervalo varian-

do de 1 a 3%, comparado com o plantio da safra anterior, que foi de 124,7 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de plantio de amendoim está estimada em 2,3 a 2,6 mil hectares, sinalizando expectativa de um aumento de área a depender do período chuvoso em tempo hábil para o plantio, já que o menor plantio na safra anterior foi resultado do atraso do período chuvoso. De modo geral, os plantios, para fins comerciais, estão concentrados na região do Triângulo Mineiro, representando 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado. Nessa região as lavouras são conduzidas com alta tecnologia e uso de sementes de boa qualidade, resultando em uma produtividade de 3.527 safra 2017/18 a 3.627 kg/ha safra 2018/19. Já nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas praticamente sem uso de tecnologia e com baixas produtividades, muitas vezes inferiores a 1.000 kg/ha.

No Paraná, o amendoim é uma cultura de pouca expressão econômica e se concentra na região de Paranavaí. Normalmente se estabelece em áreas de rotação com canaval e pastagens. O plantio teve início em setembro e deve se estender até meados de novembro. A área atual é



de apenas 1,9 mil hectares, incremento de 20% em relação à safra passada, motivada essencialmente por redução na renovação dos canaviais. A produtividade estimada

foi ajustada para 2.894 kg/ha, levando em consideração a média histórica dos últimos seis anos. As lavouras encontram-se em germinação e desenvolvimento vegetativo, estando em boas condições fitossanitárias.

Figura 3 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra

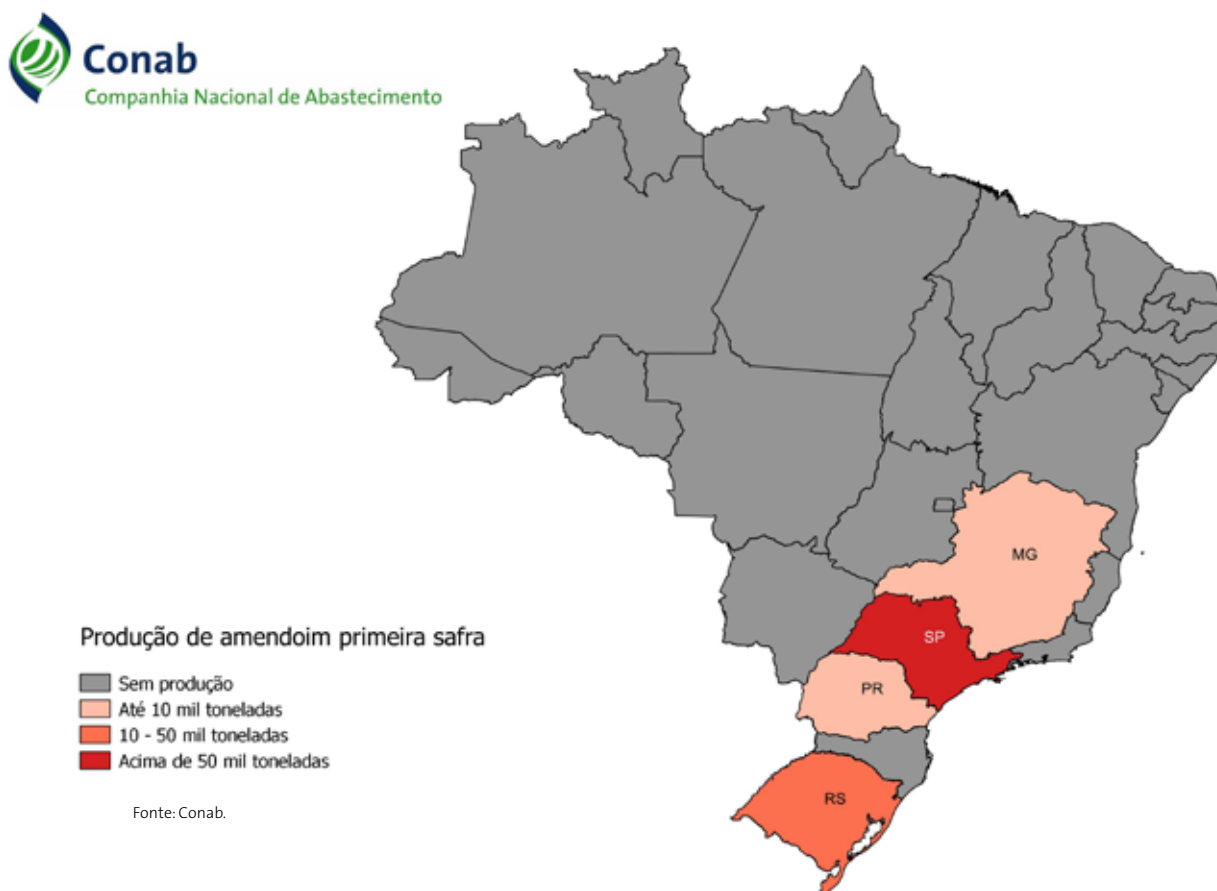


Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	127,0	128,2	131,0	0,9	3,1	3.825	3.781	(1,2)	485,8	484,7	495,3	(0,2)	2,0
MG	2,3	2,3	2,6	-	13,0	3.527	3.627	2,8	8,1	8,3	9,4	2,5	16,0
SP	124,7	125,9	128,4	1,0	3,0	3.831	3.784	(1,2)	477,7	476,4	485,9	(0,3)	1,7
SUL	5,1	5,3	5,6	3,9	9,8	3.120	3.205	2,7	15,9	17,0	18,0	6,9	13,2
PR	1,5	1,8	1,9	20,0	25,0	2.747	2.894	5,4	4,1	5,2	5,5	26,8	34,1
RS	3,6	3,5	3,7	(2,9)	2,9	3.276	3.365	2,7	11,8	11,8	12,5	-	5,9
CENTRO-SUL	132,1	133,5	136,6	1,1	3,4	3.798	3.758	(1,1)	501,7	501,7	513,3	-	2,3
BRASIL	132,1	133,5	136,6	1,1	3,4	3.798	3.758	(1,1)	501,7	501,7	513,3	-	2,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
NORDESTE	2,2	2,2	2,2	-	-	995	956	(3,9)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.285	930	(27,6)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	922	954	3,5	0,4	0,4	0,4	-	-
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	957	962	0,5	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	3,9	3,7	3,7	(5,1)	(5,1)	1.676	2.456	46,5	6,1	9,1	9,1	49,2	49,2
SP	3,7	3,7	3,7	-	-	1.640	2.456	49,8	6,1	9,1	9,1	49,2	49,2
NORTE/NORDESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.330	1.296	(2,6)	3,3	3,2	3,2	(3,0)	(3,0)
CENTRO-SUL	3,9	3,7	3,7	(5,1)	(5,1)	1.676	2.456	46,5	6,1	9,1	9,1	49,2	49,2
BRASIL	6,4	6,2	6,2	(3,1)	(3,1)	1.541	1.988	29,0	9,4	12,3	12,3	30,9	30,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.785	(0,1)	1,1	1,1	1,1	-	-
TO	0,3	0,3	0,3	-	-	3.787	3.667	(3,2)	1,1	1,1	1,1	-	-
NORDESTE	2,2	2,2	2,2	-	-	995	956	(3,9)	2,2	2,1	2,1	(4,5)	(4,5)
CE	0,3	0,3	0,3	-	-	1.285	1.000	(22,2)	0,4	0,3	0,3	(25,0)	(25,0)
PB	0,4	0,4	0,4	-	-	922	1.000	8,5	0,4	0,4	0,4	-	-
BA	1,5	1,5	1,5	-	-	957	933	(2,5)	1,4	1,4	1,4	-	-
SUDESTE	130,7	131,9	134,7	0,9	3,1	3.764	3.744	(0,5)	491,9	493,8	504,4	0,4	2,5
MG	2,3	2,3	2,6	-	-	3.527	3.612	2,4	8,1	8,3	9,4	2,5	16,0
SP	128,4	129,6	132,1	-	-	3.768	3.747	(0,6)	483,8	485,5	495,0	0,4	2,3
SUL	5,1	5,3	5,6	3,9	9,8	3.120	3.205	2,7	15,9	17,0	18,0	6,9	13,2
PR	1,5	1,8	1,9	-	-	2.747	2.892	5,3	4,1	5,2	5,5	26,8	34,1
RS	3,6	3,5	3,7	-	-	3.276	3.375	3,0	11,8	11,8	12,5	-	5,9
NORTE/NOR-DESTE	2,5	2,5	2,5	-	-	1.330	1.296	(2,6)	3,3	3,2	3,2	(3,0)	(3,0)
CENTRO-SUL	135,8	137,2	140,3	1,0	3,3	3.739	3.723	(0,4)	507,8	510,8	522,4	0,6	2,9
BRASIL	138,3	139,7	142,8	1,0	3,3	3.696	3.680	(0,4)	511,1	514,0	525,6	0,6	2,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.3. ARROZ

O primeiro levantamento da cultura de arroz da safra 2018/19 indica que a área plantada estará no intervalo entre 1.846,9 e 1.976,9 mil hectares.

A área irrigada é estimada em 1.445,9 mil hectares e no arroz de sequeiro deverá ocorrer diminuição da área.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 265,5 mil hectares, variando entre 260,5 e 267,7 mil hectares. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequeiro, não havendo cultivos de irrigado. A intenção é de manutenção de área em 42,4 mil hectares em relação à safra passada. O crédito agrícola é financiado nas seguintes proporções: 5% por Bancos Oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por empresas privadas estaduais, entre outras, que fomentam a rizicultura em todo estado.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, embora o recurso financeiro exista, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as empresas anteriormente citadas, entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear suas lavouras.

Os produtores estão descontentes com a significativa alta no preço do adubo, seja por conta do câmbio, seja pelo custo do frete, que segue sem um arbitramento solucionador para as partes envolvidas. Mesmo com todas as adversidades, o calendário agrícola flui de maneira normal. Os insumos para a implantação da safra, como fungicidas e inseticidas, que estão nas fazendas, estão com data marcada para chegar, não existindo probabilidade de atrasos na implantação/manutenção da cultura.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio. O arroz configura-se como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente, a soja. A possibilidade do arroz retornar à área é uma opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequei-

ro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, na época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Para a safra 2018/19, a indicação é que a área plantada se manterá inalterada em relação à safra anterior.

No Amazonas, a estimativa é de retração na área plantada, que estará no intervalo entre 1,2 e 1,3 mil hectares em relação à área da safra passada que foi de 1,4 mil hectares.

No Pará, a expectativa é de manutenção de área a ser plantada nessa safra, estimada em 68,4 mil hectares.

O arroz de várzea ou irrigado concentra-se na Mesorregião do Marajó, nos municípios de Cachoeira do Arari e Salvaterra, cujo cultivo é realizado em sistema de produção em ciclos, para atender a demanda das beneficiadoras.

Em Tocantins, a previsão é que a área de arroz em sequeiro sofra redução em relação à safra passada e está estimada entre 22,9 mil hectares e 25,7 mil hectares. No estado a cultura é semeada tanto por agricultores familiares, para subsistência e alimentação de pequenos animais, quanto pelos produtores empresariais em áreas de primeiro cultivo. Para estes, a área cultivada é mais flutuante de uma safra para outra, visto que alguns produtores já estão optando por plantarem soja nas áreas de primeiro cultivo, com emprego de alta tecnologia. Além disso, a falta de cooperativas, problemas de comercialização com poucas opções de compradores e alto índice de quebra no arroz após o beneficiamento, que gera descontos no valor a ser pago, estão entre os fatores que têm desestimulado o plantio de áreas maiores. Para os pequenos produtores, a tendência é de manutenção de área com pouca variação. Os produtores normalmente iniciam o plantio no final de outubro e início de novembro.

Com relação ao plantio irrigado, mesmo com perdas substanciais em produtividade, devido ao excesso de chuvas e baixos preços registrados na comercialização, há uma tendência de, no mínimo, se manter a atual área cultivada. Essa efetivação, porém, depende do pagamento das prorrogações de custeio dos produtores que ainda não quitaram seus custeios com as instituições bancárias. O aumento da cotação do grão a partir de junho também voltou a animar os produtores. O plantio do arroz irrigado começa a partir da segunda quinzena de outubro.



Figura 4 - Área pronta para o plantio de arroz inundado – Lagoa da Confusão – TO



Fonte: Conab.

Na Região Nordeste, a expectativa é de manutenção da área plantada, tanto com arroz de sequeiro quanto com o irrigado.

No Maranhão, as lavouras de arroz de sequeiro têm previsão de início de plantio para a segunda quinzena de novembro. Nas demais regiões o início está previsto para dezembro e pode se estender até janeiro, tendo em vista que as previsões têm apontado para início da semeadura mais tardia nessa estação. A área deve ser semelhante às últimas safras, motivada, principalmente, pelo desinteresse por parte do pequeno produtor em cultivá-lo, optando sempre pelo plantio de culturas mais rentáveis ou substituindo as lavouras pela criação de bovinos.

O arroz irrigado também deve ter área semelhante à última safra. Finalizado o plantio em Arari e Vitória do Mearim, a previsão de colheita é de dezembro a fevereiro. Em São Mateus tem havido predomínio do manejo integrado da cultura no sistema denominado de sequeiro favorecido. Trata-se do uso de cultivares do sistema irrigado, recomendadas para o uso em áreas favorecidas por alta pluviosidade e que permanecem com lâmina de água durante três a quatro meses de cultivo. As semeaduras das variedades com ciclo médio de 125 dias devem iniciar em dezembro e se estendendo até janeiro de 2019, com previsão de colheita para abril e maio.

Na Bahia, na região do oeste baiano, a cultura do arroz é cultivada nos territórios de Rio Corrente e Rio Grande, sendo tradição o cultivo em áreas recém-abertas, devido, principalmente, a sua tolerância à acidez do solo. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. A estimativa é de manutenção de áreas cultivadas em relação à safra 2017/18, em 7,8 mil hectares.

De acordo com informações junto aos produtores do arroz, o não cultivo da cultura após a abertura de no-

vas áreas se deve, basicamente, à intenção de plantar o capim braquiária, devido ao menor custo e à utilização para alimentação animal.

No Piauí, a área de arroz total deve permanecer constante, com cerca de 70,8 mil hectares, e a produtividade esperada gira em torno de 988 Kg/ha. O plantio desta cultura só deverá ter início entre dezembro e janeiro. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro, onde indica que a área plantada estará no intervalo entre 141,2 e 177,8, quanto nas destinadas ao arroz irrigado, sinalizando que a área plantada estará no intervalo entre 34,7 e 35,3 mil hectares.

Em Mato Grosso, a área cultivada deverá registrar decréscimo no ciclo 2018/19. Contudo, ainda não é possível dimensionar com exatidão a magnitude do recuo, tendo em vista que o plantio se concentra majoritariamente em novembro e dezembro. O principal motivo da possível retração é o preço baixo do grão na última safra, ainda que o arroz tenha se valorizado nos últimos meses.

Estima-se que a área plantada com o arroz de sequeiro esteja no intervalo entre 100,5 e 136,3 mil hectares. Para o arroz irrigado, a estimativa é de manutenção, com cerca de 5,8 mil hectares.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa para o levantamento atual é de uma área similar à da safra passada, no intervalo entre 14 e 14,6 mil hectares, cujo aumento ou redução estarão atrelados a questões mercadológicas, de preço e também ambientais.

O início do plantio, pelos orizicultores tradicionais, aconteceu no final de agosto. O sistema de cultivo é irrigado por inundação, no qual a água se movimenta sobre a superfície do solo por gravidade. O preparo do solo normalmente é o convencional ou semidireto, com uso de grades e terraplanagem, cujas áreas são delimitadas por pequenos diques e taipas.

Em Goiás, o plantio de sequeiro é bastante disperso e ainda depende de fornecimento de sementes e projetos executados pela Secretaria da Agricultura do Estado, através do Programa Lavoura Comunitária. Trata-se de lavouras executadas por pequenos agricultores, assentados da reforma agrária, e com baixo rendimento por hectare. Parte da produção é entre-



gue ao estado (2%) e o restante fica com o produtor. A cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro, produzidos em Goiás, encontram-se em forte declínio sendo cultivadas em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. A avaliação é que a área de plantio com arroz de sequeiro fique entre 6 e 6,2 mil hectares.

O arroz irrigado, produzido em Goiás, localiza-se na região leste e parte do norte do estado. Na safra passada, os produtores amargaram um prejuízo devido à elevação da temperatura na época de enchimento de grãos, uma vez que muitos processos metabólicos da planta são fortemente afetados com a elevação na temperatura, o que resultou em uma redução na produtividade. Esse fato fez com que muitos produtores repensassem seu planejamento para a atual safra, apontando, até o presente momento, uma tendência de manutenção na área plantada para a safra 2018/19.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ser ligeiramente inferior que a área da última safra. Estima-se que a área plantada com o arroz seja entre 14,2 e 14,7 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado entre 5,5 e 5,8 mil hectares, e o plantio irrigado, com uma área estimada de 8,7 a 8,9 mil hectares.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência das últimas décadas, o cultivo de arroz vem sofrendo constante declínio no estado. A área de plantio estimada para a safra atual é de 4,3 a 4,8 mil hectares, sendo aproximadamente 70% conduzidos em sistema de sequeiro e 30% sob irrigação. Dentre os principais fatores que motivam o declínio da cultura, citam-se a baixa rentabilidade, os elevados riscos em virtude do clima e as restrições de cunho ambiental.

Em São Paulo, a estimativa é de estabilidade na área tanto para o arroz de sequeiro quanto para o arroz irrigado. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente nos municípios de Guaringuetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba.

Outra informação a ser considerada, é que os poucos produtores que plantam arroz na região do Vale do Paraíba estão buscando outras alternativas, tais como milho e a soja.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado esteja no intervalo entre 1.166,7 e 1.252,2 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta entre 3 e 3,2 mil hectares.

No Paraná, estima-se que a área total a ser plantada,

na safra atual, esteja no intervalo entre 22,7 e 22,9 mil hectares.

O plantio do arroz irrigado já foi iniciado desde o começo de setembro em algumas regiões do estado. As temperaturas um pouco mais quentes que o normal para o mês favoreceram o adiantamento do plantio nesta temporada.

A área plantada estimada é de 19,7 mil hectares, ou seja, praticamente o mesmo da safra passada.

O perfil tecnológico é o mesmo do habitual, o que se permite estimar produtividade em 7.045 Kg/ha. O aumento de 11,4% em relação à safra anterior se deve à chuva que atrasou a colheita da safra passada, com consequente incidência de doenças na planta.

O arroz de sequeiro primeira safra se trata de uma cultura de subsistência, ou seja, de cultivo familiar, onde as informações são de difícil controle. Geralmente é cultivada de forma intercalada com outras culturas perenes e está fragmentada por todo o estado.

A área a ser plantada, nessa safra, estará dentro do intervalo de 3 a 3,2 mil hectares. Na safra anterior a produtividade foi afetada devido ao excesso de chuvas e doenças.

A cultura é considerada como sedo de subsistência no estado, uma vez que a redução de área segue a tendência de o arroz ser cada vez menos plantado no estado.

Figura 5 - Lavoura de arroz irrigado germinando - Paraná



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, o plantio de arroz iniciou em agosto, com apenas alguns registros de implantação de lavouras já no final de julho, fora do zoneamento agroclimático, e deverá se estender até meados de novembro.

Estima-se que, até o momento, em torno de 40% da área tenha sido semeada. Aproximadamente 80% das



lavouras se encontram em emergência/desenvolvimento vegetativo e o restante em perfilhamento.

A região norte do estado, que tradicionalmente semeia mais cedo, relatou atraso no início do plantio, se comparado à safra anterior, devido à estiagem observada ao longo de agosto. Com o retorno das chuvas em setembro, o plantio se regularizou e não há indicadores, até o momento, de maiores impactos no andamento da safra.

No sul do estado não foi a falta de água, mas sim o frio acentuado que marcou o início da safra, o que ocasionou o desenvolvimento inicial mais lento das lavouras.

Até o momento não foram verificados problemas com doenças e pragas. Em relação à área destinada para a cultura, esta deverá sofrer redução em relação à safra passada devido a ajustes de área pelos informantes e também reduções devido à expansão do setor imobiliário em alguns municípios produtores. Os créditos de custeio estão sendo ofertados dentro da normalidade, assim como a liberação de financiamento para maquinários, equipamentos e insumos. Contudo, o que preocupa os produtores é o aumento do preço dos fertilizantes e alguns defensivos, o que deverá impactar diretamente nos custos de produção.

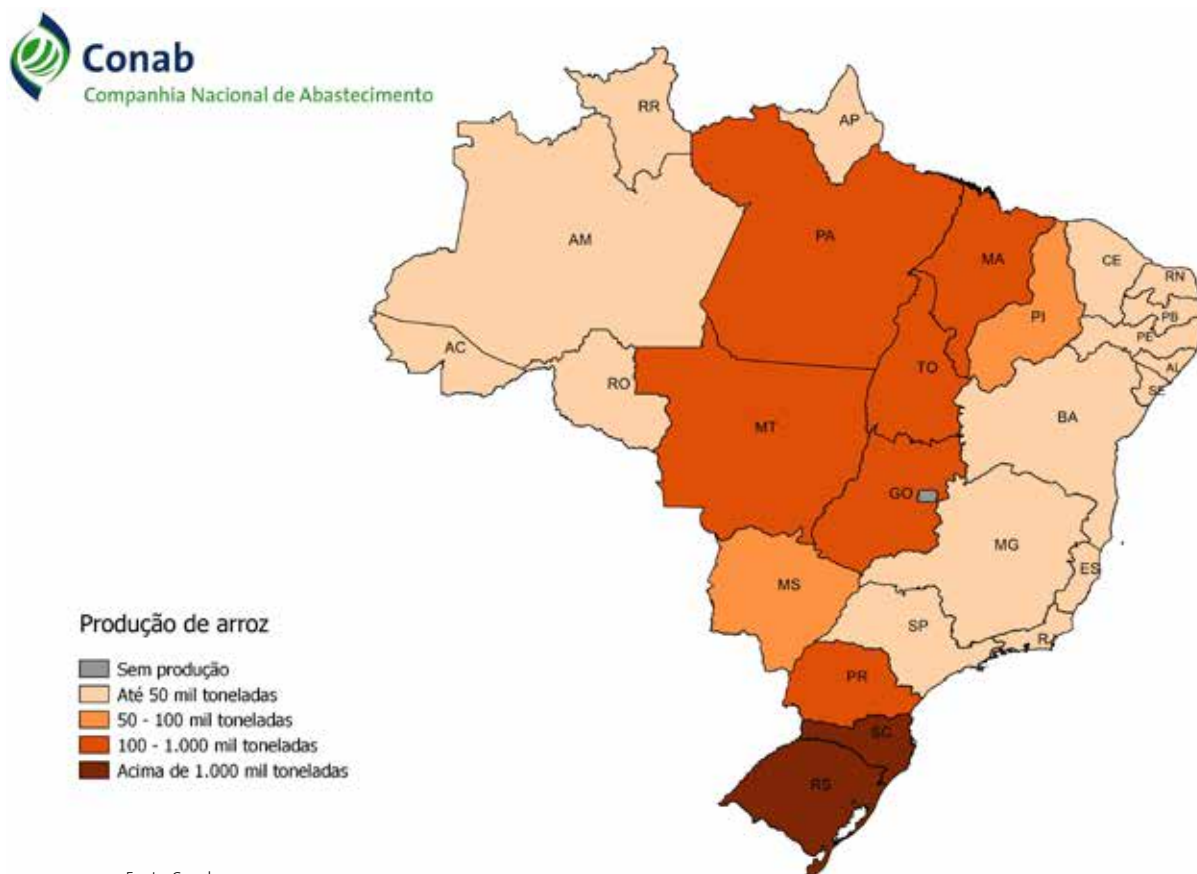
Os recursos financeiros necessários para a safra atual devem vir das instituições financeiras oficiais, as quais devem contribuir com aproximadamente 74% dos recursos. O restante, 26%, deve ser bancado pelos produtores.

A área da safra 2017/18 fechou em 146,7 mil hectares. Estima-se que a área a ser plantada, na safra atual, esteja no intervalo entre 143,8 a 145,2 mil hectares.

No Rio Grande do Sul iniciou a semeadura do arroz em alguns pontos do estado, embora não seja ainda muito significativo, com menos de 5% do total esperado. No momento, seguem as operações de preparo do solo para que se consiga implantar a cultura dentro do período recomendado pela pesquisa, que mantém o máximo potencial produtivo e também que propiciem melhores preços.

Inicialmente, tem-se verificado uma tendência de redução de área em relação à safra passada em razão dos baixos preços na safra e dificuldades de comercialização. Essas áreas devem ser destinadas à soja ou pousio, em proporções iguais. Há relatos de barragens com volume abaixo do adequado, porém, isso tende a se regularizar, já que estão previstas fortes chuvas, principalmente na Fronteira Oeste, onde esse problema foi mais constatado. A área estimada de arroz está entre 1.003,2 e 1.087,3 mil hectares.

Figura 6 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas	Favorável	Média restrição - falta de chuva	Baixa restrição - excesso de chuva
Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	263,5	260,5	267,7	(1,1)	1,6	4.045	4.036	(0,2)	1.065,7	1.051,3	1.080,6	(1,4)	1,4
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.075	7.035	(0,6)	87,0	86,5	86,5	(0,6)	(0,6)
RO	42,4	42,4	42,4	-	-	3.243	3.186	(1,8)	137,5	135,1	135,1	(1,7)	(1,7)
AC	5,0	5,0	5,0	-	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
AM	1,4	1,2	1,3	(14,3)	(7,1)	2.296	2.288	(0,3)	3,2	2,7	3,0	(15,6)	(6,3)
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	68,4	68,4	68,4	-	-	2.860	2.882	0,8	195,6	197,1	197,1	0,8	0,8
TO	132,5	129,7	136,8	(2,1)	3,2	4.792	4.775	(0,4)	634,9	621,8	650,8	(2,1)	2,5
NORDESTE	262,0	261,3	261,3	(0,3)	(0,3)	2.033	1.639	(19,4)	525,9	428,3	428,3	(18,6)	(18,6)
MA	166,7	166,7	166,7	-	-	1.925	1.623	(15,7)	320,9	270,5	270,5	(15,7)	(15,7)
PI	70,8	70,8	70,8	-	-	1.670	988	(40,8)	118,2	70,0	70,0	(40,8)	(40,8)
CE	3,6	3,6	3,6	-	-	975	1.622	66,3	3,6	5,9	5,9	63,9	63,9
RN	1,1	1,1	1,1	-	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	3,8	(11,6)	(11,6)
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	0,9	(25,0)	(25,0)
PE	0,4	0,4	0,4	-	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	2,2	4,8	4,8
AL	5,8	5,8	5,8	-	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	35,3	(6,4)	(6,4)
SE	4,7	4,0	4,0	(14,9)	(14,9)	7.500	7.387	(1,5)	28,5	29,5	29,5	3,5	3,5
BA	7,8	7,8	7,8	-	-	1.200	1.310	9,2	9,4	10,2	10,2	8,5	8,5
CENTRO-OESTE	185,2	141,2	177,8	(23,8)	(4,0)	3.653	3.746	2,5	676,5	537,7	657,2	(20,5)	(2,9)
MT	149,3	106,3	142,1	(28,8)	(4,8)	3.283	3.238	(1,4)	490,2	344,5	459,8	(29,7)	(6,2)
MS	14,3	14,0	14,6	(2,1)	2,1	5.700	6.206	8,9	81,5	86,9	90,6	6,6	11,2
GO	21,6	20,9	21,1	(3,2)	(2,3)	4.852	5.075	4,6	104,8	106,3	106,8	1,4	1,9
DF	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SUDESTE	14,7	14,2	14,7	(3,4)	-	3.611	3.626	0,4	53,0	51,7	53,2	(2,5)	0,4
MG	4,8	4,3	4,8	(10,4)	-	2.791	2.437	(12,7)	13,4	10,3	11,8	(23,1)	(11,9)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	0,3	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	1,0	150,0	150,0
SP	9,5	9,5	9,5	-	-	4.094	4.215	3,0	38,9	40,1	40,1	3,1	3,1
SUL	1.247,4	1.169,7	1.255,4	(6,2)	0,6	7.811	7.674	(1,7)	9.743,1	8.975,9	9.635,6	(7,9)	(1,1)
PR	23,1	22,7	22,9	(1,7)	(0,9)	5.684	6.363	12,0	131,3	144,9	145,3	10,4	10,7
SC	146,7	143,8	145,2	(2,0)	(1,0)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.094,3	1.105,0	(5,0)	(4,0)
RS	1.077,6	1.003,2	1.087,3	(6,9)	0,9	7.851	7.712	(1,8)	8.460,2	7.736,7	8.385,3	(8,6)	(0,9)
NORTE/NORDESTE	525,5	521,8	529,0	(0,7)	0,7	3.042	2.844	(6,5)	1.591,6	1.479,6	1.508,9	(7,0)	(5,2)
CENTRO-SUL	1.447,3	1.325,1	1.447,9	(8,4)	-	7.236	7.180	(0,8)	10.472,6	9.565,3	10.346,0	(8,7)	(1,2)
BRASIL	1.972,8	1.846,9	1.976,9	(6,4)	0,2	6.119	5.989	(2,1)	12.064,2	11.044,9	11.854,9	(8,4)	(1,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz de sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 17/18 (a)	Safr 18/19		VAR. %		Safr 17/18 (d)	Safr 18/19 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 17/18 (f)	Safr 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	138,8	135,8	138,7	(2,2)	(0,1)	2.757	2.698	(2,2)	382,6	366,3	372,4	(4,3)	(2,7)
RO	42,4	42,4	42,4	-	-	3.243	3.186	(1,8)	137,5	135,1	135,1	(1,7)	(1,7)
AC	5,0	5,0	5,0	-	-	1.223	1.334	9,1	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
AM	1,4	1,2	1,3	(15,0)	(10,0)	2.296	2.288	(0,3)	3,2	2,7	3,0	(15,6)	(6,3)
AP	1,5	1,5	1,5	-	-	952	932	(2,1)	1,4	1,4	1,4	-	-
PA	62,8	62,8	62,8	-	-	2.808	2.763	(1,6)	176,3	173,5	173,5	(1,6)	(1,6)
TO	25,7	22,9	25,7	(11,0)	-	2.261	2.050	(9,3)	58,1	46,9	52,7	(19,3)	(9,3)
NORDESTE	240,8	240,8	240,8	-	-	1.710	1.318	(23,0)	411,9	317,4	317,4	(22,9)	(22,9)
MA	162,9	162,9	162,9	-	-	1.865	1.558	(16,5)	303,8	253,8	253,8	(16,5)	(16,5)
PI	65,5	65,5	65,5	-	-	1.443	720	(50,1)	94,5	47,2	47,2	(50,1)	(50,1)
CE	3,5	3,5	3,5	-	-	846	1.500	77,3	3,0	5,3	5,3	76,7	76,7
PB	1,1	1,1	1,1	-	-	1.100	783	(28,8)	1,2	0,9	0,9	(25,0)	(25,0)
BA	7,8	7,8	7,8	-	-	1.200	1.310	9,2	9,4	10,2	10,2	8,5	8,5
CENTRO-OESTE	150,2	106,5	142,5	(29,1)	(5,1)	3.225	3.168	(1,8)	484,4	337,4	453,2	(30,3)	(6,4)
MT	143,5	100,5	136,3	(30,0)	(5,0)	3.268	3.220	(1,5)	469,0	323,6	438,9	(31,0)	(6,4)
GO	6,7	6,0	6,2	(10,0)	(8,0)	2.300	2.300	-	15,4	13,8	14,3	(10,4)	(7,1)
SUDESTE	5,8	5,5	5,8	(5,2)	-	2.244	2.104	(6,2)	12,9	11,6	12,0	(10,1)	(7,0)
MG	3,5	3,2	3,5	(8,6)	-	1.756	1.322	(24,7)	6,1	4,2	4,6	(31,1)	(24,6)
ES	0,1	0,1	0,1	-	-	3.468	2.779	(19,9)	0,3	0,3	0,3	-	-
RJ	0,3	0,3	0,3	-	-	1.483	3.284	121,4	0,4	1,0	1,0	150,0	150,0
SP	1,9	1,9	1,9	-	-	3.200	3.200	-	6,1	6,1	6,1	-	-
SUL	3,4	3,0	3,2	(11,8)	(5,9)	1.973	2.032	3,0	6,7	6,1	6,5	(9,0)	(3,0)
PR	3,4	3,0	3,2	(12,0)	(5,0)	1.973	2.032	3,0	6,7	6,1	6,5	(9,0)	(3,0)
NORTE/NORDESTE	379,6	376,6	379,5	(0,8)	-	2.093	1.815	(13,3)	794,5	683,7	689,8	(13,9)	(13,2)
CENTRO-SUL	159,4	115,0	151,5	(27,9)	(5,0)	3.162	3.088	(2,4)	504,0	355,1	471,7	(29,5)	(6,4)
BRASIL	539,0	491,6	531,0	(8,8)	(1,5)	2.409	2.113	(12,3)	1.298,5	1.038,8	1.161,5	(20,0)	(10,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz de irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	124,7	124,7	129,0	-	3,4	5.478	5.494	0,3	683,1	685,0	708,2	0,3	3,7
RR	12,3	12,3	12,3	-	-	7.075	7.035	(0,6)	87,0	86,5	86,5	(0,6)	(0,6)
PA	5,6	5,6	5,6	-	-	3.446	4.220	22,5	19,3	23,6	23,6	22,3	22,3
TO	106,8	106,8	111,1	-	4,0	5.401	5.383	(0,3)	576,8	574,9	598,1	(0,3)	3,7
NORDESTE	21,2	20,5	20,5	(3,3)	(3,3)	5.697	5.409	(5,0)	114,0	110,9	110,9	(2,7)	(2,7)
MA	3,8	3,8	3,8	-	-	4.500	4.400	(2,2)	17,1	16,7	16,7	(2,3)	(2,3)
PI	5,3	5,3	5,3	-	-	4.478	4.300	(4,0)	23,7	22,8	22,8	(3,8)	(3,8)
CE	0,1	0,1	0,1	-	-	5.500	5.900	7,3	0,6	0,6	0,6	-	-
RN	1,1	1,1	1,1	-	-	3.945	3.468	(12,1)	4,3	3,8	3,8	(11,6)	(11,6)
PE	0,4	0,4	0,4	-	-	5.259	5.389	2,5	2,1	2,2	2,2	4,8	4,8
AL	5,8	5,8	5,8	-	-	6.500	6.082	(6,4)	37,7	35,3	35,3	(6,4)	(6,4)
SE	4,0	4,0	4,0	-	-	7.125	7.387	3,7	28,5	29,5	29,5	3,5	3,5
CENTRO-OESTE	35,0	34,7	35,3	(0,9)	0,9	5.489	5.773	5,2	192,1	200,3	204,0	4,3	6,2
MT	5,8	5,8	5,8	-	-	3.659	3.600	(1,6)	21,2	20,9	20,9	(1,4)	(1,4)
MS	14,3	14,0	14,6	(2,0)	2,0	5.700	6.206	8,9	81,5	86,9	90,6	6,6	11,2
GO	14,9	14,9	14,9	-	-	6.000	6.211	3,5	89,4	92,5	92,5	3,5	3,5
SUDESTE	8,9	8,7	8,9	(2,2)	-	4.501	4.606	2,3	40,1	40,1	41,2	-	2,7
MG	1,3	1,1	1,3	(15,0)	-	5.577	5.550	(0,5)	7,3	6,1	7,2	(16,4)	(1,4)
SP	7,6	7,6	7,6	-	-	4.317	4.469	3,5	32,8	34,0	34,0	3,7	3,7
SUL	1.244,0	1.166,7	1.252,2	(6,2)	0,7	7.827	7.688	(1,8)	9.736,4	8.969,8	9.629,1	(7,9)	(1,1)
PR	19,7	19,7	19,7	-	-	6.324	7.045	11,4	124,6	138,8	138,8	11,4	11,4
SC	146,7	143,8	145,2	(2,0)	(1,0)	7.850	7.610	(3,1)	1.151,6	1.094,3	1.105,0	(5,0)	(4,0)
RS	1.077,6	1.003,2	1.087,3	(6,9)	0,9	7.851	7.712	(1,8)	8.460,2	7.736,7	8.385,3	(8,6)	(0,9)
NORTE/NORDESTE	145,9	145,2	149,5	(0,5)	2,5	5.510	5.482	(0,5)	797,1	795,9	819,1	(0,2)	2,8
CENTRO-SUL	1.287,9	1.210,1	1.296,4	(6,0)	0,7	7.740	7.611	(1,7)	9.968,6	9.210,2	9.874,3	(7,6)	(0,9)
BRASIL	1.433,8	1.355,3	1.445,9	(5,5)	0,8	7.513	7.383	(1,7)	10.765,7	10.006,1	10.693,4	(7,1)	(0,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.4. FEIJÃO

10.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A primeira avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área semeada poderá variar entre 953 mil e 991,2 mil hectares, redução de 9,2% a 6,4% em relação à

safrá passada. Na primeira safra, o feijão compete com soja e milho por área, fazendo o produtor escolher pela cultura que proponha uma melhor rentabilidade.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o tipo de feijão mais cultivado na primeira safra. A estimativa é que a área fique entre 395,3 mil e 418,2 mil hectares para a safra 2018/19, ou seja, redução entre 14,5% e 9% em relação à safra passada.

Na Região Norte, Tocantins é o único estado produtor de feijão-comum cores primeira safra. É esperado pouca variação na área cultivada em relação à safra passada.

Na Região Nordeste, somente a Bahia tem produção de feijão-comum cores na primeira safra.

Na Bahia, o feijão-comum cores primeira safra é tipicamente cultivado pela agricultura familiar, a qual destina parte da produção para o consumo da famí-

lia, parte para o plantio da próxima safra e parte para a comercialização. A previsão para o início do plantio será a partir de novembro.

A estimativa é que a área cultivada seja entre 38 mil e 40 mil hectares, representando uma variação negativa de 13,4% a 8,9% em relação à safra passada.

Na Região Centro-Oeste, a previsão é que a área seja menor que na última safra.

Em Mato Grosso, o início do plantio de feijão na primeira safra deverá acontecer somente em novembro, em áreas bastante pontuais, e será dividido entre as variedades comum-cores e caupi, com atendimento de demandas internas. O preço do feijão-comum co-



res é considerado baixo pelo produtor e deverá inibir o plantio. A estimativa é que a área seja entre 3,1 mil e 5 mil hectares.

Calcula-se que pouco mais da metade do feijão-comum cores, oriundo da safra 2017/18, já tenha sido comercializado, ao passo que a negociação da produção 2018/19 ainda não começou.

Em Goiás, o plantio do feijão-comum cores primeira safra ainda está indefinido. Um forte indicativo são os preços recebidos pelo produtor, os quais estão muito baixos, deixando os produtores insatisfeitos. Outro ponto que deixa os produtores temerosos diz respeito ao clima e os altos custos de produção, fazendo com que o planejamento seja imprescindível para a atual safra. Por isso, a estimativa é de redução de 22% a 15% na área plantada.

No Distrito Federal, o plantio da primeira safra de feijão está previsto para iniciar na segunda quinzena, após o término do período de vazão sanitário.

A estimativa é que a área diminua entre 8% e 5% em relação à safra passada, devido aos baixos preços do produto e à opção pela soja, que se encontra com preços mais atrativos.

Na Região Sudeste, principal produtora de feijão-comum cores na primeira safra, projeta-se uma redução entre 9,3% e 6,3% de área em relação à safra passada. Em Minas Gerais, a área de feijão-comum cores na primeira safra está estimada entre 136 mil e 138,6 mil hectares. Até o momento não há indícios de aumento significativo da área em razão dos baixos preços pagos pelo produto. Dessa forma, alguns produtores optam por culturas mais rentáveis como o milho e soja.

O cultivo de feijão-comum cores é predominante no estado. Apesar dos riscos de perdas, do atraso das chuvas e da instabilidade de preços, essa leguminosa é cultivada em praticamente todos os municípios mineiros, ainda que em alguns apenas para autoconsumo.

Em São Paulo, o feijão-comum cores primeira safra deverá ter uma área menor que na safra passada, princi-

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a primeira safra. A estimativa é de uma área entre 168 e 175,5 mil hectares.

Em Minas Gerais, o cultivo do feijão-comum preto se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A área estimada está entre 6,6 mil e 6,8 mil hectares. O mercado não é motivador para o aumento de área até o

palmente pela substituição de áreas de feijão por soja, influência dos preços praticados em torno do produto.

Considerada a região de maior produção para o feijão-comum cores, o sudoeste do estado apresenta áreas com feijão irrigado, além de lavouras com cultivo em sequeiro. A cultura está totalmente semeada.

O feijão deverá iniciar a colheita em novembro e pode se estender até janeiro de 2019.

Na Região Sul, o plantio já iniciou. A previsão inicial é que a área diminua em relação à safra passada.

No Paraná, a perspectiva de plantio é de 60,7 a 64,7 mil hectares, significando uma diminuição de 25% a 20% em relação à safra anterior. Essa redução de área ocorre porque os produtores estão optando por plantar soja devido aos seus bons preços. O plantio se encontra bastante avançado, tendo chegado a 55% da área prevista.

A qualidade das lavouras é boa devido ao clima favorável.

Em Santa Catarina, devido ao fraco desempenho da cultura na safra passada, principalmente em relação aos preços, que permaneceram baixos durante quase todo o ano, as primeiras projeções indicam um recuo na previsão de plantio na safra atual. A cultura deve perder espaço para o milho, principalmente, e a soja, cuja rentabilidade se apresenta mais atraente no momento. As primeiras lavouras se encontram semeadas na região oeste do estado, com destaque para o extremo-oeste, onde as lavouras se encontram totalmente plantadas. Nas demais regiões, o plantio deve se estender até meados de dezembro, haja vista as lavouras encontrarem-se em região mais alta e, consequentemente, mais fria que as demais.

Estima-se que em torno de 8% das lavouras estejam implantadas e seu estágio de desenvolvimento se encontra entre germinação (94%) e vegetativo (6%).

Em torno de 45% dos recursos financeiros necessários para a implantação das lavouras devem vir de fornecedores de insumos, 33% de instituições bancárias e 23% devem ser oriundos dos próprios produtores.

momento. A demanda pelo produto permanece estável.

A Região Sul é a principal produtora de feijão-comum preto na primeira safra. A estimativa é que a área reduza entre 7,1% e 2,8% em relação à safra passada.

No Paraná, da área prevista para o plantio, 55% já está plantada. Em relação à safra anterior, a expectativa é



de redução da área em virtude de os produtores estarem migrando para soja ou milho, que são culturas mais rentáveis.

Até o momento, as lavouras já germinadas estão em boas condições.

Em Santa Catarina, em torno de 21% das lavouras de feijão-comum preto primeira safra se encontram semeadas, com destaque para as cidades localizadas no oeste do estado, onde o clima é mais ameno no final do inverno, dando condições ao plantio antecipado.

Estima-se que até o final de setembro o plantio alcance em torno de 50% do total. A área deve apresentar redução em algumas regiões, cedendo espaço para a soja ou milho. A manutenção dos preços praticamente estáveis durante este ano não motivou muito os produtores, que devem apostar em outras culturas mais rentáveis e menos suscetíveis às oscilações climáticas, as quais têm influenciado negativamente a cultura nas últimas safras.

Boa parte da área de feijão comercial deve ser cultivada usando boa tecnologia, tanto em termos de uso de insumos quanto de máquinas, haja vista a falta de mão de obra para a atividade de colheita.

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.022,7 mil hectares. A produção é estimada em 603,5 mil toneladas, 35,6% superior à safra passada.

Na Região Norte, apenas Tocantins cultiva o feijão-caupi na primeira safra. A exemplo do feijão-comum cores, é esperado pouca variação na área cultivada em relação à safra passada, ora estimada no intervalo de 4,8 mil a 5,3 mil hectares.

Visto ser uma cultura de menor resultado econômico, observa-se que é cultivada basicamente por agricultores familiares, em lavouras de menor tamanho, com vistas à subsistência e pequena porção destinada à comercialização.

Na Região Nordeste é cultivado a maior área de feijão-caupi na primeira safra. A estimativa é que seja cultivado entre 367,9 mil e 373 mil hectares.

No Piauí, praticamente toda a área de feijão-caupi primeira safra no estado é proveniente da agricultura familiar e o plantio tem previsão de iniciar em dezembro no sul do estado e em janeiro de 2019 na região centro-norte. A área de feijão-caupi primeira safra

O uso de sementes próprias ainda é alta para essa cultura. Estima-se que ao redor de 35% das lavouras sejam implantadas com os grãos colhidos pelo produtor na safra anterior.

Em torno de 40% dos recursos necessários para a implantação da cultura deve ser buscado nas instituições bancárias, 25% em fornecedores de insumos e 35% devem vir de recursos próprios.

No Rio Grande do Sul, a semeadura já foi iniciada e atinge aproximadamente 30% da área estimada. Na região em que o período recomendado pelo zoneamento inicia mais cedo no estado, houve atraso na implantação das lavouras em relação à safra anterior, explicado pela ocorrência, no final do inverno, de temperaturas mais baixas. Com isso, boa parte das lavouras deverão ser implantadas em outubro.

As lavouras já implantadas se encontram em fase de germinação e emergência. As condições do solo, temperatura e umidade estão adequadas e as lavouras devem se estabelecer de maneira adequada. A área cultivada nessa safra, de acordo com informações preliminares, poderá sofrer uma leve redução, embora ainda não esteja totalmente confirmada.

deve permanecer semelhante à da safra passada.

Na Bahia, a estimativa é que seja cultivado entre 95 mil e 100,1 mil hectares, representando uma variação negativa entre 15,8% e 11,3% em relação à safra passada. A previsão para o início do plantio é para novembro.

As lavouras de feijão-caupi são cultivadas exclusivamente pela agricultura familiar, destinando a produção para a subsistência, não havendo comercialização significativa, e está presente em todas as regiões do estado.

Em Mato Grosso, a maior área de feijão-caupi é cultivada na segunda safra. Na primeira safra, a estimativa é que o cultivo aconteça em uma área entre 3,2 mil e 5,1 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de feijão-caupi está estimada entre 13,8 e 14,1 mil hectares. Esse ligeiro aumento da área pode ocorrer caso as condições climáticas sejam favoráveis na região do Norte de Minas, onde é mais comum o cultivo. O feijão-caupi representa cerca de 8,7% do total do feijão cultivado no estado na primeira safra, todavia contribui apenas com 4% da produção devido à baixa produtividade nos principais municípios produtores.



Figura 7 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra

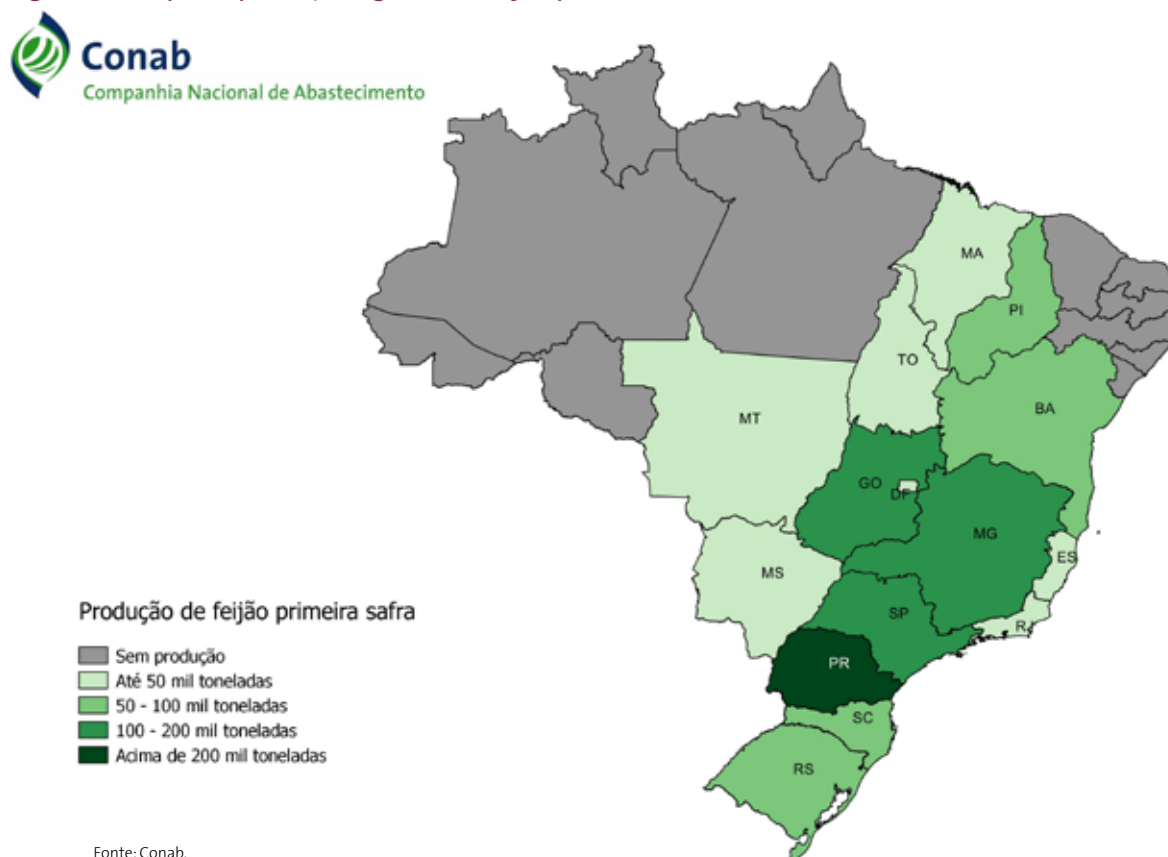


Figura 8 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - cores

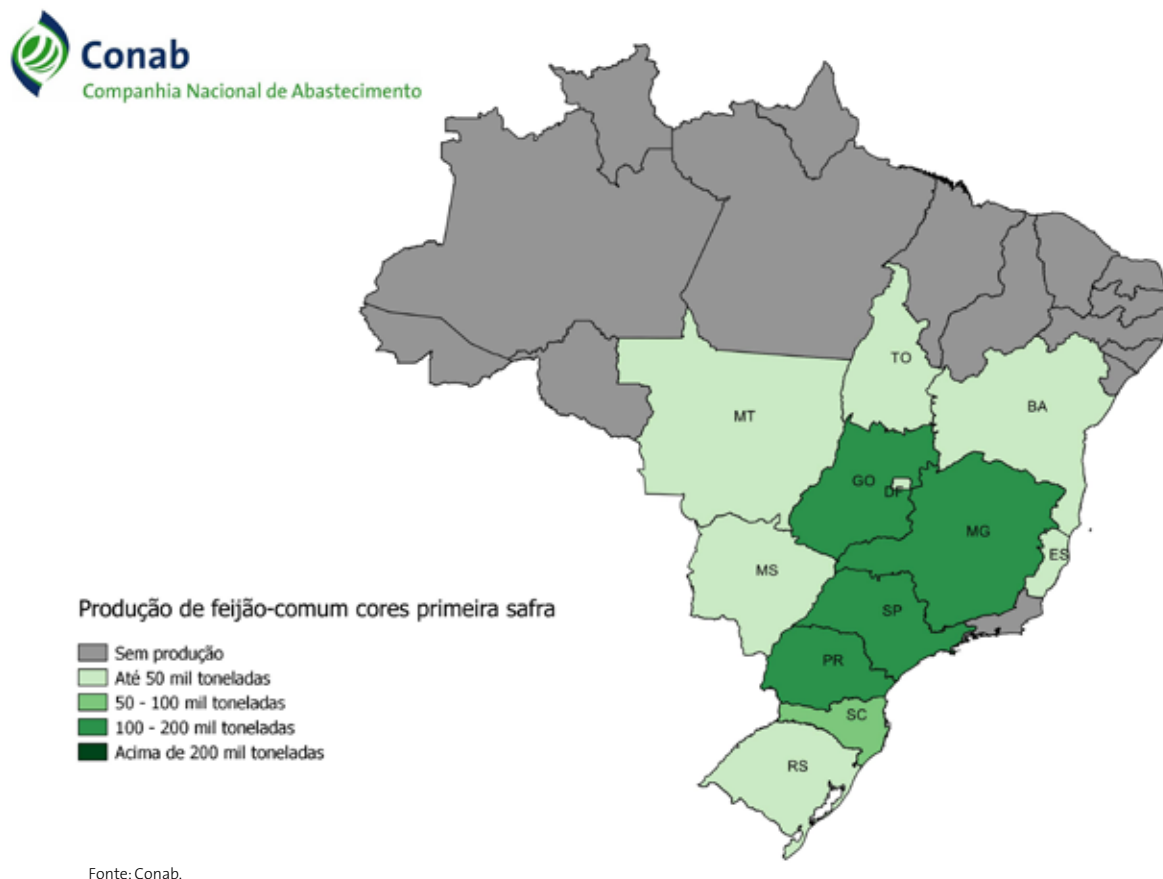


Figura 9 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - Preto

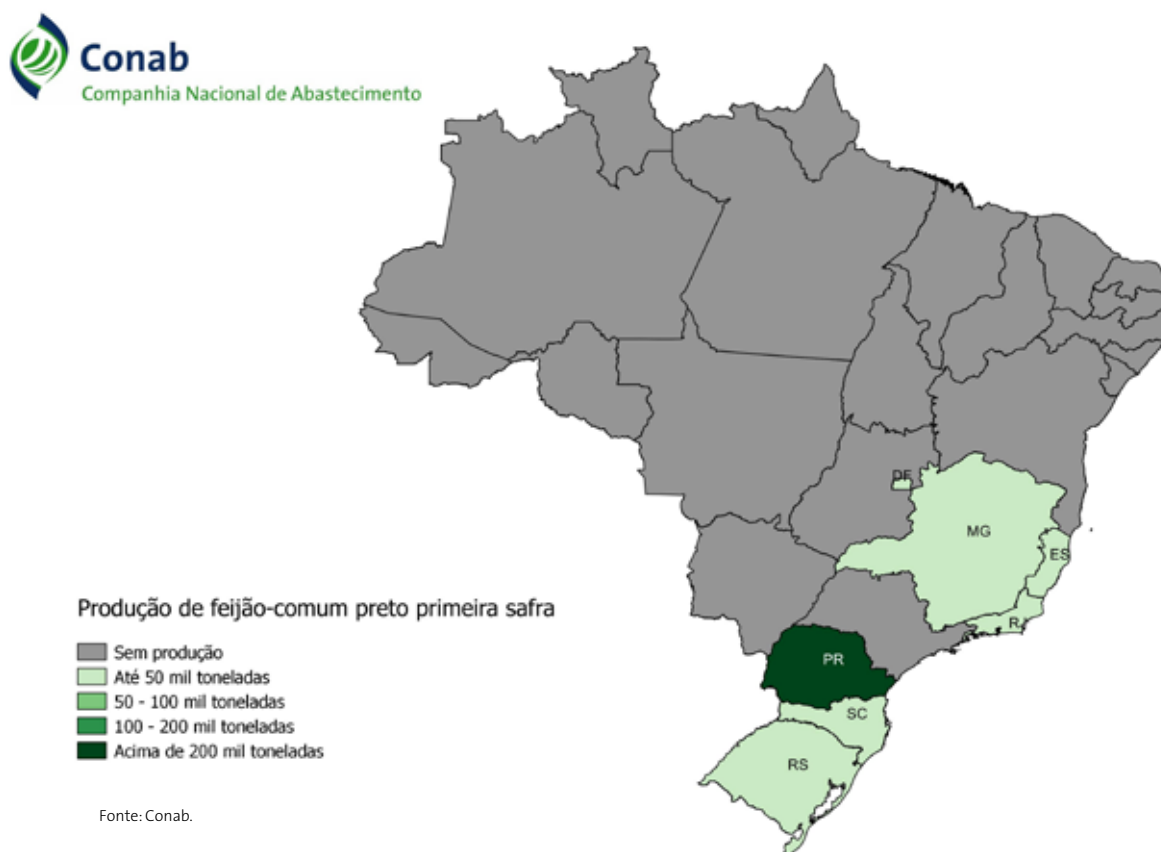
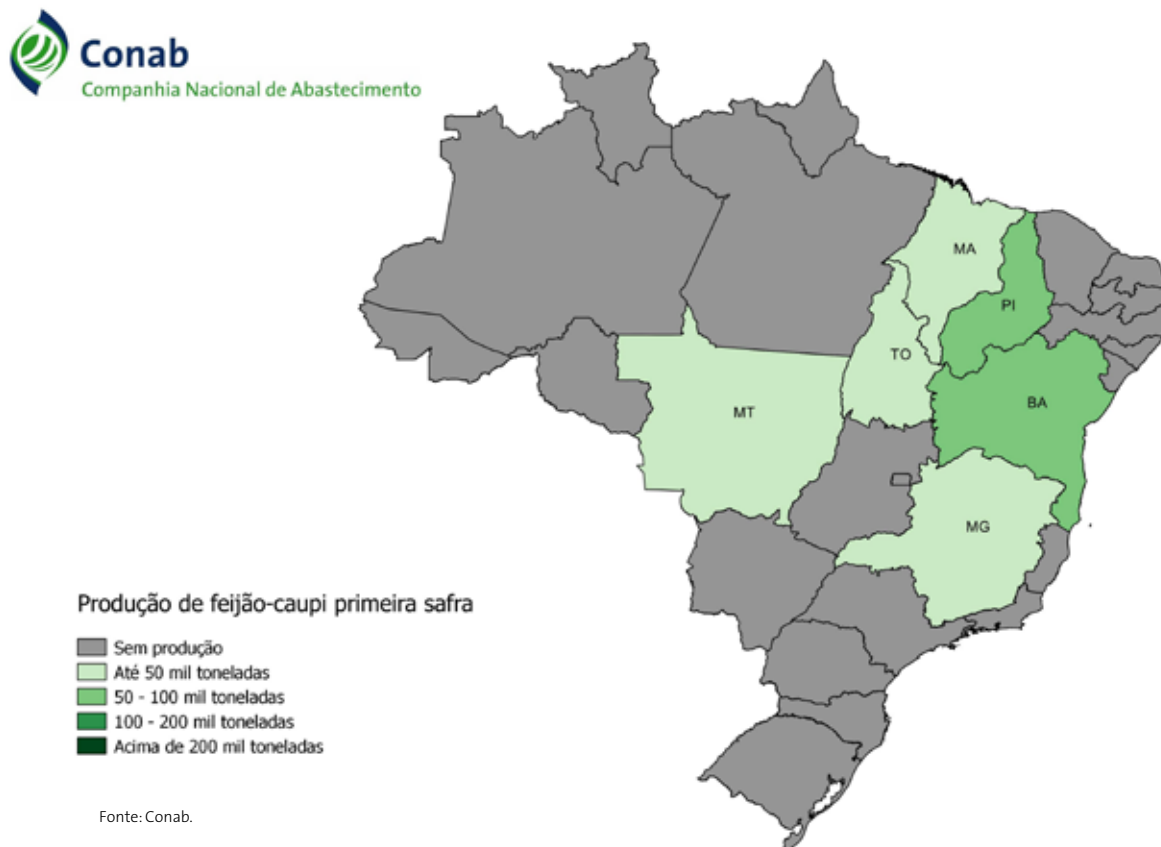


Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra - Caupi



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	F/FR/M	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Para-naíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F		FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	5,9	5,5	6,1	(6,8)	3,4	624	714	14,3	3,7	3,9	4,4	5,4	18,9
TO	5,9	5,5	6,1	(6,8)	3,4	624	714	14,3	3,7	3,9	4,4	5,4	18,9
NORDESTE	429,6	405,9	413,0	(5,5)	(3,9)	435	417	(4,1)	186,7	168,8	172,6	(9,6)	(7,6)
MA	37,6	37,6	37,6	-	-	575	547	(4,9)	21,6	20,6	20,6	(4,6)	(4,6)
PI	235,3	235,3	235,3	-	-	385	326	(15,3)	90,6	76,7	76,7	(15,3)	(15,3)
BA	156,7	133,0	140,1	(15,1)	(10,6)	476	537	13,0	74,5	71,5	75,3	(4,0)	1,1
CENTRO-OESTE	81,7	62,0	70,2	(24,1)	(14,1)	2.337	2.223	(4,9)	191,0	138,5	155,3	(27,5)	(18,7)
MT	12,6	6,3	10,1	(50,0)	(19,8)	1.762	1.709	(3,0)	22,2	10,8	17,3	(51,4)	(22,1)
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.650	1.759	6,6	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
GO	56,2	43,8	47,8	(22,1)	(14,9)	2.496	2.373	(4,9)	140,3	103,9	113,4	(25,9)	(19,2)
DF	12,1	11,1	11,5	(8,3)	(5,0)	2.242	2.021	(9,9)	27,2	22,4	23,2	(17,6)	(14,7)
SUDESTE	243,7	223,1	230,1	(8,5)	(5,6)	1.664	1.551	(6,8)	405,5	344,6	358,1	(15,0)	(11,7)
MG	157,2	156,5	159,5	(0,4)	1,5	1.261	1.210	(4,1)	198,3	189,4	193,0	(4,5)	(2,7)
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	970	1.005	3,6	5,9	6,1	6,1	3,4	3,4
RJ	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0	938	1.028	9,6	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0
SP	80,0	60,0	64,0	(25,0)	(20,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	148,6	158,5	(26,0)	(21,1)
SUL	292,7	256,5	271,8	(12,4)	(7,1)	1.690	1.779	5,3	494,7	456,0	484,1	(7,8)	(2,1)
PR	199,6	169,9	178,7	(14,9)	(10,5)	1.594	1.741	9,2	318,1	295,8	311,0	(7,0)	(2,2)
SC	53,6	49,0	52,0	(8,6)	(3,0)	1.883	1.928	2,4	100,9	94,5	100,2	(6,3)	(0,7)
RS	39,5	37,6	41,1	(4,8)	4,1	1.916	1.761	(8,1)	75,7	65,7	72,9	(13,2)	(3,7)
NORTE/NORDESTE	435,5	411,4	419,1	(5,5)	(3,8)	437	421	(3,7)	190,4	172,7	177,0	(9,3)	(7,0)
CENTRO-SUL	618,1	541,6	572,1	(12,4)	(7,4)	1.765	1.739	(1,5)	1.091,2	939,1	997,5	(13,9)	(8,6)
BRASIL	1.053,6	953,0	991,2	(9,5)	(5,9)	1.216	1.176	(3,3)	1.281,6	1.111,8	1.174,5	(13,2)	(8,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	1,2	1,1	1,1	(8,3)	(8,3)	1.900	1.715	(9,7)	2,3	1,9	1,9	(17,4)	(17,4)
DF	1,2	1,1	1,1	(8,0)	(5,0)	1.900	1.715	(9,7)	2,3	1,9	1,9	(17,4)	(17,4)
SUDESTE	9,2	9,1	9,3	(1,1)	1,1	900	887	(1,4)	8,3	8,1	8,3	(2,4)	-
MG	6,8	6,6	6,8	(2,9)	-	868	832	(4,1)	5,9	5,5	5,7	(6,8)	(3,4)
ES	2,0	2,0	2,0	-	-	1.000	1.035	3,5	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RJ	0,4	0,5	0,5	13,9	13,9	938	1.028	9,6	0,4	0,5	0,5	25,0	25,0
SUL	169,8	157,8	165,1	(7,1)	(2,8)	1.694	1.774	4,8	287,6	280,0	292,9	(2,6)	1,8
PR	118,7	109,2	114,0	(8,0)	(4,0)	1.670	1.814	8,6	198,2	198,1	206,8	(0,1)	4,3
SC	21,6	20,0	21,0	(7,4)	(2,8)	1.885	1.930	2,4	40,7	38,6	40,5	(5,2)	(0,5)
RS	29,5	28,6	30,1	(3,1)	2,0	1.650	1.515	(8,2)	48,7	43,3	45,6	(11,1)	(6,4)
NORTE/NORDESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CENTRO-SUL	180,2	168,0	175,5	(6,8)	(2,6)	1.655	1.726	4,3	298,2	290,0	303,1	(2,7)	1,6
BRASIL	180,2	168,0	175,5	(6,8)	(2,6)	1.655	1.726	4,3	298,2	290,0	303,1	(2,7)	1,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,8	0,7	0,8	(12,5)	-	881	1.015	15,2	0,7	0,7	0,8	-	14,3
TO	0,8	0,7	0,8	(7,6)	1,3	881	1.015	15,2	0,7	0,7	0,8	-	14,3
NORDESTE	43,9	38,0	40,0	(13,4)	(8,9)	470	531	13,0	20,6	20,2	21,2	(1,9)	2,9
BA	43,9	38,0	40,0	(13,4)	(8,9)	470	531	13,0	20,6	20,2	21,2	(1,9)	2,9
CENTRO- OESTE	74,1	57,7	64,0	(22,1)	(13,6)	2.442	2.305	(5,6)	181,0	132,9	147,6	(26,6)	(18,5)
MT	6,2	3,1	5,0	(50,0)	(20,0)	2.342	2.280	(2,6)	14,5	7,1	11,4	(51,0)	(21,4)
MS	0,8	0,8	0,8	-	-	1.650	1.759	6,6	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
GO	56,2	43,8	47,8	(22,0)	(15,0)	2.496	2.373	(4,9)	140,3	103,9	113,4	(25,9)	(19,2)
DF	10,9	10,0	10,4	(8,0)	(5,0)	2.280	2.054	(9,9)	24,9	20,5	21,4	(17,7)	(14,1)
SUDESTE	220,7	200,2	206,7	(9,3)	(6,3)	1.765	1.651	(6,5)	389,6	329,4	342,5	(15,5)	(12,1)
MG	136,6	136,1	138,6	(0,4)	1,5	1.353	1.298	(4,1)	184,8	176,7	179,9	(4,4)	(2,7)
ES	4,1	4,1	4,1	-	-	955	990	3,7	3,9	4,1	4,1	5,1	5,1
SP	80,0	60,0	64,0	(25,0)	(20,0)	2.511	2.476	(1,4)	200,9	148,6	158,5	(26,0)	(21,1)
SUL	122,9	98,7	106,7	(19,7)	(13,2)	1.685	1.787	6,1	207,1	175,9	191,2	(15,1)	(7,7)
PR	80,9	60,7	64,7	(25,0)	(20,0)	1.482	1.610	8,6	119,9	97,7	104,2	(18,5)	(13,1)
SC	32,0	29,0	31,0	(9,4)	(3,1)	1.881	1.926	2,4	60,2	55,9	59,7	(7,1)	(0,8)
RS	10,0	9,0	11,0	(10,0)	10,0	2.700	2.483	(8,0)	27,0	22,3	27,3	(17,4)	1,1
NORTE/ NORDESTE	44,7	38,7	40,8	(13,4)	(8,7)	477	540	13,2	21,3	20,9	22,0	(1,9)	3,3
CENTRO- SUL	417,7	356,6	377,4	(14,6)	(9,6)	1.862	1.798	(3,5)	777,7	638,2	681,3	(17,9)	(12,4)
BRASIL	462,4	395,3	418,2	(14,5)	(9,6)	1.728	1.675	(3,1)	799,0	659,1	703,3	(17,5)	(12,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18 (d)	Safra 18/19 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 17/18 (f)	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	5,1	4,8	5,3	(5,9)	3,9	584	669	14,6	3,0	3,2	3,5	6,7	16,7
TO	5,1	4,8	5,3	(5,2)	3,5	584	669	14,6	3,0	3,2	3,5	6,7	16,7
NORDESTE	385,7	367,9	373,0	(4,6)	(3,3)	431	405	(6,0)	166,1	148,6	151,4	(10,5)	(8,9)
MA	37,6	37,6	37,6	-	-	575	547	(4,9)	21,6	20,6	20,6	(4,6)	(4,6)
PI	235,3	235,3	235,3	-	-	385	326	(15,3)	90,6	76,7	76,7	(15,3)	(15,3)
BA	112,8	95,0	100,1	(15,8)	(11,3)	478	540	13,0	53,9	51,3	54,1	(4,8)	0,4
CENTRO- OESTE	6,4	3,2	5,1	(50,0)	(20,3)	1.200	1.152	(4,0)	7,7	3,7	5,9	(51,9)	(23,4)
MT	6,4	3,2	5,1	(50,0)	(20,0)	1.200	1.152	(4,0)	7,7	3,7	5,9	(51,9)	(23,4)
SUDESTE	13,8	13,8	14,1	-	2,2	548	526	(4,0)	7,6	7,3	7,4	(3,9)	(2,6)
MG	13,8	13,8	14,1	-	2,2	548	526	(4,0)	7,6	7,3	7,4	(3,9)	(2,6)
NORTE/ NORDESTE	390,8	372,7	378,3	(4,6)	(3,2)	433	408	(5,6)	169,1	151,8	154,9	(10,2)	(8,4)
CENTRO-SUL	20,2	17,0	19,2	(15,8)	(5,0)	755	670	(11,3)	15,3	11,0	13,3	(28,1)	(13,1)
BRASIL	411,0	389,7	397,5	(5,2)	(3,3)	449	420	(6,3)	184,4	162,8	168,2	(11,7)	(8,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	43,6	43,3	43,4	(0,7)	(0,5)	725	932	28,5	31,7	40,3	40,4	27,1	27,4
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	605	607	0,3	4,6	4,6	4,6	-	-
AM	3,3	3,0	3,1	(9,1)	(6,1)	900	1.030	14,4	3,0	3,1	3,2	3,3	6,7
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
TO	21,9	21,9	21,9	-	-	665	1.057	58,9	14,6	23,1	23,1	58,2	58,2
NORDESTE	807,0	804,0	810,0	(0,4)	0,4	410	391	(4,7)	330,6	312,3	318,3	(5,5)	(3,7)
MA	51,5	51,5	51,5	-	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	31,8	(13,1)	(13,1)
PI	5,4	5,4	5,4	-	-	545	639	17,2	2,9	3,5	3,5	20,7	20,7
CE	404,4	404,4	404,4	-	-	291	298	2,1	117,9	120,3	120,3	2,0	2,0
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	108,8	108,8	108,8	-	-	431	362	(16,1)	46,9	39,4	39,4	(16,0)	(16,0)
PE	131,8	131,8	131,8	-	-	304	319	4,8	40,1	42,0	42,0	4,7	4,7
BA	60,0	57,0	63,0	(5,0)	5,0	1.150	1.007	(12,5)	69,0	57,4	63,4	(16,8)	(8,1)
CENTRO-O-ESTE	309,6	309,6	309,6	-	-	1.149	1.262	9,8	355,7	390,7	390,7	9,8	9,8
MT	242,4	242,4	242,4	-	-	1.100	1.167	6,0	266,7	282,8	282,8	6,0	6,0
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	39,3	16,3	16,3
GO	40,1	40,1	40,1	-	-	1.333	1.653	24,1	53,4	66,3	66,3	24,2	24,2
DF	1,1	1,1	1,1	-	-	1.668	2.057	23,3	1,8	2,3	2,3	27,8	27,8
SUDESTE	138,6	138,6	138,6	-	-	1.245	1.329	6,8	172,7	184,2	184,2	6,7	6,7
MG	116,2	116,2	116,2	-	-	1.205	1.298	7,7	140,1	150,8	150,8	7,6	7,6
ES	8,6	8,6	8,6	-	-	924	1.013	9,6	8,0	8,7	8,7	8,7	8,7
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	855	978	14,4	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	23,9	-	-
SUL	233,9	233,9	233,9	-	-	1.391	1.534	10,3	325,3	358,8	358,8	10,3	10,3
PR	197,3	197,3	197,3	-	-	1.353	1.525	12,7	266,9	300,9	300,9	12,7	12,7
SC	17,3	17,3	17,3	-	-	1.533	1.566	2,2	26,5	27,1	27,1	2,3	2,3
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	30,8	(3,4)	(3,4)
NORTE/NORDESTE	850,6	847,3	853,4	(0,4)	0,3	426	418	(1,8)	362,3	352,6	358,7	(2,7)	(1,0)
CENTRO-SUL	682,1	682,1	682,1	-	-	1.252	1.369	9,4	853,7	933,7	933,7	9,4	9,4
BRASIL	1.532,7	1.529,4	1.535,5	(0,2)	0,2	793	841	6,0	1.216,0	1.286,3	1.292,4	5,8	6,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PB	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	0,2	-	-
DF	0,1	0,1	0,1	-	-	1.850	2.290	23,8	0,2	0,2	0,2	-	-
SUDESTE	9,7	9,7	9,7	-	-	814	896	10,1	8,0	8,7	8,7	8,8	8,8
MG	6,4	6,4	6,4	-	-	838	920	9,8	5,4	5,9	5,9	9,3	9,3
ES	2,5	2,5	2,5	-	-	740	810	9,5	1,9	2,0	2,0	5,3	5,3
RJ	0,8	0,8	0,8	-	-	855	978	14,4	0,7	0,8	0,8	14,3	14,3
SUL	119,8	119,8	119,8	-	-	1.427	1.553	8,8	170,9	186,0	186,0	8,8	8,8
PR	87,1	87,1	87,1	-	-	1.369	1.550	13,2	119,2	135,0	135,0	13,3	13,3
SC	13,4	13,4	13,4	-	-	1.476	1.505	2,0	19,8	20,2	20,2	2,0	2,0
RS	19,3	19,3	19,3	-	-	1.654	1.597	(3,4)	31,9	30,8	30,8	(3,4)	(3,4)
NORTE/NORDESTE	1,8	1,8	1,8	-	-	434	375	(13,6)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
CENTRO-SUL	129,6	129,6	129,6	-	-	1.381	1.504	8,9	179,1	194,9	194,9	8,8	8,8
BRASIL	131,4	131,4	131,4	-	-	1.368	1.489	8,8	179,9	195,6	195,6	8,7	8,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	21,6	21,3	21,4	(1,4)	(0,9)	787	838	6,5	17,0	17,8	17,9	4,7	5,3
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	592	594	0,3	3,3	3,3	3,3	-	-
AM	3,3	3,0	3,1	(8,0)	(5,0)	900	1.030	14,4	3,0	3,1	3,2	3,3	6,7
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
TO	1,9	1,9	1,9	-	-	641	1.020	59,1	1,2	1,9	1,9	58,3	58,3
NORDESTE	45,7	45,2	46,2	(1,1)	1,1	882	801	(9,1)	40,3	35,5	37,7	(11,9)	(6,5)
CE	4,2	4,2	4,2	-	-	526	540	2,7	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
PB	26,1	26,1	26,1	-	-	457	385	(15,8)	11,9	10,0	10,0	(16,0)	(16,0)
PE	5,4	5,4	5,4	-	-	400	425	6,3	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
BA	10,0	9,5	10,5	-	-	2.400	2.200	(8,3)	24,0	20,9	23,1	(12,9)	(3,8)
CENTRO-OESTE	67,8	67,8	67,8	-	-	1.534	1.769	15,3	104,0	120,0	120,0	15,4	15,4
MT	22,3	22,3	22,3	-	-	1.667	1.775	6,5	37,2	39,6	39,6	6,5	6,5
MS	26,0	26,0	26,0	-	-	1.300	1.511	16,2	33,8	39,3	39,3	16,3	16,3
GO	19,0	19,0	19,0	-	-	1.680	2.090	24,4	31,9	39,7	39,7	24,5	24,5
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	2.200	2.717	23,5	1,1	1,4	1,4	27,3	27,3
SUDESTE	128,8	128,8	128,8	-	-	1.271	1.362	7,2	164,6	175,4	175,4	6,6	6,6
MG	109,7	109,7	109,7	-	-	1.227	1.320	7,6	134,6	144,8	144,8	7,6	7,6
ES	6,1	6,1	6,1	-	-	1.000	1.096	9,6	6,1	6,7	6,7	9,8	9,8
SP	13,0	13,0	13,0	-	-	1.836	1.841	0,3	23,9	23,9	23,9	-	-
SUL	114,1	114,1	114,1	-	-	1.353	1.514	11,9	154,4	172,8	172,8	11,9	11,9
PR	110,2	110,2	110,2	-	-	1.340	1.505	12,3	147,7	165,9	165,9	12,3	12,3
SC	3,9	3,9	3,9	-	-	1.728	1.775	2,7	6,7	6,9	6,9	3,0	3,0
NORTE/NORDESTE	67,3	66,5	67,6	(1,2)	0,4	851	813	(4,5)	57,3	53,3	55,6	(7,0)	(3,0)
CENTRO-SUL	310,7	310,7	310,7	-	-	1.358	1.507	10,9	423,0	468,2	468,2	10,7	10,7
BRASIL	378,0	377,2	378,3	(0,2)	0,1	1.268	1.384	9,1	480,3	521,5	523,8	8,6	9,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	22,0	22,0	22,0	-	-	665	1.022	53,8	14,6	22,5	22,5	54,1	54,1
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	643	645	0,3	1,3	1,3	1,3	-	-
TO	20,0	20,0	20,0	-	-	667	1.060	58,9	13,3	21,2	21,2	59,4	59,4
NORDESTE	759,5	757,0	762,0	(0,3)	0,3	381	366	(4,1)	289,5	276,1	279,9	(4,6)	(3,3)
MA	51,5	51,5	51,5	-	-	711	617	(13,2)	36,6	31,8	31,8	(13,1)	(13,1)
PI	5,4	5,4	5,4	-	-	545	639	17,2	2,9	3,5	3,5	20,7	20,7
CE	400,2	400,2	400,2	-	-	289	295	2,1	115,7	118,1	118,1	2,1	2,1
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	80,9	80,9	80,9	-	-	423	354	(16,3)	34,2	28,6	28,6	(16,4)	(16,4)
PE	126,4	126,4	126,4	-	-	300	314	4,7	37,9	39,7	39,7	4,7	4,7
BA	50,0	47,5	52,5	-	-	900	768	(14,7)	45,0	36,5	40,3	(18,9)	(10,4)
CENTRO-OESTE	241,7	241,7	241,7	-	-	950	1.119	17,8	251,7	270,5	270,5	7,5	7,5
MT	220,1	220,1	220,1	-	-	1.043	1.105	5,9	229,6	243,2	243,2	5,9	5,9
GO	21,1	21,1	21,1	-	-	1.020	1.260	23,5	21,5	26,6	26,6	23,7	23,7
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	0,7	16,7	16,7
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	995	1.075	8,0	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	995	1.075	8,0	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	781,5	779,0	784,0	(0,3)	0,3	389	384	(1,3)	304,1	298,6	302,4	(1,8)	(0,6)
CENTRO-SUL	241,8	241,8	241,8	-	-	950	1.119	17,8	251,8	270,6	270,6	7,5	7,5
BRASIL	1.023,3	1.020,8	1.025,8	(0,2)	0,2	522	558	6,9	555,9	569,2	573,0	2,4	3,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18 (a)	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	48,6	48,6	48,6	-	-	881	956	8,4	42,9	46,4	46,4	8,2	8,2
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	34,5	34,5	34,5	-	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	25,4	(5,6)	(5,6)
TO	11,7	11,7	11,7	-	-	1.233	1.661	34,7	14,4	19,4	19,4	34,7	34,7
NORDESTE	368,4	368,4	368,4	-	-	336	649	93,2	123,8	239,1	239,1	93,1	93,1
PE	113,9	113,9	113,9	-	-	562	556	(1,1)	64,1	63,3	63,3	(1,2)	(1,2)
AL	33,0	33,0	33,0	-	-	441	486	10,0	14,6	16,0	16,0	9,6	9,6
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	211,5	211,5	211,5	-	-	208	722	247,6	43,9	152,7	152,7	247,8	247,8
CENTRO-OESTE	91,8	91,8	91,8	-	-	2.666	2.705	1,5	244,7	248,4	248,4	1,5	1,5
MT	29,0	29,0	29,0	-	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	67,1	7,7	7,7
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	172,6	(0,8)	(0,8)
DF	2,8	2,8	2,8	-	-	2.992	3.106	3,8	8,4	8,7	8,7	3,6	3,6
SUDESTE	78,0	78,0	78,0	-	-	2.627	2.591	(1,4)	204,9	202,1	202,1	(1,4)	(1,4)
MG	65,8	65,8	65,8	-	-	2.663	2.626	(1,4)	175,2	172,8	172,8	(1,4)	(1,4)
SP	12,2	12,2	12,2	-	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	29,3	(1,3)	(1,3)
SUL	2,5	2,5	2,5	-	-	1.074	970	(9,7)	2,7	2,4	2,4	(11,1)	(11,1)
PR	2,5	2,5	2,5	-	-	1.074	970	(9,7)	2,7	2,4	2,4	(11,1)	(11,1)
NORTE/NORDESTE	417,0	417,0	417,0	-	-	400	685	71,4	166,7	285,5	285,5	71,3	71,3
CENTRO-SUL	172,3	172,3	172,3	-	-	2.625	2.628	0,1	452,3	452,9	452,9	0,1	0,1
BRASIL	589,3	589,3	589,3	-	-	1.050	1.253	19,3	619,0	738,4	738,4	19,3	19,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
PE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	0,6	-	-
DF	0,2	0,2	0,2	-	-	2.925	3.036	3,8	0,6	0,6	0,6	-	-
SUDESTE	0,2	0,2	0,2	-	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	0,2	-	-
MG	0,2	0,2	0,2	-	-	1.117	1.101	(1,4)	0,2	0,2	0,2	-	-
NORTE/NORDESTE	16,7	16,7	16,7	-	-	645	638	(1,1)	10,8	10,7	10,7	(0,9)	(0,9)
CENTRO-SUL	0,4	0,4	0,4	-	-	2.021	2.069	2,4	0,8	0,8	0,8	-	-
BRASIL	17,1	17,1	17,1	-	-	677	671	(0,8)	11,6	11,5	11,5	(0,9)	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	8,3	8,3	8,3	-	-	802	850	6,0	6,7	7,0	7,0	4,5	4,5
PA	7,6	7,6	7,6	-	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)
TO	0,7	0,7	0,7	-	-	2.700	3.630	34,4	1,9	2,5	2,5	31,6	31,6
NORDESTE	313,6	313,6	313,6	-	-	331	686	107,2	102,6	215,0	215,0	109,6	109,6
PE	75,4	75,4	75,4	-	-	620	613	(1,1)	46,7	46,2	46,2	(1,1)	(1,1)
AL	26,7	26,7	26,7	-	-	450	495	10,0	12,0	13,2	13,2	10,0	10,0
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	201,5	201,5	201,5	-	-	212	737	247,6	42,7	148,5	148,5	247,8	247,8
CENTRO-OESTE	91,6	91,6	91,6	-	-	2.665	2.704	1,5	244,1	247,8	247,8	1,5	1,5
MT	29,0	29,0	29,0	-	-	2.149	2.313	7,6	62,3	67,1	67,1	7,7	7,7
GO	60,0	60,0	60,0	-	-	2.900	2.876	(0,8)	174,0	172,6	172,6	(0,8)	(0,8)
DF	2,6	2,6	2,6	-	-	2.997	3.111	3,8	7,8	8,1	8,1	3,8	3,8
SUDESTE	77,8	77,8	77,8	-	-	2.627	2.595	(1,2)	204,7	201,9	201,9	(1,4)	(1,4)
MG	65,6	65,6	65,6	-	-	2.668	2.631	(1,4)	175,0	172,6	172,6	(1,4)	(1,4)
SP	12,2	12,2	12,2	-	-	2.433	2.399	(1,4)	29,7	29,3	29,3	(1,3)	(1,3)
SUL	2,2	2,5	2,5	13,6	13,6	1.004	970	(3,4)	2,7	2,4	2,4	(11,1)	(11,1)
PR	2,5	2,5	2,5	-	-	1.074	970	(9,7)	2,7	2,4	2,4	(11,1)	(11,1)
NORTE/NORDESTE	321,9	321,9	321,9	-	-	343	690	101,1	109,3	222,0	222,0	103,1	103,1
CENTRO-SUL	171,6	171,9	171,9	0,2	0,2	2.626	2.630	0,1	451,5	452,1	452,1	0,1	0,1
BRASIL	493,5	493,8	493,8	0,1	0,1	1.137	1.365	20,1	560,8	674,1	674,1	20,2	20,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	40,3	40,3	40,3	-	-	898	978	8,9	36,2	39,4	39,4	8,8	8,8
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	26,9	26,9	26,9	-	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	20,9	(5,4)	(5,4)
TO	11,0	11,0	11,0	-	-	1.140	1.536	34,7	12,5	16,9	16,9	35,2	35,2
NORDESTE	38,1	38,1	38,1	-	-	270	353	30,7	10,3	13,5	13,5	31,1	31,1
PE	21,8	21,8	21,8	-	-	300	297	(1,0)	6,5	6,5	6,5	-	-
AL	6,3	6,3	6,3	-	-	405	446	10,1	2,6	2,8	2,8	7,7	7,7
BA	10,0	10,0	10,0	-	-	120	417	247,5	1,2	4,2	4,2	250,0	250,0
CENTRO-OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	-	-	-	-	-	-	1.500	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	78,4	78,4	78,4	-	-	593	674	13,7	46,5	52,9	52,9	13,8	13,8
CENTRO-SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BRASIL	78,4	78,4	78,4	-	-	593	674	13,7	46,5	52,9	52,9	13,8	13,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	98,1	97,4	98,1	(0,7)	-	797	931	16,8	78,3	90,7	91,2	15,8	16,5
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	7,6	7,6	7,6	-	-	605	607	0,3	4,6	4,6	4,6	-	-
AM	3,3	3,0	3,1	(9,1)	(6,1)	900	1.030	14,4	3,0	3,1	3,2	3,3	6,7
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
PA	34,5	34,5	34,5	-	-	778	737	(5,3)	26,9	25,4	25,4	(5,6)	(5,6)
TO	39,5	39,1	39,7	(1,0)	0,5	827	1.186	43,3	32,7	46,5	46,9	42,2	43,4
NORDESTE	1.605,0	1.578,3	1.591,4	(1,7)	(0,8)	400	457	14,5	641,1	720,0	729,9	12,3	13,9
MA	89,1	89,1	89,1	-	-	654	587	(10,1)	58,2	52,3	52,3	(10,1)	(10,1)
PI	240,7	240,7	240,7	-	-	389	333	(14,3)	93,5	80,2	80,2	(14,2)	(14,2)
CE	404,4	404,4	404,4	-	-	291	298	2,1	117,9	120,3	120,3	2,0	2,0
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	108,8	108,8	108,8	-	-	431	362	(16,1)	46,9	39,4	39,4	(16,0)	(16,0)
PE	245,7	245,7	245,7	-	-	424	429	1,1	104,1	105,3	105,3	1,2	1,2
AL	33,0	33,0	33,0	-	-	441	486	10,0	14,6	16,0	16,0	9,6	9,6
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	428,2	401,5	414,6	(6,2)	(3,2)	438	702	60,4	187,5	281,5	291,4	50,1	55,4
CENTRO-OESTE	483,1	463,4	471,6	(4,1)	(2,4)	1.638	1.681	2,6	791,4	777,5	794,3	(1,8)	0,4
MT	284,0	277,7	281,5	(2,2)	(0,9)	1.237	1.301	5,2	351,3	360,6	367,1	2,6	4,5
MS	26,8	26,8	26,8	-	-	1.310	1.518	15,9	35,1	40,7	40,7	16,0	16,0
GO	156,3	143,9	147,9	(7,9)	(5,4)	2.353	2.382	1,2	367,7	342,8	352,3	(6,8)	(4,2)
DF	16,0	15,0	15,4	(6,3)	(3,8)	2.334	2.223	(4,7)	37,3	33,4	34,2	(10,5)	(8,3)
SUDESTE	460,3	439,7	446,7	(4,5)	(3,0)	1.701	1.664	(2,1)	783,0	730,9	744,4	(6,7)	(4,9)
MG	339,2	338,5	341,5	(0,2)	0,7	1.514	1.514	-	513,6	513,0	516,6	(0,1)	0,6
ES	14,7	14,7	14,7	-	-	943	1.009	7,0	13,9	14,8	14,8	6,5	6,5
RJ	1,2	1,3	1,3	8,3	8,3	883	997	13,0	1,1	1,3	1,3	18,2	18,2
SP	105,2	85,2	89,2	(19,0)	(15,2)	2.419	2.371	(2,0)	254,4	201,8	211,7	(20,7)	(16,8)
SUL	529,1	492,9	508,2	(6,8)	(4,0)	1.555	1.661	6,8	822,7	817,1	845,2	(0,7)	2,7
PR	399,4	369,7	378,5	(7,4)	(5,2)	1.471	1.622	10,2	587,7	599,1	614,2	1,9	4,5
SC	70,9	66,3	69,3	(6,5)	(2,3)	1.797	1.835	2,1	127,4	121,5	127,3	(4,6)	(0,1)
RS	58,8	56,9	60,4	(3,2)	2,7	1.830	1.707	(6,7)	107,6	96,5	103,7	(10,3)	(3,6)
NORTE/NORDESTE	1.703,1	1.675,7	1.689,5	(1,6)	(0,8)	422	485	14,8	719,4	810,7	821,1	12,7	14,1
CENTRO-SUL	1.472,5	1.396,0	1.426,5	(5,2)	(3,1)	1.628	1.669	2,5	2.397,1	2.325,5	2.383,9	(3,0)	(0,6)
BRASIL	3.175,6	3.071,7	3.116,0	(3,3)	(1,9)	981	1.025	4,4	3.116,5	3.136,2	3.205,0	0,6	2,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	40,3	40,3	40,3	-	-	898	978	8,9	36,2	39,4	39,4	8,8	8,8
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
PA	26,9	26,9	26,9	-	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	20,9	(5,4)	(5,4)
TO	11,0	11,0	11,0	-	-	1.140	1.536	34,7	12,5	16,9	16,9	35,2	35,2
NORDESTE	38,1	38,1	38,1	-	-	270	353	30,7	10,3	13,5	13,5	31,1	31,1
PE	21,8	21,8	21,8	-	-	300	297	(1,0)	6,5	6,5	6,5	-	-
AL	6,3	6,3	6,3	-	-	405	446	10,1	2,6	2,8	2,8	7,7	7,7
BA	10,0	10,0	10,0	-	-	120	417	247,5	1,2	4,2	4,2	250,0	250,0
CENTRO-OESTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DF	-	-	-	-	-	-	1.500	-	-	-	-	-	-
NORTE/NORDESTE	78,4	78,4	78,4	-	-	593	674	13,7	46,5	52,9	52,9	13,8	13,8
CENTRO-SUL	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BRASIL	78,4	78,4	78,4	-	-	593	674	13,7	46,5	52,9	52,9	13,8	13,8
CENTRO-SUL	310,2	298,0	305,5	(3,9)	(1,5)	1.541	1.631	5,9	478,1	485,7	498,8	1,6	4,3
Fonte: Conab	328,7	316,5	324,0	(3,7)	(1,4)	1.489	1.572	5,6	489,7	497,1	510,2	1,5	4,2

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	30,7	30,3	30,5	(1,3)	(0,7)	793	846	6,6	24,4	25,5	25,7	4,5	5,3
RO	9,4	9,4	9,4	-	-	862	868	0,7	8,1	8,2	8,2	1,2	1,2
AC	5,6	5,6	5,6	-	-	592	594	0,3	3,3	3,3	3,3	-	-
AM	3,3	3,0	3,1	(9,1)	(6,1)	900	1.030	14,4	3,0	3,1	3,2	3,3	6,7
AP	1,4	1,4	1,4	-	-	993	952	(4,1)	1,4	1,3	1,3	(7,1)	(7,1)
PA	7,6	7,6	7,6	-	-	627	594	(5,3)	4,8	4,5	4,5	(6,3)	(6,3)
TO	3,4	3,3	3,4	(2,9)	-	1.121	1.564	39,5	3,8	5,1	5,2	34,2	36,8
NORDESTE	403,2	396,8	399,8	(1,6)	(0,8)	406	684	68,5	163,5	270,7	273,9	65,6	67,5
CE	4,2	4,2	4,2	-	-	526	540	2,7	2,2	2,3	2,3	4,5	4,5
PB	26,1	26,1	26,1	-	-	457	385	(15,8)	11,9	10,0	10,0	(16,0)	(16,0)
PE	80,8	80,8	80,8	-	-	605	600	(0,8)	48,9	48,5	48,5	(0,8)	(0,8)
AL	26,7	26,7	26,7	-	-	450	495	10,0	12,0	13,2	13,2	10,0	10,0
SE	10,0	10,0	10,0	-	-	124	711	473,4	1,2	7,1	7,1	491,7	491,7
BA	255,4	249,0	252,0	(2,5)	(1,3)	342	763	123,2	87,3	189,6	192,8	117,2	120,8
CENTRO-OESTE	233,5	217,1	223,4	(7,0)	(4,3)	2.266	2.306	1,8	529,1	500,7	515,4	(5,4)	(2,6)
MT	57,5	54,4	56,3	(5,4)	(2,1)	1.983	2.094	5,6	114,0	113,8	118,1	(0,2)	3,6
MS	26,8	26,8	26,8	-	-	1.310	1.518	15,9	35,1	40,7	40,7	16,0	16,0
GO	135,2	122,8	126,8	(9,2)	(6,2)	2.561	2.572	0,4	346,2	316,2	325,7	(8,7)	(5,9)
DF	14,0	13,1	13,5	(6,4)	(3,6)	2.410	2.286	(5,2)	33,8	30,0	30,9	(11,2)	(8,6)
SUDESTE	427,3	406,8	413,3	(4,8)	(3,3)	1.776	1.739	(2,1)	758,9	706,7	719,8	(6,9)	(5,2)
MG	311,9	311,4	313,9	(0,2)	0,6	1.585	1.585	-	494,4	494,1	497,3	(0,1)	0,6
ES	10,2	10,2	10,2	-	-	982	1.053	7,3	10,0	10,8	10,8	8,0	8,0
SP	105,2	85,2	89,2	(19,0)	(15,2)	2.419	2.371	(2,0)	254,5	201,8	211,7	(20,7)	(16,8)
SUL	239,5	215,3	223,3	(10,1)	(6,8)	1.521	1.636	7,6	364,2	351,1	366,4	(3,6)	0,6
PR	193,6	173,4	177,4	(10,4)	(8,4)	1.396	1.535	10,0	270,3	266,0	272,5	(1,6)	0,8
SC	35,9	32,9	34,9	(8,4)	(2,8)	1.864	1.909	2,4	66,9	62,8	66,6	(6,1)	(0,4)
RS	10,0	9,0	11,0	(10,0)	10,0	2.700	2.483	(8,0)	27,0	22,3	27,3	(17,4)	1,1
NORTE/NORDESTE	433,9	427,1	430,3	(1,6)	(0,8)	433	695	60,5	187,9	296,2	299,6	57,6	59,4
CENTRO-SUL	900,3	839,2	860,0	(6,8)	(4,5)	1.835	1.859	1,3	1.652,2	1.558,5	1.601,6	(5,7)	(3,1)
BRASIL	1.334,2	1.266,3	1.290,3	(5,1)	(3,3)	1.379	1.469	6,5	1.840,1	1.854,7	1.901,2	0,8	3,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	67,4	67,1	67,6	(0,4)	0,3	798	969	21,4	53,8	65,1	65,4	21,0	21,6
RR	2,4	2,4	2,4	-	-	650	666	2,5	1,6	1,6	1,6	-	-
AC	2,0	2,0	2,0	-	-	643	645	0,3	1,3	1,3	1,3	-	-
PA	26,9	26,9	26,9	-	-	821	777	(5,4)	22,1	20,9	20,9	(5,4)	(5,4)
TO	36,1	35,8	36,3	(0,8)	0,6	799	1.150	43,9	28,8	41,3	41,6	43,4	44,4
NORDESTE	1.183,3	1.163,0	1.173,1	(1,7)	(0,9)	394	378	(4,1)	465,9	438,2	444,8	(5,9)	(4,5)
MA	89,1	89,1	89,1	-	-	654	587	(10,1)	58,2	52,4	52,4	(10,0)	(10,0)
PI	240,7	240,7	240,7	-	-	389	333	(14,3)	93,5	80,2	80,2	(14,2)	(14,2)
CE	400,2	400,2	400,2	-	-	289	295	2,1	115,7	118,1	118,1	2,1	2,1
RN	45,1	45,1	45,1	-	-	382	396	3,7	17,2	17,9	17,9	4,1	4,1
PB	80,9	80,9	80,9	-	-	423	354	(16,3)	34,2	28,6	28,6	(16,4)	(16,4)
PE	148,2	148,2	148,2	-	-	300	311	3,8	44,4	46,2	46,2	4,1	4,1
AL	6,3	6,3	6,3	-	-	405	446	10,1	2,6	2,8	2,8	7,7	7,7
BA	172,8	152,5	162,6	(11,7)	(5,9)	579	605	4,3	100,1	92,0	98,6	(8,1)	(1,5)
CENTRO-OESTE	248,1	244,9	246,8	(1,3)	(0,5)	1.045	1.120	7,1	259,4	274,2	276,4	5,7	6,6
MT	226,5	223,3	225,2	(1,4)	(0,6)	1.047	1.106	5,6	237,3	246,9	249,1	4,0	5,0
GO	21,1	21,1	21,1	-	-	1.020	1.260	23,5	21,5	26,6	26,6	23,7	23,7
DF	0,5	0,5	0,5	-	-	1.100	1.350	22,7	0,6	0,7	0,7	16,7	16,7
SUDESTE	13,9	13,9	14,2	-	2,2	551	530	(3,9)	7,7	7,4	7,5	(3,9)	(2,6)
MG	13,9	13,9	14,2	-	2,2	551	530	(3,9)	7,7	7,4	7,5	(3,9)	(2,6)
NORTE/NORDESTE	1.250,7	1.230,1	1.240,7	(1,6)	(0,8)	416	410	(1,3)	519,7	503,3	510,2	(3,2)	(1,8)
CENTRO-SUL	262,0	258,8	261,0	(1,2)	(0,4)	1.019	1.088	6,7	267,1	281,6	283,9	5,4	6,3
BRASIL	1.512,7	1.488,9	1.501,7	(1,6)	(0,7)	520	528	1,5	786,8	784,9	794,1	(0,2)	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.5. GIRASSOL

Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Girassol

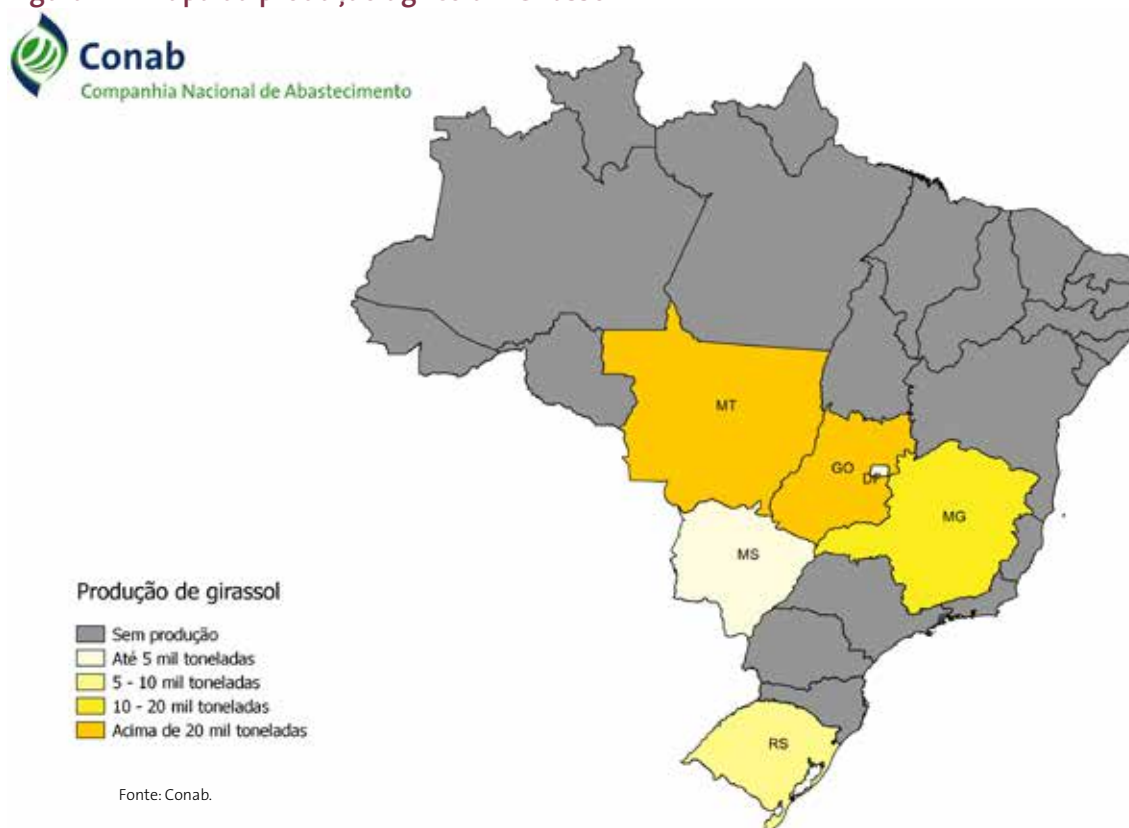


Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	84,1	84,1	84,1	-	-	1.526	1.614	5,8	128,3	135,7	135,7	5,8	5,8
MT	60,5	60,5	60,5	-	-	1.685	1.633	(3,1)	101,9	98,8	98,8	(3,0)	(3,0)
MS	0,7	0,7	0,7	-	-	1.100	1.582	43,8	0,8	1,1	1,1	37,5	37,5
GO	22,2	22,2	22,2	-	-	1.080	1.541	42,7	24,0	34,2	34,2	42,5	42,5
DF	0,7	0,7	0,7	-	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	1,6	-	-
SUDESTE	8,1	8,1	8,1	-	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	10,7	25,9	25,9
MG	8,1	8,1	8,1	-	-	1.052	1.326	26,0	8,5	10,7	10,7	25,9	25,9
SUL	3,3	3,1	3,5	(6,1)	6,1	1.626	1.568	(3,6)	5,4	4,9	5,5	(9,3)	1,9
RS	3,3	3,1	3,5	(6,1)	6,1	1.626	1.568	(3,6)	5,4	4,9	5,5	(9,3)	1,9
CENTRO-SUL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	1.489	1.588	6,6	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8
BRASIL	95,5	95,3	95,7	(0,2)	0,2	1.489	1.588	6,6	142,2	151,3	151,9	6,4	6,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2018/19, de mamona, é de incremento de área plantada, que nessa primeira intenção vem apresentar um intervalo variando de 1,6 a 9,4%, comparada com o plantio da safra anterior, que foi de 31,8 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada fique entre 27,5 e 30 mil hectares, representando uma variação entre 1,9% e 11% em relação à safra passada.

O cultivo da mamona ocorre praticamente na mesorregião Centro-Norte, tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ouro-lândia, Lapão, São Gabriel,

Cafarnaum e Canarana. É cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Os cultivos são conduzidos em regime de sequeiro, com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescente da safra anterior.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona está em plena extinção no estado. Diante das restrições relacionadas à cultura e a dificuldade de comercialização, apenas dois municípios relataram áreas plantadas na safra anterior. Dessa forma, mantém-se a mesma área de plantio da safra anterior, de 0,1 hectares, passível de ajustes nos próximos levantamentos.



Figura 12 – Mapa da produção agrícola - Mamona

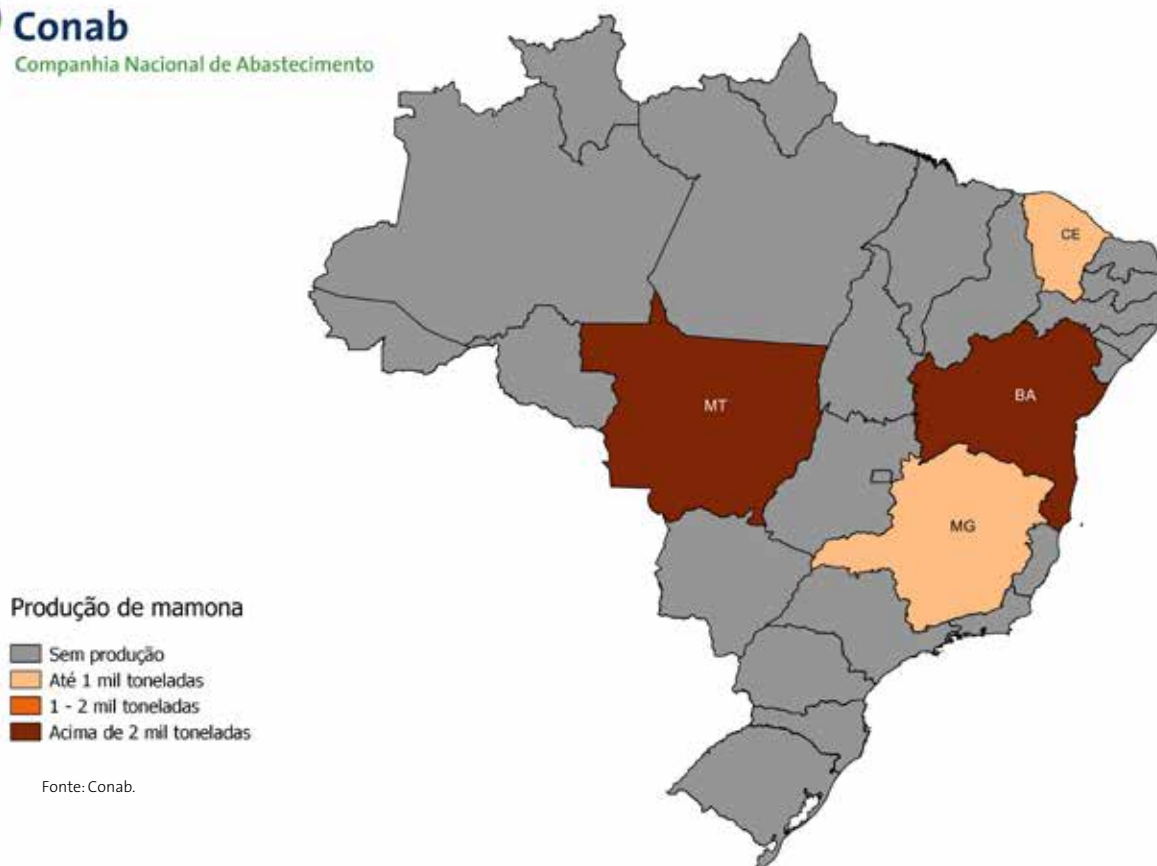


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORDESTE	29,0	29,5	32,0	1,7	10,3	606	537	(11,2)	17,5	15,8	17,2	(9,7)	(1,7)
CE	2,0	2,0	2,0	-	-	262	257	(1,9)	0,5	0,5	0,5	-	-
BA	27,0	27,5	30,0	1,9	11,0	631	557	(11,7)	17,0	15,3	16,7	(10,0)	(1,8)
CENTRO-OESTE	2,7	2,7	2,7	-	-	900	450	(50,0)	2,4	2,4	2,4	-	-
MT	2,7	2,7	2,7	-	-	900	900	-	2,4	2,4	2,4	-	-
SUDESTE	0,1	0,1	0,1	-	-	896	841	(6,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
MG	0,1	0,1	0,1	-	-	896	841	(6,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
NORTE/NORDESTE	29,0	29,5	32,0	1,7	10,3	606	537	(11,2)	17,5	15,8	17,2	(9,7)	(1,7)
CENTRO-SUL	2,8	2,8	2,8	-	-	900	898	(0,2)	2,5	2,5	2,5	-	-
BRASIL	31,8	32,3	34,8	1,6	9,4	631	568	(10,1)	20,0	18,3	19,7	(8,5)	(1,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.7. MILHO

10.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Seguindo a tendência dos últimos anos, a safra de milho apresenta pouca representatividade em termos de área plantada no período de verão, na difícil tarefa de competir com a soja, que detém a preferência dos produtores, ao apresentar uma estrutura de comercialização já consolidada, que garante a rentabilidade pretendida pelo empresário rural. A despeito desse cenário, se observa para esta temporada uma tendência de aumento na área plantada do cereal, especialmente naquelas regiões produtoras próximas aos portos, visando o mercado de exportação logo nos primeiros meses do ano, como é o caso do Paraná e a região de Matopiba.

Na Região Norte-Nordeste, a expectativa de plantio é que haja um recuo na intenção dos produtores, variando de -2,7% e -0,5% em relação ao plantio anterior, que ocupou uma área de 2.230 mil hectares. Em Tocantins, ainda é cedo para definir se haverá aumento ou retração da área plantada. Isso somente ocorre após os produtores mais tecnificados fecharem as áreas com soja, a partir da regularização das chuvas que deverão ocorrer em fins de outubro. Em relação à oferta de crédito para a cultura do milho, estima-se que 55% dos recursos venham de instituições bancárias e de fomento, 35% de fornecedores de insumos e 10% de recursos próprios. O plantio deve se iniciar no final de outubro para os pequenos produtores e aqueles que iniciam o plantio com soja, as atividades envolvendo o milho primeira safra deverão se estender até dezembro.

No Maranhão as áreas de cultivo mais tecnificadas, sobretudo nas regiões Tocantina e sul do estado, aguardam a normalização do período chuvoso, a partir de novembro. A expectativa é de manutenção da área plantada para essa temporada.

No Piauí, a área de milho deverá apresentar um movimento variando da manutenção a um incremento de 2% em relação à safra anterior, variando entre 425,3 mil hectares a 433,8 mil hectares. A produtividade média fixada para a cultura na primeira avaliação considerou 2.490 kg/ha, e leva em consideração as áreas da agricultura familiar e empresarial. O início do plantio do milho deverá ocorrer em dezembro.

Na Bahia, a estimativa é que sejam cultivados entre 330 mil hectares e 360 mil hectares de milho, representando uma variação negativa entre 13,2% e 5,3% em relação à safra passada. O cultivo é realizado pela agricultura familiar e empresarial, utilizando-se desde as sementes crioulas (banco de sementes das comunidades rurais de baixa produtividade) até sementes intactas (semente

patenteada, com dois fatores de transgenia e com alta produtividade), utilizando-se desde o manejo mais simples, com plantio e colheita manual, ao mecanizado. A maior mesorregião produtora de milho na Bahia é o extremo oeste.

Na Região Centro-Oeste está previsto ocorrer forte incremento do plantio, com a área cultivada apresentando percentuais de elevação entre 17,5% e 25,9% em relação aos 284,7 mil hectares, plantados na safra passada.

Em Mato Grosso, os bons preços atribuídos ao cereal, em conjunto com a demanda firme no âmbito interno, podem estimular um incremento importante, ainda que os produtores considerem cedo para uma definição acerca de área para o milho. As estimativas iniciais apontam para um incremento variando de 20% a 50%. O plantio ocorre apenas a partir de outubro em áreas pontuais do estado. A liquidez na comercialização do produto é baixa no momento, e opera com as incertezas envolvendo o tabelamento de fretes rodoviários, que em última instância, resultará em maiores custos de produção, já que são repassados diretamente ao produtor.

Em Mato Grosso do Sul há tendência de forte aumento da área de milho, com estimativa de incremento variando de 25% a 35% em relação à área verificada na safra que se encerrou. Esse aumento decorre dos atuais preços do cereal no mercado disponível, quando comparado com a mesma época no ano passado. Os produtores que manifestam a intenção de cultivo, em sua maioria, utilizarão capital próprio para financiamento da produção. O padrão tecnológico utilizado para plantio tende a ser elevado, estimulado pelos melhores preços e, com isso, a tendência é que haja um aumento da produtividade. A produção da primeira safra é consumida no próprio estabelecimento ou comercializada logo após a colheita, principalmente para os granjeiros estaduais, os paulistas e confinamentos locais, o que reduz gastos adicionais com transporte e armazenagem.

As operações de plantio deverão ocorrer a partir da segunda quinzena de outubro e início de novembro, quando as chuvas estarão mais estáveis e após as operações do plantio da soja.

Em Goiás, devido à elevação nos preços do cereal, a tendência é de aumento na área plantada. Os produtores têm se mostrado satisfeitos com os atuais preços e, com isso, a expectativa de aumento na área



semeada deverá ser concretizada, variando de 20% a 26% em relação à safra anterior. As áreas de pastagens e feijão poderão ceder espaço para a cultura do milho primeira safra, e os produtores aguardam o início efetivo do período chuvoso para iniciarem o plantio, após a primeira quinzena de outubro. Estima-se que o financiamento da safra apresentará a seguinte composição: 20% de recursos próprios, 50% dos bancos e 30% das revendas e cooperativas.

No Distrito Federal, a área semeada com milho na primeira safra tem o plantio concentrado em outubro e deverá apresentar redução na área, variando de -8% a -4%, quando comparada com a safra anterior. As razões alegadas, variam desde os níveis de preços, considerados desestimulantes pelos produtores quando comparado com as outras opções, e restrição das compras motivadas pela possibilidade de aumentos no custo do frete.

Na Região Sudeste, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, variando de -0,8% a 6,1% em relação aos 1.191,9 mil hectares plantados em 2017/18. Em Minas Gerais, o levantamento realizado aponta para uma ampliação da área, variando de 1,4% a 10,1% em comparação com a safra 2017/18, em virtude dos preços estimulantes praticados na safra anterior e a perspectiva de continuidade. Informações preliminares sinalizam a possibilidade do aumento ser ainda maior nos próximos levantamentos, quando a intenção de plantio estiver melhor definida. Para fins de estimativa, projeta-se para a presente safra uma produtividade média de 6.339 kg/ha, coerente com o nível tecnológico das lavouras e expectativa de condições climáticas normais.

Em São Paulo, a pesquisa realizada confirma redução da área plantada com o cereal em detrimento ao plantio de soja. Apesar de inicial, as intenções de redução variam de -6% a -3%, em relação ao exercício anterior. Existe, principalmente na região sudoeste do estado, a expectativa de que os produtores continuem praticando as parcerias já realizadas na safra passada, de plantio do milho/semente para as empresas Monsanto, Dupont, Pioneer entre outras, com o objetivo de garantir a comercialização com melhor remuneração. Outrora, essas parcerias eram mais intensas na Região Centro-Oeste do país, mas observa-se certa migração dessas empresas para o cinturão dos grãos do estado de São Paulo, quando passaram a oferecer esse tipo de negócios para os produtores locais. Para o produtor estabelecido na região sudoeste do estado, é uma boa opção, uma vez que preenchem os requisitos tecnológicos necessários para estabelecer estas parcerias, já que toda a produção de milho-semente tem que ser cultivada sob pivô/irrigação.

Na Região Sul, a cultura também poderá experimentar incremento na área plantada, podendo atingir uma variação de 0,2% a 4,1% em relação aos 1.377,4 mil hectares da safra anterior.

No Paraná, a estimativa de área plantada está inserida no intervalo de 343,2 mil hectares a 356,4 mil hectares, representando um aumento no intervalo de 4% a 8% em relação à safra anterior. Aproximadamente 58% dessa área já se encontra plantada. O aumento da área de milho ocorreu devido à substituição de áreas de feijão pelo cereal, em função dos preços atrativos. A produtividade prevista é de 8.620 kg/ha, ou seja, 1,5% inferior à da safra anterior devido ao alto nível tecnológico empregado e a expectativa de clima favorável.

Figura 13 - Lavoura de milho em crescimento vegetativo em Teixeira Soares - PR



Fonte: Conab

Em Santa Catarina, as primeiras lavouras de milho foram semeadas no final de agosto, após o retorno das chuvas regulares, quando as condições climáticas permitiram a entrada das máquinas e a umidade do solo já possibilitava a germinação das sementes. Até o momento, em torno de 47% da área inicialmente prevista encontra-se semeada, com destaque para a região oeste, onde o índice se aproxima de 100%. A área definitiva ainda é uma incógnita, uma vez que o plantio deve prosseguir até final de outubro nas regiões mais altas, que apresentam temperaturas mais amenas. Apesar dos bons preços observados nos últimos meses, esse fato, isolado, parece não ter incentivado o investimento na cultura de maneira uniforme em todas as regiões. Nas regiões oeste e meio-oeste, há uma tendência de recuo da área, enquanto no planalto norte, onde se realiza apenas uma safra, a tendência é de aumento.

De modo geral, grande parte dos produtores já haviam adquirido a maior parte dos insumos antes da alta dos preços, deixando para o futuro aqueles usados pontualmente, como alguns defensivos. O estado é



um importante consumidor do grão, destinado ao arraçãoamento de aves e suínos, cujo plantel consome o dobro da produção estadual, necessitando importar de outros estados e, em algumas situações, de outros países, como o Paraguai. Os recursos financeiros necessários para a implantação das lavouras devem vir, principalmente, das instituições bancárias (57%), fornecedores de insumos (32%) e 11% de recursos próprios.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do milho segue atingindo 45,6% do total previsto, aproximadamente 735 mil hectares, com 52% das lavouras em fase de germinação e o restante em desenvolvimento vegetativo inicial. A região oeste, próxima à fronteira com a Argentina, é a mais adiantada, com praticamente todo a área de milho plantada. As condições para o estabelecimento da cultura apresentam-se adequadas até o momento. Foram registrados alguns ataques de lagartas, mas com severidade muito inferior à da safra passada, em função da ocorrência de um inverno com temperaturas mais baixas, que reduz a sobrevivência desses insetos. A área cultivada deve ter um incremento em relação à safra passada, variando de -2% a 3,9%, motivado pelo preço mais atrativo devido à escassez desse produto no mercado e a dificuldade de internalização de milho do Mato Grosso e do Paraguai, por conta dos problemas com o frete.

Com relação ao milho segunda safra, plantado a partir

de fevereiro, a Conab utiliza metodologia estatística para cálculos de produtividade e no caso da área plantada, repete os números do plantio observado no exercício anterior.

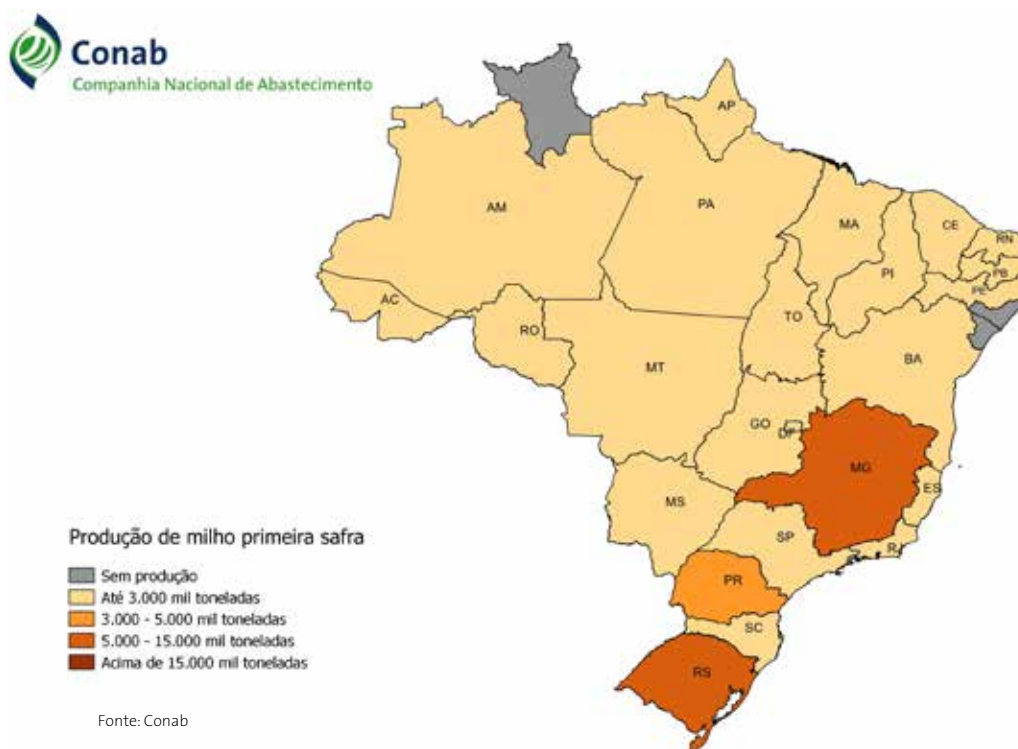
Dessa forma, a estimativa nacional para a intenção de plantio do milho, considerando a primeira e segunda safras, na temporada 2018/19, deverá apresentar uma área plantada variando no intervalo de -0,1% a 1,2% em relação aos 16.631,8 mil hectares plantados na safra passada.

Figura 14 - Lavoura de milho em desenvolvimento vegetativo em Venâncio Aires - RS



Fonte: Conab

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraíba							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Agreste Paraíba								P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Pernambucano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
GO	Leste Goiano				PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C					
	Sul Goiano				PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal			PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
SC	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
RS	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva
Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	292,8	280,7	290,9	(4,1)	(0,6)	3.302	3.313	0,3	962,0	926,7	966,8	(3,7)	0,5
RR	-	-	-	-	-	-	2.225	-	-	-	-	-	-
RO	29,1	29,1	29,1	-	-	2.471	2.496	1,0	71,9	72,6	72,6	1,0	1,0
AC	31,0	31,0	31,0	-	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	79,0	(2,6)	(2,6)
AM	8,1	8,1	8,1	-	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	20,3	(1,9)	(1,9)
AP	1,6	1,6	1,6	-	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PA	167,9	161,2	166,2	(4,0)	(1,0)	3.286	3.265	(0,6)	551,7	526,3	542,6	(4,6)	(1,6)
TO	53,2	49,7	54,9	(6,6)	3,2	4.417	4.568	3,4	235,0	227,0	250,8	(3,4)	6,7
NORDESTE	1.937,2	1.887,0	1.925,5	(2,6)	(0,6)	2.889	2.337	(19,1)	5.596,0	4.375,3	4.533,2	(21,8)	(19,0)
MA	311,0	311,0	311,0	-	-	4.854	4.240	(12,6)	1.509,6	1.318,6	1.318,6	(12,7)	(12,7)
PI	425,3	425,3	433,8	-	2,0	3.309	2.490	(24,8)	1.407,3	1.059,0	1.080,2	(24,7)	(23,2)
CE	535,1	535,1	535,1	-	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	359,1	(13,7)	(13,7)
RN	40,9	40,9	40,9	-	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	18,6	(3,6)	(3,6)
PB	108,6	108,6	108,6	-	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	55,7	(34,2)	(34,2)
PE	136,0	136,0	136,0	-	-	485	446	(8,0)	66,0	60,7	60,7	(8,0)	(8,0)
BA	380,3	330,1	360,1	(13,2)	(5,3)	5.503	4.555	(17,2)	2.092,8	1.503,6	1.640,3	(28,2)	(21,6)
CENTRO-OESTE	284,7	334,6	358,3	17,5	25,9	8.012	7.991	(0,3)	2.281,0	2.675,0	2.861,8	17,3	25,5
MT	27,2	32,6	40,8	20,0	50,0	7.331	7.480	2,0	199,4	243,8	305,2	22,3	53,1
MS	15,5	19,4	20,9	25,0	35,0	9.212	9.119	(1,0)	142,8	176,9	190,6	23,9	33,5
GO	214,2	257,0	269,9	20,0	26,0	8.000	7.945	(0,7)	1.713,6	2.041,9	2.144,4	19,2	25,1
DF	27,8	25,6	26,7	(8,0)	(4,0)	8.100	8.298	2,4	225,2	212,4	221,6	(5,7)	(1,6)
SUDESTE	1.191,9	1.182,4	1.264,7	(0,8)	6,1	6.465	6.303	(2,5)	7.706,1	7.450,9	7.972,8	(3,3)	3,5
MG	825,7	837,3	909,1	1,4	10,1	6.535	6.339	(3,0)	5.395,9	5.307,6	5.762,8	(1,6)	6,8
ES	13,4	13,4	13,4	-	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	38,0	(5,2)	(5,2)
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	2,7	(12,9)	(12,9)
SP	351,8	330,7	341,2	(6,0)	(3,0)	6.444	6.358	(1,3)	2.267,0	2.102,6	2.169,3	(7,3)	(4,3)
SUL	1.377,4	1.375,0	1.434,1	(0,2)	4,1	7.453	7.685	3,1	10.265,6	10.571,9	11.015,5	3,0	7,3
PR	330,0	343,2	356,4	4,0	8,0	8.748	8.620	(1,5)	2.886,8	2.958,4	3.072,2	2,5	6,4
SC	319,0	318,0	320,9	(0,3)	0,6	7.997	7.926	(0,9)	2.551,0	2.520,5	2.543,5	(1,2)	(0,3)
RS	728,4	713,8	756,8	(2,0)	3,9	6.628	7.135	7,6	4.827,8	5.093,0	5.399,8	5,5	11,8
NORTE/NORDESTE	2.230,0	2.167,7	2.216,4	(2,8)	(0,6)	2.943	2.464	(16,3)	6.558,0	5.302,0	5.500,0	(19,2)	(16,1)
CENTRO-SUL	2.854,0	2.892,0	3.057,1	1,3	7,1	7.096	7.152	0,8	20.252,7	20.697,8	21.850,1	2,2	7,9
BRASIL	5.084,0	5.059,7	5.273,5	(0,5)	3,7	5.275	5.163	(2,1)	26.810,7	25.999,8	27.350,1	(3,0)	2,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	385,6	385,6	385,6	-	-	3.850	4.350	13,0	1.484,7	1.677,5	1.677,5	13,0	13,0
RR	9,6	9,6	9,6	-	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	47,8	2,6	2,6
RO	149,1	149,1	149,1	-	-	4.497	4.607	2,4	670,5	686,9	686,9	2,4	2,4
PA	69,0	69,0	69,0	-	-	3.403	3.600	5,8	234,8	248,4	248,4	5,8	5,8
TO	157,9	157,9	157,9	-	-	3.374	4.398	30,3	532,8	694,4	694,4	30,3	30,3
NORDESTE	730,8	730,8	730,8	-	-	1.668	2.597	55,7	926,4	1.898,0	1.898,0	104,9	104,9
MA	172,4	172,4	172,4	-	-	2.172	3.300	51,9	374,5	568,9	568,9	51,9	51,9
PI	63,2	63,2	63,2	-	-	1.289	4.409	242,0	81,5	278,6	278,6	241,8	241,8
PE	79,7	79,7	79,7	-	-	600	600	-	47,8	47,8	47,8	-	-
AL	26,2	26,2	26,2	-	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	26,7	(6,6)	(6,6)
SE	158,4	158,4	158,4	-	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	638,0	232,3	232,3
BA	230,9	230,9	230,9	-	-	875	1.464	67,3	202,0	338,0	338,0	67,3	67,3
CENTRO-OESTE	7.457,4	7.457,4	7.457,4	-	-	5.271	5.932	12,5	39.170,2	44.239,0	44.239,0	12,9	12,9
MT	4.471,2	4.471,2	4.471,2	-	-	5.860	6.150	4,9	26.201,2	27.497,9	27.497,9	4,9	4,9
MS	1.720,0	1.720,0	1.720,0	-	-	3.685	5.104	38,5	6.338,2	8.778,9	8.778,9	38,5	38,5
GO	1.230,4	1.230,4	1.230,4	-	-	5.200	6.253	20,3	6.398,1	7.693,7	7.693,7	20,2	20,2
DF	35,8	35,8	35,8	-	-	6.500	7.500	15,4	232,7	268,5	268,5	15,4	15,4
SUDESTE	878,1	875,0	875,0	(0,4)	(0,4)	3.910	4.991	27,6	3.423,3	4.367,0	4.367,0	27,6	27,6
MG	339,4	339,4	339,4	-	-	4.981	5.483	10,1	1.690,6	1.860,9	1.860,9	10,1	10,1
SP	535,6	535,6	535,6	-	-	3.235	4.679	44,6	1.732,7	2.506,1	2.506,1	44,6	44,6
SUL	2.100,9	2.100,9	2.100,9	-	-	4.330	5.499	27,0	8.970,8	11.552,8	11.552,8	28,8	28,8
PR	2.100,9	2.100,9	2.100,9	-	-	4.270	5.499	28,8	8.970,8	11.552,8	11.552,8	28,8	28,8
NORTE/NORDESTE	1.116,4	1.116,4	1.116,4	-	-	2.422	3.203	32,2	2.411,1	3.575,7	3.575,7	48,3	48,3
CENTRO-SUL	10.436,4	10.433,3	10.433,3	-	-	4.967	5.766	16,1	51.564,3	60.158,8	60.158,8	16,7	16,7
BRASIL	11.552,8	11.549,7	11.549,7	-	-	4.721	5.518	16,9	53.975,4	63.734,5	63.734,5	18,1	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.7.3. MILHO TOTAL

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	676,5	666,3	676,5	(1,5)	-	3.617	3.909	8,1	2.446,6	2.604,3	2.644,3	6,4	8,1
RR	9,6	9,6	9,6	-	-	4.857	4.976	2,5	46,6	47,8	47,8	2,6	2,6
RO	178,2	178,2	178,2	-	-	4.166	4.262	2,3	742,4	759,5	759,5	2,3	2,3
AC	31,0	31,0	31,0	-	-	2.616	2.549	(2,6)	81,1	79,0	79,0	(2,6)	(2,6)
AM	8,1	8,1	8,1	-	-	2.560	2.507	(2,1)	20,7	20,3	20,3	(1,9)	(1,9)
AP	1,6	1,6	1,6	-	-	988	952	(3,6)	1,6	1,5	1,5	(6,3)	(6,3)
PA	236,9	230,2	235,2	(2,8)	(0,7)	3.320	3.364	1,3	786,5	774,7	791,0	(1,5)	0,6
TO	211,1	207,6	212,8	(1,7)	0,8	3.637	4.440	22,1	767,7	921,5	945,2	20,0	23,1
NORDESTE	2.668,0	2.617,8	2.656,3	(1,9)	(0,4)	2.445	2.409	(1,5)	6.522,3	6.273,4	6.431,3	(3,8)	(1,4)
MA	483,4	483,4	483,4	-	-	3.897	3.905	0,2	1.884,0	1.887,6	1.887,6	0,2	0,2
PI	488,5	488,5	497,0	-	1,7	3.048	2.736	(10,2)	1.488,8	1.337,6	1.358,8	(10,2)	(8,7)
CE	535,1	535,1	535,1	-	-	778	671	(13,8)	416,3	359,1	359,1	(13,7)	(13,7)
RN	40,9	40,9	40,9	-	-	473	454	(4,0)	19,3	18,6	18,6	(3,6)	(3,6)
PB	108,6	108,6	108,6	-	-	780	513	(34,2)	84,7	55,7	55,7	(34,2)	(34,2)
PE	215,7	215,7	215,7	-	-	527	503	(4,7)	113,8	108,5	108,5	(4,7)	(4,7)
AL	26,2	26,2	26,2	-	-	1.091	1.019	(6,6)	28,6	26,7	26,7	(6,6)	(6,6)
SE	158,4	158,4	158,4	-	-	1.212	4.028	232,3	192,0	638,0	638,0	232,3	232,3
BA	611,2	561,0	591,0	(8,2)	(3,3)	3.755	3.316	(11,7)	2.294,8	1.841,6	1.978,3	(19,7)	(13,8)
CENTRO-OESTE	7.742,1	7.792,0	7.815,7	0,6	1,0	5.354	6.024	12,5	41.451,2	46.914,0	47.100,7	13,2	13,6
MT	4.498,4	4.503,8	4.512,0	0,1	0,3	5.869	6.161	5,0	26.400,6	27.741,7	27.803,1	5,1	5,3
MS	1.735,5	1.739,4	1.740,9	0,2	0,3	3.734	5.150	37,9	6.481,0	8.955,8	8.969,5	38,2	38,4
GO	1.444,6	1.487,4	1.500,3	3,0	3,9	5.615	6.551	16,7	8.111,7	9.735,6	9.838,0	20,0	21,3
DF	63,6	61,4	62,5	(3,5)	(1,7)	7.199	7.837	8,9	457,9	480,9	490,1	5,0	7,0
SUDESTE	2.066,9	2.057,4	2.139,7	(0,5)	3,5	5.385	5.756	6,9	11.129,4	11.818,0	12.339,8	6,2	10,9
MG	1.165,1	1.176,7	1.248,5	1,0	7,2	6.082	6.099	0,3	7.086,5	7.168,6	7.623,7	1,2	7,6
ES	13,4	13,4	13,4	-	-	2.995	2.833	(5,4)	40,1	38,0	38,0	(5,2)	(5,2)
RJ	1,0	1,0	1,0	-	-	3.069	2.707	(11,8)	3,1	2,7	2,7	(12,9)	(12,9)
SP	887,4	866,3	876,8	(2,4)	(1,2)	4.507	5.326	18,2	3.999,7	4.608,7	4.675,4	15,2	16,9
SUL	3.478,3	3.475,9	3.535,0	(0,1)	1,6	5.530	6.375	15,3	19.236,5	22.124,7	22.568,3	15,0	17,3
PR	2.430,9	2.444,1	2.457,3	0,5	1,1	4.878	5.944	21,9	11.857,7	14.511,2	14.625,0	22,4	23,3
SC	319,0	318,0	320,9	(0,3)	0,6	7.997	7.926	(0,9)	2.551,0	2.520,5	2.543,5	(1,2)	(0,3)
RS	728,4	713,8	756,8	(2,0)	3,9	6.628	7.135	7,6	4.827,8	5.093,0	5.399,8	5,5	11,8
NORTE/NORDESTE	3.344,5	3.284,1	3.332,8	(1,8)	(0,3)	2.682	2.713	1,2	8.968,9	8.877,7	9.075,6	(1,0)	1,2
CENTRO-SUL	13.287,3	13.325,3	13.490,4	0,3	1,5	5.405	6.074	12,4	71.817,1	80.856,7	82.008,8	12,6	14,2
BRASIL	16.631,8	16.609,4	16.823,2	(0,1)	1,2	4.857	5.408	11,3	80.786,0	89.734,4	91.084,4	11,1	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.1.8. SOJA

A expectativa entre os produtores brasileiros de soja para o exercício 2018/19, é de continuação do crescimento na área plantada, apresentando um intervalo variando de 0,8% a 2,8%, comparado com a safra anterior. A soja pela sua demanda, é um produto com forte liquidez e a despeito das expectativas da grande safra norte americana, os preços ainda estão em patama-

res considerados remuneradores pelos produtores. O ambiente que antecede as eleições, combinado com a volatilidade do dólar, tem proporcionado um quadro de suporte dos preços no âmbito interno, reforçando a aposta dos produtores no incremento de área para a oleaginosa.



10.1.8.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

O plantio da oleaginosa deverá ocorrer a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso. A safra deste ano na região, ocorreu dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparado com as observadas nas últimas três safras, e esse desempenho tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar a área plantada. Nessa perspectiva, o incremento percentual deverá ser expressivo, variando de 0,9% a 3,6% em relação aos 5.195,3 mil hectares plantados na safra passada.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá situar-se entre 1.600,9 mil hectares e 1.639,3 mil hectares, representando uma variação entre 0,1% e 2,5% em relação à safra passada. Os campos produtivos estão localizados na região centro-sul, no Vale do São Francisco e no extremo oeste, utilizando diversas tecnologias, com manejos irrigado e de sequeiro, plantio direto e convencional, com rotação de cultura com o algodão, milho, sorgo, milheto e/ou pastagem.

As sementes utilizadas na maioria das áreas cultivadas são transgênicas, resistentes a ação de herbicidas e ao ataque de lagartas. O percentual de sementes convencionais é inferior a 1%. Estima-se que 50% das áreas cultivadas utilize sementes certificadas e que os outros 50% utilize “sementes salvas” (sementes de soja para uso próprio, cultivadas na safra anterior, mediante cadastro na Superintendência Regional do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento). A principal preocupação é que, apesar das “sementes salvas” preservarem as características genéticas, o processo de colheita e armazenamento realizado pelos produtores pode colocar em risco o vigor das sementes, gerando estandes desuniformes e com falhas. Na safra 2017/18, o clima favorável aliado ao bom manejo agrícola e ao eficiente controle de pragas e doenças, propiciaram a excelente produtividade de 3.960 kg/ha.

10.1.8.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país é esperado incremento no plantio, variando de 1,3% a 3,3% em relação ao exercício anterior, podendo ultrapassar os 16 milhões de hectares plantados. Em Mato Grosso, o vazio sanitário encerrou-se em 15 de setembro e o início do plantio foi marcado por um bom volume de precipitações, especialmente na parte oeste do estado, favorecendo os trabalhos de semeadura. Já nas regiões em que historicamente o início das chuvas ocorre posteriormente, como é o caso do Vale do Araguaia, o início do plantio acontecerá em outubro. De forma

Em Tocantins, a cultura apresentará incrementos de área em função dos bons resultados, tanto financeiros como de produtividade, motivando a abertura de novas áreas, além do uso dessas lavouras para a renovação de pastagens. Esta prática deverá se intensificar nos próximos anos, principalmente, pela atratividade das linhas de crédito oficiais incluídas no projeto de Agricultura de Baixo Carbono (ABC). O incremento de área ocorrerá no intervalo de 998 mil hectares a 1.035,5 mil hectares.

Figura 16 - Área de primeiro ano para plantio de soja – Pium - TO



Fonte: Conab.

No Maranhão, apostando na normalização das chuvas a partir de novembro, há indicativos de aumento da área plantada, variando de 2% a 4% em relação aos 951,5 mil hectares plantados na safra passada, especialmente na região Tocantina, incluída no perímetro de Matopiba. No Pará, a área de plantio já está sendo preparada, com crescimento previsto, variando de 1% a 3% em relação aos 549,6 mil hectares plantados na safra passada. Paragominas é o maior polo produtor de soja, com expectativa de plantar aproximadamente 155 mil hectares. Com relação ao crédito de custeio, os produtores alegam demora por parte dos agentes financeiros na aprovação dos financiamentos e o produtor já busca apoio junto às tradings.

geral, as chuvas, mesmo as que já ocorreram sobre as regiões produtoras, ainda não apresentaram volume suficiente para impulsionar os trabalhos e se restringem às áreas pontuais, bem como as áreas cultivadas sob pivôs, calculando-se no estado, a semeadura de 2,9 % até o final de setembro. É importante destacar que o plantio está mais acelerado comparativamente ao ano passado, quando houve atraso no início das chuvas. No mesmo período do ano passado, o percentual era de 1,4%. Os trabalhos devem se intensificar em outubro.



Em relação à área alocada à soja na safra 2018/19, a primeira estimativa aponta aumento entre 0,5% e 2,5% em relação ao último ciclo e esse incremento se deve à incorporação de novas áreas nas fronteiras agrícolas do estado. Dificuldades de ordem logística, relativas ao novo tabelamento de fretes e encarecimento dos custos de produção, não deverão afetar a safra de soja de forma generalizada, que continuará apresentando sua tendência de aumento de área, ainda que em ritmo mais lento do que no último ciclo, quando a taxa de 2,1% foi registrada. A área semeada em 2018/19 deverá apresentar intervalo na faixa de 9.566,2 mil hectares a 9.756,6 mil hectares para a temporada que se inicia.

Em Mato Grosso do Sul ainda há indefinições com relação ao plantio nesta safra, porém a tendência é de aumento de área, estimada no intervalo de 2.752,2 mil hectares e 2.819 mil hectares, com crescimento variando de 3% a 5,5% em relação à safra passada. Com o encerramento da colheita do milho segunda safra, coincidindo com o final do período de vazio sanitário da leguminosa, os produtores já estão executando o plantio, que teve início na terceira semana de setembro.

Apesar de haver umidade no solo para o plantio em

todo o estado, os produtores concentrarão as operações em outubro e novembro, com o plantio em setembro ocorrendo somente em solos mais argilosos ou em propriedades muito grandes, que precisam começar o plantio mais cedo. Normalmente há redução da produtividade nessas lavouras plantadas em setembro, provavelmente em decorrência da alteração do ciclo ideal das culturas. Com a quebra da safra de milho segunda safra muitos produtores ficaram descapitalizados. Por essa razão, estão previstos menores investimentos em tecnologias, maquinário e na própria fertilização dos solos, especialmente entre aqueles que não haviam comprados os insumos, antes da alta recente da moeda americana. Apesar dos bons preços, as empresas exportadoras de grãos, tais como cooperativas e tradings, estão fazendo poucos contratos por causa das indefinições logísticas ocasionadas pela nova tabela de fretes.

Em Goiás, a programação para o início do plantio ocorrerá na segunda quinzena de outubro, estimando-se uma elevação na área de soja no intervalo de 2% a 4% em relação à safra passada. Essa elevação na área se deve aos bons preços do produto, além de alguns produtores estarem desmotivados com a cultura do feijão primeira safra, que deve sofrer redução na área cultivada, cedendo áreas para a soja.

10.1.8.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar forte elevação, estando previsto para o exercício 2018/19 incremento variando de 1,4% a 3,4%. Em Minas Gerais, a estimativa inicial para o plantio de soja varia de 1.523,6 mil hectares a 1.553,8 mil hectares, representando incremento de 1% a 3% sobre a safra anterior, motivado principalmente pelas boas perspectivas de mercado e pelos excelentes resultados alcançados na safra 2017/18. Em São Paulo, o

primeiro levantamento confirma a tendência de crescimento da área plantada com a oleaginosa, avançando sobre as lavouras de milho e em alguns municípios sob as áreas de feijão, tendo como suporte a forte demanda junto ao mercado chinês, a valorização do dólar, menor custo de produção e a maior liquidez na comercialização. As expectativas de aumento na área plantada apontam para o intervalo de 980,8 mil hectares a 1.000,1 mil hectares.

10.1.8.4. REGIÃO SUL

É esperada uma variação percentual na área plantada, de 0,2% a 1,9% em relação ao observado no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.835,1 mil hectares, para o intervalo de 11.856,3 mil hectares a 12.063,2 mil hectares.

No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura de soja da safra 2018/19. No momento os produtores estão realizando a dessecação da cobertura de inverno ou as lavouras ainda estão com a cultura de inverno. Quanto à intenção de cultivo, deve ser seguida a tendência dos últimos anos de aumento, principalmente, pela abertura de novas áreas, que deverão ser confirmadas nos próximos levantamentos.

O levantamento atual aponta para o incremento do plantio no intervalo de 5.692,1 mil hectares e 5.862,9 mil hectares.

Em Santa Catarina, o plantio teve início no final de setembro, dentro do zoneamento agroclimatológico previsto para a cultura, principalmente na região meio-oeste, onde há intenção de ampliar o plantio da soja “safrinha” em meados de janeiro e início de fevereiro. Com isso, não se descarta o aumento da área total com a cultura, haja vista que o zoneamento climático permite plantio até a segunda semana de fevereiro. Até o momento, em torno de 5% da área prevista encontra-se semeada. As condições da

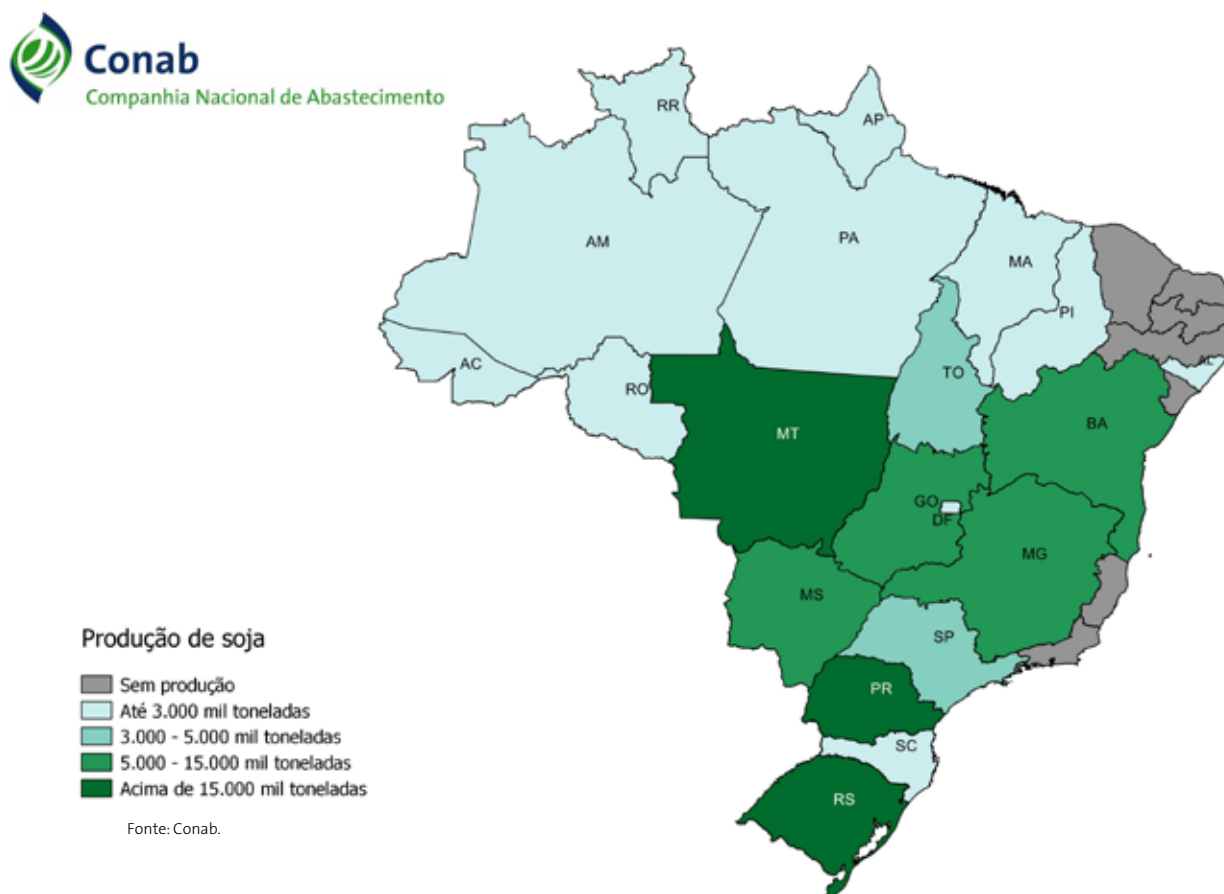


lavoura são boas, haja vista que o clima tem se mantido estável nos últimos dias, com chuvas regulares e temperaturas dentro do normal. Praticamente toda a área a ser semeada deve receber material geneticamente modificado, tolerante a herbicida de ação total e também, contendo tecnologia com ação contra insetos (lagartas). Com o fim de garantir bons preços no momento da safra e adquirir insumos com menos burocracia, muitos produtores buscaram firmar contratos com as cooperativas e cerealistas a preços fixados no momento da colheita, quando serão quitadas as dívidas contraídas nesse momento. A tecnologia que será aplicada nesta safra deve ser semelhante à da safra passada, com bom uso de fertilizantes e demais insumos. Mais de 90% do material genético deve ser fiscalizado/registrado, o que deve garantir alto vigor e estandes uniformes. Em torno de 45% dos recursos financeiros necessários para a implantação das lavouras devem vir de instituições bancárias, 43% de fornecedores de insumos e 12% de recursos próprios.

No Paraná, o plantio já foi iniciado em 18% da área estimada para a cultura nessa safra, variando no intervalo de 5.492,1 mil hectares a 5.519,4 mil hectares. Em comparação com a passada, haverá incremento no plantio devido à migração de outras culturas, principalmente feijão, para a soja, haja visto que é mais lucrativa e tem maior liquidez. Em razão da utilização de novas variedades e da expectativa de condições climáticas favoráveis durante a safra, a produção esperada tende a ser maior que a safra anterior. Em decorrência das chuvas nas últimas semanas, a lavoura já implantada apresenta-se em ótimo estado.

O somatório das expectativas para a temporada 2018/19 indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o intervalo de 0,8% a 2,9% em relação à safra passada, variando de 35.446,3 mil hectares a 36.174,2 mil hectares.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Soja



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.931,8	1.948,3	2.007,1	0,9	3,9	3.056	3.107	1,7	5.903,9	6.053,0	6.236,0	2,5	5,6
RR	38,2	38,2	38,2	-	-	3.077	3.073	(0,1)	117,5	117,4	117,4	(0,1)	(0,1)
RO	333,6	333,6	343,6	-	3,0	3.282	3.279	(0,1)	1.094,9	1.093,9	1.126,7	(0,1)	2,9
AC	0,5	0,9	1,0	80,0	100,0	2.938	2.938	-	1,5	2,6	2,9	73,3	93,3
AM	1,5	2,3	2,5	50,0	66,0	2.250	2.250	-	3,4	5,2	5,6	52,9	64,7
AP	20,2	20,2	20,2	-	-	2.884	2.800	(2,9)	58,3	56,6	56,6	(2,9)	(2,9)
PA	549,6	555,1	566,1	1,0	3,0	2.785	3.040	9,2	1.530,6	1.687,5	1.720,9	10,3	12,4
TO	988,1	998,0	1.035,5	1,0	4,8	3.135	3.096	(1,2)	3.097,7	3.089,8	3.205,9	(0,3)	3,5
NORDESTE	3.263,5	3.291,2	3.377,1	0,8	3,5	3.631	3.158	(13,0)	11.850,7	10.393,0	10.664,7	(12,3)	(10,0)
MA	951,5	970,5	989,6	2,0	4,0	3.125	2.990	(4,3)	2.973,4	2.901,8	2.958,9	(2,4)	(0,5)
PI	710,5	717,6	746,0	1,0	5,0	3.573	3.121	(12,7)	2.538,6	2.239,6	2.328,3	(11,8)	(8,3)
AL	2,2	2,2	2,2	-	-	2.500	2.500	-	5,5	5,5	5,5	-	-
BA	1.599,3	1.600,9	1.639,3	0,1	2,5	3.960	3.277	(17,2)	6.333,2	5.246,1	5.372,0	(17,2)	(15,2)
CENTRO-OESTE	15.648,8	15.846,1	16.172,9	1,3	3,3	3.447	3.324	(3,6)	53.945,4	52.665,0	53.751,9	(2,4)	(0,4)
MT	9.518,6	9.566,2	9.756,6	0,5	2,5	3.394	3.314	(2,4)	32.306,1	31.702,4	32.333,4	(1,9)	0,1
MS	2.672,0	2.752,2	2.819,0	3,0	5,5	3.593	3.380	(5,9)	9.600,5	9.302,4	9.528,2	(3,1)	(0,8)
GO	3.386,7	3.454,4	3.522,2	2,0	4,0	3.480	3.303	(5,1)	11.785,7	11.409,9	11.633,8	(3,2)	(1,3)
DF	71,5	73,3	75,1	2,5	5,0	3.540	3.415	(3,5)	253,1	250,3	256,5	(1,1)	1,3
SUDESTE	2.470,1	2.504,4	2.553,9	1,4	3,4	3.625	3.502	(3,4)	8.955,0	8.770,2	8.943,6	(2,1)	(0,1)
MG	1.508,5	1.523,6	1.553,8	1,0	3,0	3.676	3.527	(4,1)	5.545,2	5.373,7	5.480,3	(3,1)	(1,2)
SP	961,6	980,8	1.000,1	2,0	4,0	3.546	3.463	(2,3)	3.409,8	3.396,5	3.463,3	(0,4)	1,6
SUL	11.835,1	11.856,3	12.063,2	0,2	1,9	3.264	3.303	1,2	38.626,7	39.168,5	39.831,3	1,4	3,1
PR	5.464,8	5.492,1	5.519,4	0,5	1,0	3.508	3.443	(1,9)	19.170,5	18.909,3	19.003,3	(1,4)	(0,9)
SC	678,2	672,1	680,9	(0,9)	0,4	3.400	3.440	1,2	2.305,9	2.312,0	2.342,3	0,3	1,6
RS	5.692,1	5.692,1	5.862,9	-	3,0	3.013	3.153	4,6	17.150,3	17.947,2	18.485,7	4,6	7,8
NORTE/NORDESTE	5.195,3	5.239,5	5.384,2	0,9	3,6	3.417	3.139	(8,1)	17.754,6	16.446,0	16.900,7	(7,4)	(4,8)
CENTRO-SUL	29.954,0	30.206,8	30.790,0	0,8	2,8	3.389	3.330	(1,7)	101.527,1	100.603,7	102.526,8	(0,9)	1,0
BRASIL	35.149,3	35.446,3	36.174,2	0,8	2,9	3.394	3.302	(2,7)	119.281,7	117.049,7	119.427,5	(1,9)	0,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.931,8	6,8
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	38,2	27,3
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	333,6	12,7
AC	-	-	-	-	0,6	-
AM	-	-	-	-	1,5	-
AP	-	-	-	18,9	20,2	6,9
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	549,6	9,9
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	988,1	2,5
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.263,5	5,4
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	15,8
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	2,4
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.599,3	1,2
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.648,8	3,0
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	2,1
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.672,0	5,9
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3,3
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	2,1
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.470,1	5,0
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	3,6
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	961,6	7,4
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	3,3
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	4,1
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	5,9
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	2,2
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.195,3	5,9
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.954,0	3,3
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.149,3	3,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.056	(0,1)
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.282	4,4
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.785	(14,8)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.135	6,9
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.631	16,6
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.573	21,0
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.960	22,1
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.447	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.593	5,7
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.625	4,6
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.546	2,9
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.417	10,4
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.389	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.394	0,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



Tabela 35– Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.903,6	6,6
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	117,5	30,6
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.094,9	17,7
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.530,6	(6,4)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.097,7	9,6
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.850,7	22,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.538,6	23,9
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	6.333,2	23,6
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.945,4	7,6
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.600,5	11,9
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.955,0	9,9
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.409,8	10,6
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.754,3	17,0
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.527,1	2,7
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,4	4,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.1.9. SORGO

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %		Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	32,7	32,7	32,7	-	-	1.651	1.517	(8,1)	53,9	49,6	49,6	(8,0)	(8,0)
PA	4,1	4,1	4,1	-	-	3.012		(100,0)	12,3	-	-	(100,0)	(100,0)
TO	28,6	28,6	28,6	-	-	1.456	1.735	19,2	41,6	49,6	49,6	19,2	19,2
NORDESTE	224,7	219,6	224,6	(2,3)	-	1.812	617	(65,9)	407,1	134,5	139,7	(67,0)	(65,7)
MA	105,6	105,6	105,6	-	-	2.810		(100,0)	296,7	-	-	(100,0)	(100,0)
PI	16,5	16,5	16,5	-	-	514	1.982	285,6	8,5	32,7	32,7	284,7	284,7
RN	1,3	1,3	1,3	-	-	1.346	1.317	(2,2)	1,7	1,7	1,7	-	-
PB	1,2	1,2	1,2	-	-	1.700	1.549	(8,9)	2,0	1,9	1,9	(5,0)	(5,0)
BA	100,1	95,0	100,0	(5,1)	(0,1)	981	1.034	5,4	98,2	98,2	103,4	-	5,3
CENTRO-OESTE	295,1	295,1	295,1	-	-	3.022	3.295	9,1	891,6	972,3	972,3	9,1	9,1
MT	51,7	51,7	51,7	-	-	2.438	2.542	4,3	126,0	131,4	131,4	4,3	4,3
MS	7,0	7,0	7,0	-	-	3.500	3.046	(13,0)	24,5	21,3	21,3	(13,1)	(13,1)
GO	229,2	229,2	229,2	-	-	3.100	3.436	10,8	710,5	787,5	787,5	10,8	10,8
DF	7,2	7,2	7,2	-	-	4.250	4.461	5,0	30,6	32,1	32,1	4,9	4,9
SUDESTE	220,7	220,7	220,7	-	-	3.436	3.461	0,7	758,2	763,8	763,8	0,7	0,7
MG	210,4	210,4	210,4	-	-	3.483	3.470	(0,4)	732,8	730,1	730,1	(0,4)	(0,4)
SP	10,3	10,3	10,3	-	-	2.470	3.274	32,6	25,4	33,7	33,7	32,7	32,7
SUL	9,0	8,0	10,0	(11,1)	11,1	2.777	2.667	(4,0)	25,0	21,3	26,7	(14,8)	6,8
RS	9,0	8,0	10,0	(11,0)	11,0	2.777	2.667	(4,0)	25,0	21,3	26,7	(14,8)	6,8
NORTE/NORDESTE	257,4	252,3	257,3	(2,0)	-	1.792	733	(59,1)	461,0	184,1	189,3	(60,1)	(58,9)
CENTRO-SUL	524,8	523,8	525,8	(0,2)	0,2	3.192	3.354	5,1	1.674,8	1.757,4	1.762,8	4,9	5,3
BRASIL	782,2	776,1	783,1	(0,8)	0,1	2.731	2.497	(8,6)	2.135,8	1.941,5	1.952,1	(9,1)	(8,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.2. CULTURAS DE INVERNO

Em se tratando das culturas de inverno, a safra 2018 ainda não se findou. Algumas culturas estão em campo, em diferentes fases de desenvolvimento, e outras já foram ou estão sendo colhidas ao longo de todas

as regiões produtoras do país. A expectativa é de que a produção nacional desses grãos seja de 6.845,9 mil toneladas, representando aumento de 30% em relação aos números obtidos em 2016/17.

10.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, a área destinada ao cultivo do cereal foi de 30 mil hectares, representando um incremento de 3,4% em relação à safra passada. Já a expectativa para a produtividade média é de 1.500 kg/ha (retração de 16,1% em comparação à temporada anterior), projetando uma produção total de 45 mil toneladas.

A colheita já se iniciou e deve se estender até outubro, com algumas áreas enfrentando dificuldades em decorrência das chuvas registradas em setembro, dificultando o produtor na execução das operações pertinentes. Tais precipitações, além de impactar o teor de umidade dos grãos, têm propiciado um distúrbio fisiológico chamado de rancificação oxidativa, fazendo com que o produto apresente uma coloração escura, comprometendo seu aspecto físico e sua qualidade nutricional.

No Paraná, a área destinada à cultura nessa safra foi de 79,8 mil hectares, ou seja, 26,5% acima do que àquela utilizada em 2017. O processo de colheita está em andamento e aproximadamente 34% da área total já foi colhida.

A produtividade média estimada é de 2.340 kg/ha, 13,7% maior do que o rendimento médio obtido na safra anterior.

No Rio Grande do Sul algumas regiões mais ao oeste do estado já iniciaram o processo de colheita do cereal. No entanto, a grande maioria dos 265,8 mil hectares destinados ao cultivo da cultura ainda se encon-

Figura 18 - Lavoura de aveia em Ponta Porã - MS



Fonte: Conab.

tram em campo, estando 20,4% dessas áreas em fase de maturação, 50,2% em enchimento de grãos, 6% em florescimento e 18,1% em final de desenvolvimento vegetativo. As lavouras apresentam boa qualidade e alto potencial produtivo, estimando-se um rendimento médio superior (46%) à safra passada, ficando em 2.700 kg/ha, e uma produção total de 717,7 mil toneladas (56,4% maior do que a temporada 2017). Como a grande maioria das lavouras já passou a fase crítica da floração, sem nenhum percalço, a atenção dos produtores agora fica por conta de excesso de chuva e/ou tempestades com ventos que possam causar acamamento das plantas na fase final de enchimento de grãos.



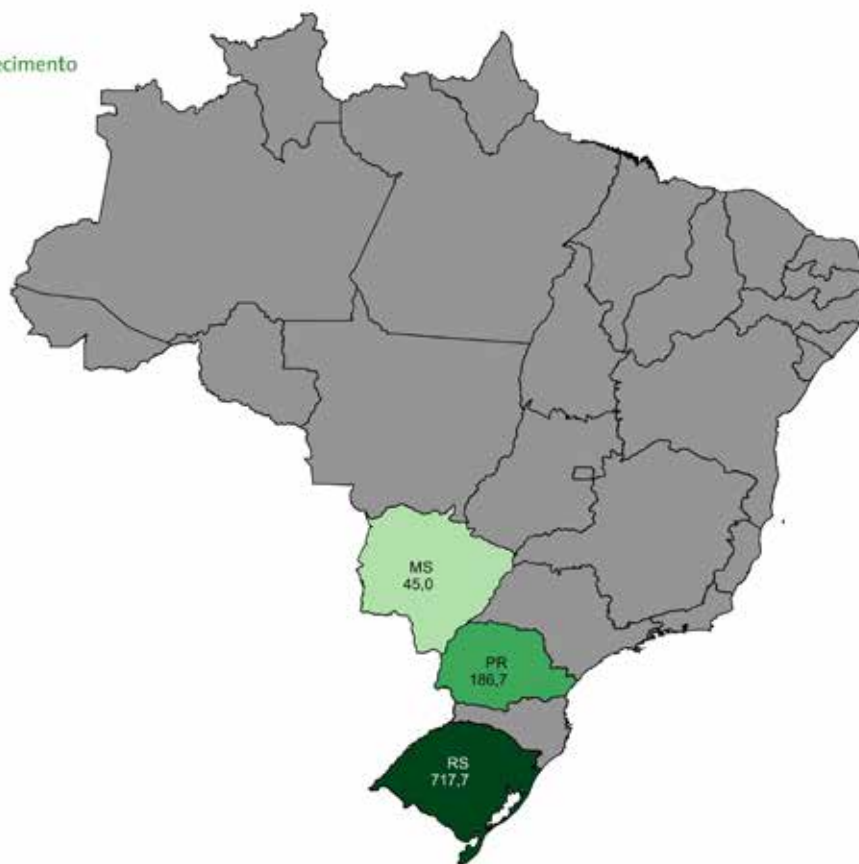
Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Produção de aveia

-  Sem produção
-  Até 100 mil toneladas
-  100 - 500 mil toneladas
-  Acima de 500 mil toneladas

Fonte: Conab.



Quadro 5 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %	Safra 17/18	Safra 18/19	VAR. %
	(a)	Lim Inf (b)	(b/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	(g/f)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.500	(3,4)	45,0	45,0	-
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.500	(3,2)	45,0	45,0	-
SUL	311,3	345,6	11,0	1.891	2.617	38,4	588,8	904,4	53,6
PR	63,1	79,8	26,5	2.058	2.340	13,7	129,9	186,7	43,7
RS	248,2	265,8	7,1	1.849	2.700	46,0	458,9	717,7	56,4
CENTRO-SUL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.528	35,8	633,8	949,4	49,8
BRASIL	340,3	375,6	10,4	1.862	2.528	35,8	633,8	949,4	49,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.2.2. CANOLA

No Paraná, a projeção é de diminuição acentuada de área nessa safra (redução de 84,5%) em razão da desistência de alguns produtores, principalmente nos municípios de Jacarezinho e Ponta Grossa, desestimulados com os preços pagos pelo produto e com a não garantia de liquidez do grão, visto que as indústrias produtoras de óleo da região registraram decréscimo na demanda pelo óleo de canola.

A produtividade esperada é de 1.694 kg/ha, o que representa um aumento de 31,7% em relação à safra anterior. Esta diferença ocorreu principalmente pelo rendi-

mento abaixo da média em 2017 em virtude das geadas incidentes nas principais regiões produtoras.

No Rio Grande do Sul, a cultura aproxima-se do final do ciclo, com 46,4% das áreas em maturação e 53,6% em enchimento de grãos. As condições meteorológicas, até o momento, foram ótimas e o potencial produtivo é elevado, esperando-se um rendimento médio na ordem de 1.350 kg/ha (69% superior ao ano anterior) e uma produção de 47 mil toneladas (incremento de 35,8% em relação a 2017) em uma área de 34,8 mil hectares (19,6% menor do que a temporada passada).



Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Canola



Produção de canola

- Sem produção
- Até 50 mil toneladas
- Acima de 50 mil toneladas

Fonte: Conab.



Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1
PR	4,8	0,7	(84,5)	1.286	1.694	31,7	6,2	1,2	(80,6)
RS	43,3	34,8	(19,6)	799	1.350	69,0	34,6	47,0	35,8
CENTRO-SUL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1
BRASIL	48,1	35,5	(26,2)	848	1.358	60,1	40,8	48,2	18,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.2.3. CENTEIO

No Paraná, o plantio da cultura foi concluído em julho e a área de semeadura foi de 2,2 mil hectares, representando 5,6% de acréscimo em relação à safra anterior. Esse incremento pode ser explicado pelo incentivo que as cooperativas que utilizam o produto para fabricação de farinha dão aos seus produtores cooperados, com o pagamento em bonificação. Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores optam pela cultura por conta das vantagens de sua palhada farta e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes (soja e milho). A colheita está prevista para ocorrer entre outubro e novembro.

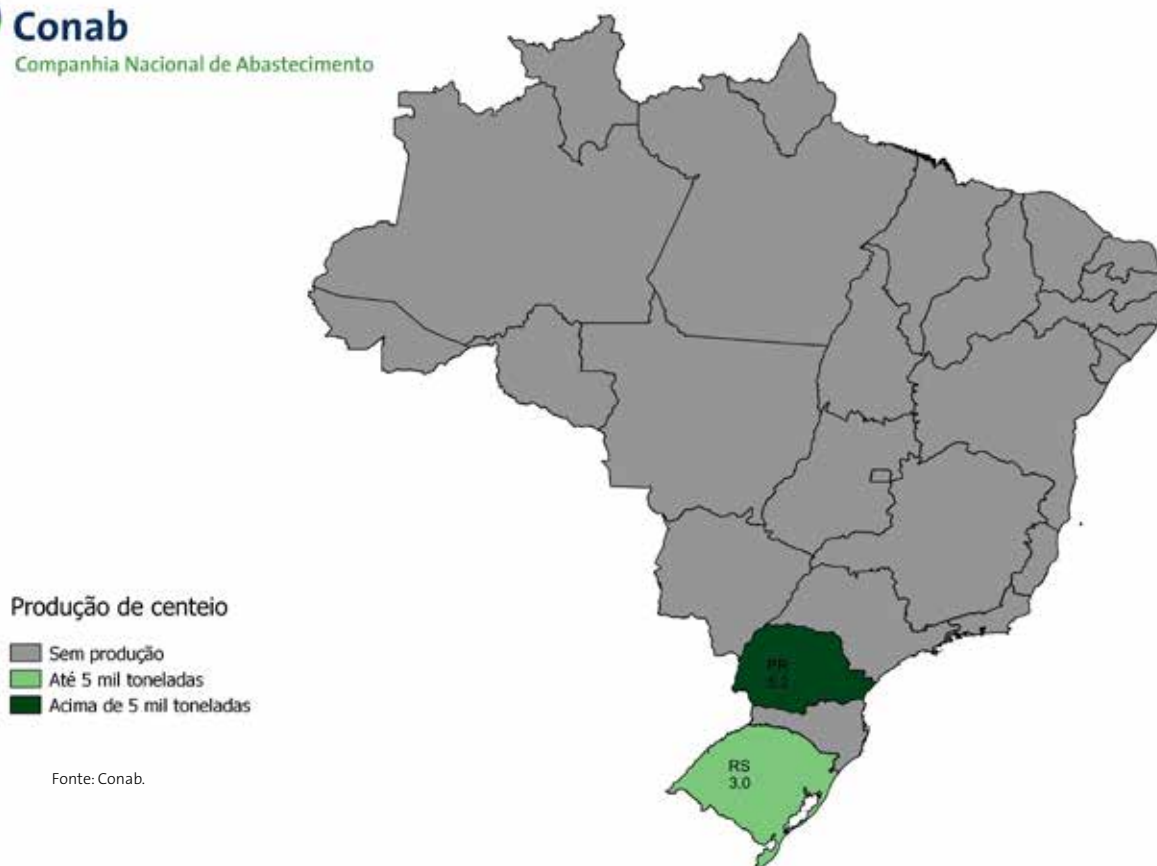
O rendimento médio esperado é de 2.344 kg/ha, 39,7% superior à safra anterior. Já a produção estimada é na ordem de 5,2 mil toneladas.

Figura 21 – Lavoura de centeio em Ponta Grossa - PR



Fonte: Conab.

Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3
PR	2,1	2,2	5,6	1.678	2.344	39,7	3,5	5,2	48,6
RS	1,5	1,5	-	1.826	2.000	9,5	2,7	3,0	11,1
CENTRO-SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3
BRASIL	3,6	3,7	2,8	1.722	2.216	28,7	6,2	8,2	32,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.

10.2.4. CEVADA

No Paraná, a área plantada foi de 55,7 mil hectares, representando um incremento de 10,9% em relação à safra anterior. As maltarias instaladas no Paraná fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja a qualidade para malte.

As lavouras estão, em sua maioria, na fase de floração e granação e, até o momento, as condições da cultura são boas. O rendimento médio estimado é de 4.550 kg/ha, ou seja, 37,8% superior à safra anterior, que foi prejudicada por geadas.

A colheita terá início agora em outubro, podendo se estender até novembro.

Em Santa Catarina, a área estimada para o cereal, nesta safra, é de 600 hectares, 50% menor do que àquela cultivada no último ano. Já a produtividade média esperada está na ordem de 3.700 kg/ha, representando um incremento considerável de 117,6% em comparação com 2017. Nesse cenário, a projeção para a produção final é de aproximadamente 2,2 mil toneladas (5% a menos do que a temporada anterior).

O desenvolvimento da cultura até então aponta para

quase 80% das lavouras em fase de emborrachamento e os outros 20% na fase de floração. As condições climáticas apresentadas são favoráveis e não registraram restrição hídrica acentuada ao longo de todo ciclo. Vale destacar o aspecto sanitário das plantas que não demonstraram dano econômico significativo, tanto em relação às pragas quanto às doenças.

No Rio Grande do Sul, a maior parte da cultura está em fase de enchimento de grão, com 49,5% das áreas nesse estágio, 37,9% na fase final de alongação e emissão da panícula e 12,6% em floração. Portanto, o período mais crítico para as plantas em relação à ocorrência de geadas tardias e ao excesso de chuvas já passou para a maioria das lavouras no estado.

Visando um desenvolvimento pleno e sadio das plantas, os produtores têm realizado aplicações preventivas de fungicidas, evitando justamente a infecção de doenças (giberela e septória) na fase de floração e no enchimento de grãos.

A área cultivada, no estado, nesta safra está estimada em 55,6 mil hectares, projetando uma produtividade média de 2.500 kg/ha e, dessa forma, alcançando uma produção final de 139 mil toneladas.



Figura 23- Mapa da produção agrícola - Cevada



Produção de cevada

- Sem produção
- Até 100 mil toneladas
- Acima de 100 mil toneladas

Fonte: Conab.

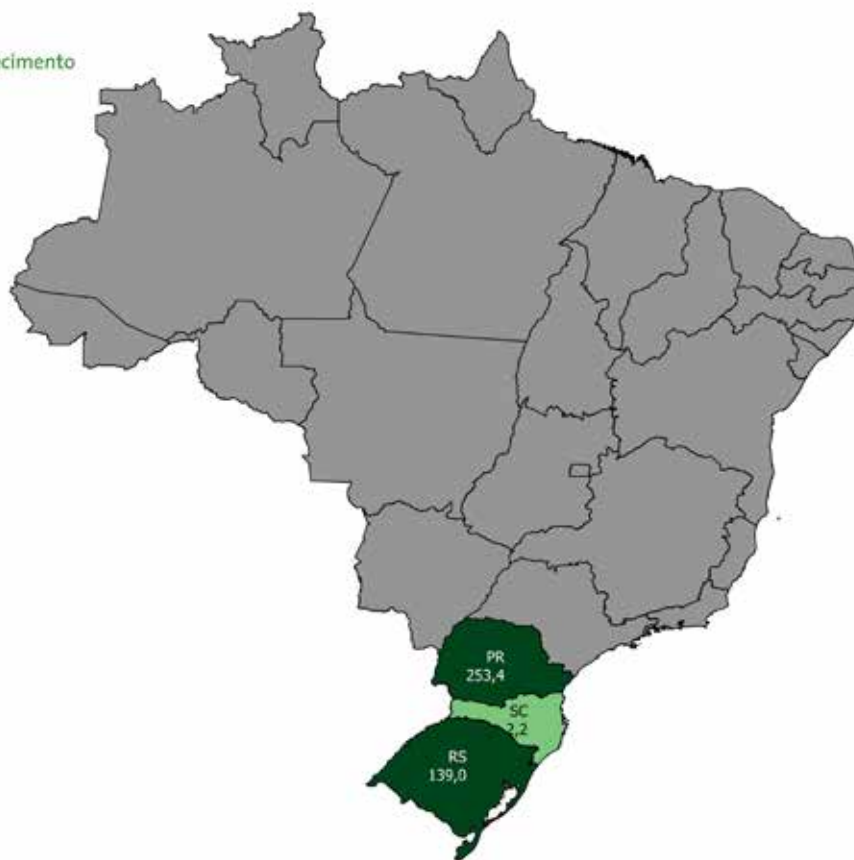


Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9
PR	50,2	55,7	10,9	3.301	4.550	37,8	165,7	253,4	52,9
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.700	117,6	2,0	2,2	10,0
RS	57,0	55,6	(2,5)	2.006	2.500	24,6	114,3	139,0	21,6
CENTRO-SUL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9
BRASIL	108,4	111,9	3,2	2.602	3.527	35,5	282,1	394,6	39,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.2.5. TRIGO

Na Bahia, a triticultura está concentrada no extremo-oeste do estado, com uma área cultivada de aproximadamente 5 mil hectares. Apresenta um sistema de produção irrigado e tem um potencial produtivo alto, com expectativa de produtividade média na ordem de 6.000 kg/ha. O plantio do cereal foi iniciado em meados de maio e a projeção é que a colheita seja concluída em outubro.

Em Mato Grosso do Sul, a colheita dos 28 mil hectares destinados à triticultura, nessa safra, está em fase final de operação. A produtividade média esperada é na ordem de 2.200 kg/ha e a produção total de 61,6 mil toneladas, simbolizando um crescimento de 12,8% e 57,9%, respectivamente, quando comparadas àquelas obtidas na temporada 2017.

Em Goiás, a perspectiva é de incremento na área destinada à triticultura, na ordem de 18,2% quando comparada aos números da safra anterior, totalizando 13 mil hectares em 2018. A produtividade média esperada está em torno de 5.400 kg/ha e a produção final deverá atingir 70,2 mil toneladas, algo que representa um acréscimo de 19,8% em relação à temporada passada.

No Distrito Federal, a área semeada na safra 2018 foi de 2,3 mil hectares (um acréscimo de 155% em comparação com 2017), sendo aproximadamente 60% desse total conduzida em um sistema de produção em sequeiro e os outros 40% em um sistema irrigado. A produtividade do trigo sequeiro é estimada em 2.400 kg/ha, enquanto que a do trigo irrigado é de 6.600 Kg/ha, configurando, portanto, uma produtividade média de 4.105 Kg/ha. Tal rendimento representa uma diminuição de 31,6% em relação à safra passada e está atrelada ao aumento de área em sequeiro.

Vale ressaltar que, o cultivo de trigo sequeiro é de alto risco, em especial com a ocorrência de doenças como a brusone, no entanto o potencial de rendimento está associado à disponibilidade e distribuição hídrica durante o ciclo de desenvolvimento da cultura.

O cenário está favorável para o crescimento da cultura na região, principalmente em razão da introdução de novas variedades menos susceptíveis a doenças e mais tolerantes a deficiência hídrica, além do reaproveitamento da adubação deixada pela cultura anterior. Com isso, a expectativa de produção é na ordem de 9,4 mil toneladas, simbolizando um crescimento de 74,1% em comparação à temporada anterior.

Em Minas Gerais, a área destinada à triticultura sofreu uma ligeira redução (1,1%) em relação à safra anterior, alcançando, dessa forma, 83,7 mil hectares em 2018. No

que se refere a produtividade média, a estimativa também é de decréscimo na ordem de 7% quando comparada ao mesmo período, projetando-se, aproximadamente, 2.475 kg/ha. O sistema de cultivo em sequeiro impulsionou essa diminuição do rendimento médio, em razão da estiagem que as regiões produtoras enfrentaram durante o ciclo da cultura. A colheita está praticamente concluída, restando apenas um pequeno percentual de área a ser colhida até o fim de outubro.

Em São Paulo houve atraso no plantio da cultura em decorrência de um período de estiagem justamente na época comumente utilizada para a semeadura do cereal. Dessa forma, o desenvolvimento da cultura ficou comprometido, e a expectativa é de redução em produtividade média na ordem de 19% em comparação com a safra passada, alcançando 2.699 kg/ha. A colheita está em fase final, e essas mesmas áreas devem ser sucedidas pelo plantio de milho e soja.

No Paraná, a área destinada à triticultura é de 1.099 mil hectares nessa safra, visto que a projeção para o término da colheita é em dezembro. Em comparação com a temporada passada, houve aumento de 14,3% de área, muito em razão ao cultivo de trigo em detrimento do plantio do milho segunda safra (a estiagem inviabilizou a semeadura do milho no período ideal).

Para a produtividade média da cultura no estado, a expectativa é de incremento na ordem de 16,8% em relação à safra anterior, alcançando 2.695 Kg/ha. Inicialmente esperava-se uma produtividade ainda maior para a atual safra, mas a estiagem ocorrida em junho e julho afetou o rendimento da cultura. Contudo, as chuvas registradas em agosto estancaram as perdas que vinham acontecendo.

Figura 24 – Lavoura de trigo em Teixeira Soares - PR



Fonte: Conab.



Em Santa Catarina, as condições climáticas apresentaram melhorias significativas com a volta das chuvas, após longo período de estiagem entre julho e agosto. Os produtores voltaram a realizar os tratos culturais, principalmente a adubação de cobertura e a aplicação de defensivos. As lavouras que tiveram seu plantio mais tardio sofreram menor impacto com essa escassez de chuva, principalmente pelo fato de terem recebido adubação nitrogenada na fase ideal do desenvolvimento fenológico das plantas. Nas outras lavouras esse trato cultural ficou prejudicado e, por consequência, apresentaram um menor número de perfilhos.

A qualidade sanitária atual é considerada boa, sem grandes problemas em relação ao ataque de pragas e doenças. Contudo, o período de estiagem trouxe aumento nos casos de oídio em algumas regiões, necessitando a aplicação do controle químico.

Os estádios atuais de desenvolvimento da cultura variam desde alongamento (1%), nas regiões de plantio mais tardio, passando por emborrachamento (46%), floração (30%) e granação (23%).

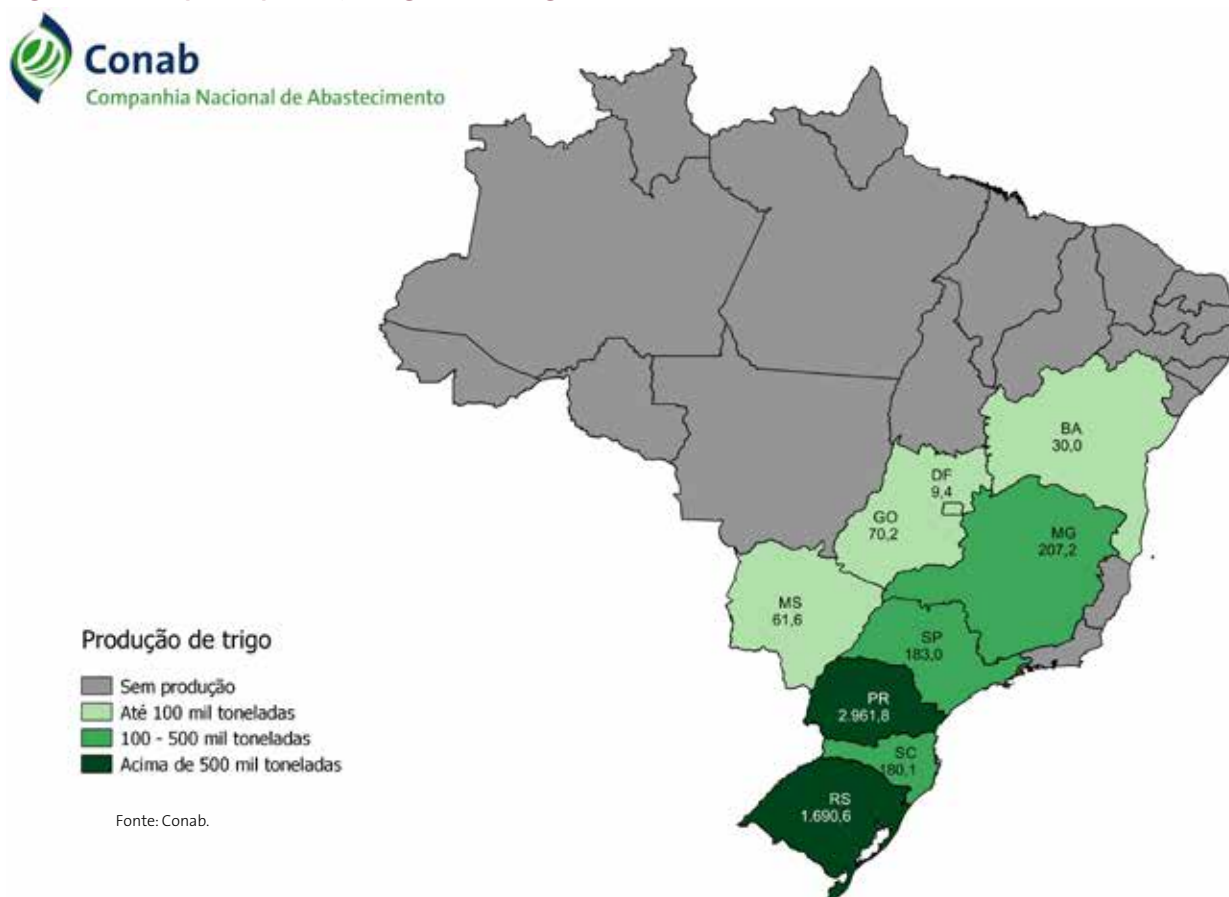
A expectativa para a triticultura catarinense é de in-

cremento na área destinada ao cereal (7,8%), na produtividade média (17,9%) e na produção (27%) da cultura quando comparadas a 2016/17. De modo geral, a tendência é de uma quantidade total produzida na ordem de 180,1 mil toneladas, com rendimento médio de 3.100 Kg/ha em uma área de 58,1 mil hectares.

No Rio Grande do Sul, as lavouras de trigo, no geral, evoluem de forma animadora, com a maior parte delas já se encontrando em fase de enchimento de grãos (53,4%) – o restante se apresenta em fase de floração 28%, alongamento/emborrachamento 14,9% e maturação 3,7% – a fase mais crítica para a ocorrência de geadas tardias, visto que na maioria do estado registrou-se apenas uma ocorrência, no final de agosto. No entanto, essa geada não foi generalizada, concentrando-se em áreas de baixada e com intensidade fraca.

Com a aproximação do final do ciclo, as estimativas de produtividade média são de incremento em relação à temporada passada (35,8%), projetando-se 2.480 kg/ha para 2018. Tal rendimento, alinhado à destinação de área para a triticultura no estado na ordem de 681,7 mil hectares, espera-se uma produção final de 1.690,6 mil toneladas (32,4% superior do que àquela obtida em 2016/17).

Figura 25 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 6 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Restrição por falta de chuva e geadas						

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	43,3	35,7	3.229	3.261	1,0	103,0	141,2	37,1
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.200	12,8	39,0	61,6	57,9
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.400	1,3	58,6	70,2	19,8
DF	0,9	2,3	155,0	6.000	4.105	(31,6)	5,4	9,4	74,1
SUDESTE	164,5	151,5	(7,9)	2.996	2.576	(14,0)	491,5	390,2	(20,6)
MG	84,6	83,7	(1,1)	2.662	2.475	(7,0)	225,2	207,2	(8,0)
SP	79,9	67,8	(15,2)	3.333	2.699	(19,0)	266,3	183,0	(31,3)
SUL	1.714,6	1.838,8	7,2	2.122	2.628	23,8	3.637,6	4.832,5	32,8
PR	961,5	1.099,0	14,3	2.308	2.695	16,8	2.219,1	2.961,8	33,5
SC	53,9	58,1	7,8	2.630	3.100	17,9	141,8	180,1	27,0
RS	699,2	681,7	(2,5)	1.826	2.480	35,8	1.276,7	1.690,6	32,4
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.033,6	6,4	2.215	2.638	19,1	4.232,1	5.363,9	26,7
BRASIL	1.916,0	2.038,6	6,4	2.225	2.646	18,9	4.262,1	5.393,9	26,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.



10.2.6. TRITICALE

Em São Paulo, o triticale apresentou diminuição na área de cultivo (32%), na produção (36,5%) e na produtividade (7,2%), quando comparadas aos valores obtidos em 2017. É cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área onde é realizado o plantio. A expectativa é que a produção seja de 13,2 mil toneladas, representando cerca de 25% do volume nacional produzido.

No Paraná, o plantio está concluído e a área destinada à cultura foi de 8,5 mil hectares, o que significa uma redução de 13,3% quando comparada à safra passada.

A expectativa de rendimento médio é de 3.093 kg/ha, ou seja, 35,8% superior a 2017, porém abaixo do esperado inicialmente, uma vez que a cultura foi afetada pela falta de chuvas no início do desenvolvimento. As lavouras são consideradas boas e regulares, estabilizadas com as chuvas ocorridas em agosto.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Triticale

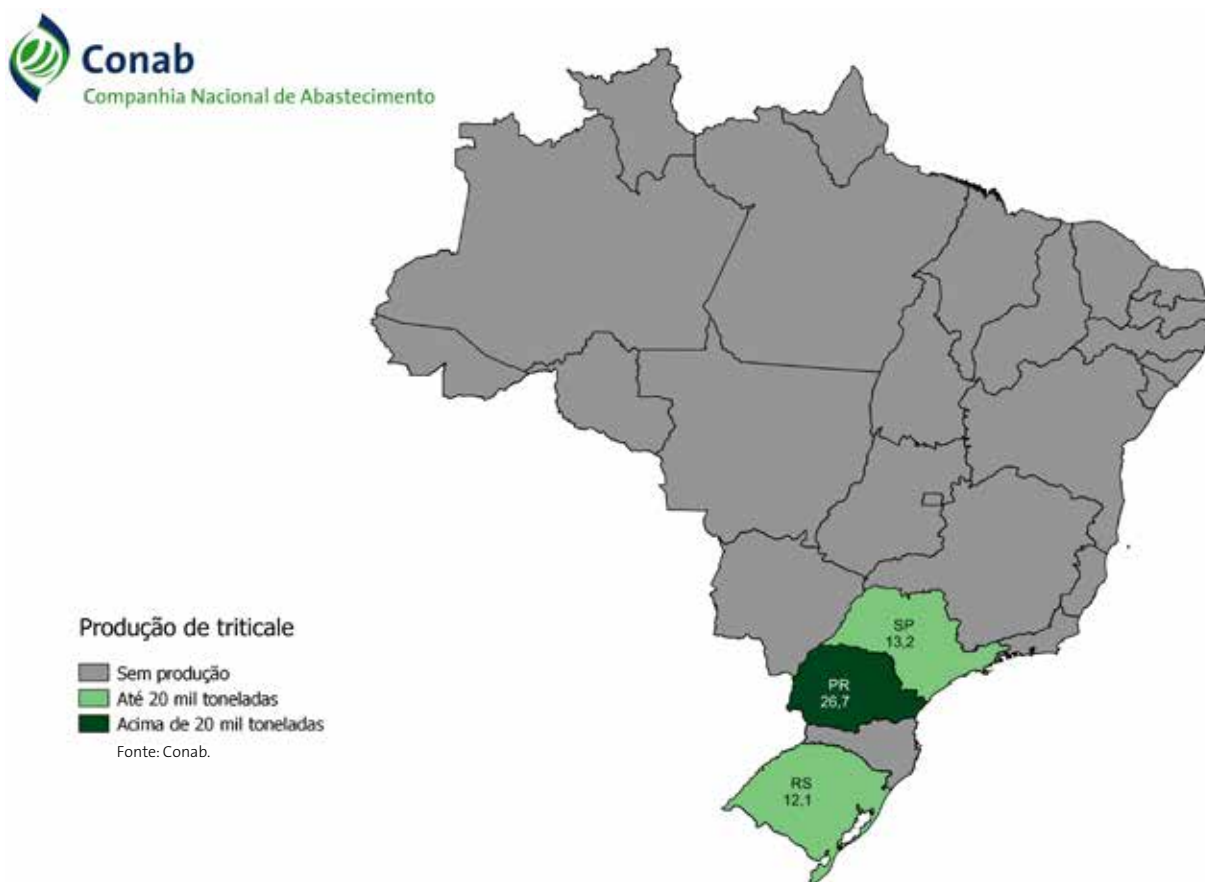


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	5,1	(32,0)	2.773	2.588	(6,7)	20,8	13,2	(36,5)
SP	7,5	5,1	(32,0)	2.779	2.580	(7,2)	20,8	13,2	(36,5)
SUL	15,5	14,2	(8,4)	2.110	2.704	28,2	32,7	38,4	17,4
PR	9,8	8,5	(13,3)	2.277	3.093	35,8	22,3	26,3	17,9
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	19,3	(16,1)	2.326	2.674	15,0	53,5	51,6	(3,6)
BRASIL	23,0	19,3	(16,1)	2.326	2.674	15,0	53,5	51,6	(3,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2018.





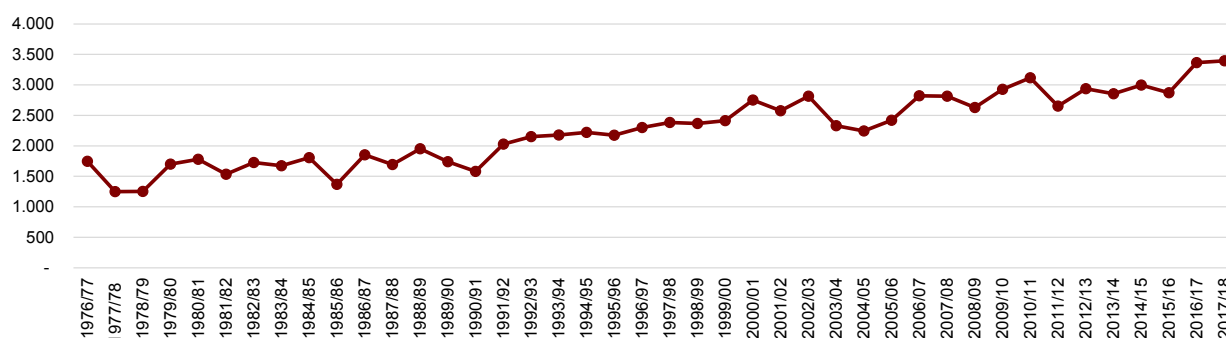
11. VAZIO SANITÁRIO

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Nesse período, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de sementes, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura, e visa manter a sanidade das lavouras, permitindo o alcance do máximo potencial produtivo da planta.

Na produção brasileira de grãos, algumas culturas dispõem de um calendário agrícola que inclui o mecanismo do vazio sanitário como método de controle para eventuais pragas e doenças que podem se manter vivas no campo durante a entressafra e, posteriormente, trazer danos econômicos consideráveis na safra propriamente dita. Um exemplo disso é a incidência de ferrugem asiática na soja, importante doença para a cultura no país.

O primeiro relato de ferrugem asiática da soja no Brasil aconteceu em 2001 e coincidiu justamente com um período de decréscimo da produtividade média brasileira para a cultura. Observa-se que a partir da safra 2001/02 (primeira safra após o aparecimento da doença no país) houve uma pequena redução nesse rendimento médio, acentuando-se na safra 2004/05 e voltando ao normal apenas na safra 2006/07. É importante destacar que a partir de 2006 foi implantado o vazio sanitário nos estados de Goiás e Mato Grosso, podendo explicar a recuperação da produtividade a patamares já alcançados.

Gráfico 1 - Série histórica da produtividade da soja



Fonte: Conab.

O agente causal dessa doença (o fungo *Phakopsora pachyrhizi*) necessita de um hospedeiro vivo para completar seu ciclo e, além disso, conta com uma boa viabilidade de suas estruturas reprodutivas (esporos) no campo, quando as condições são favoráveis à sua manutenção e seu desenvolvimento. Algumas pesquisas mencionam que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa) é de 55 dias. Portanto, mantendo-se um período mínimo de 60 dias (podendo alcançar até 90 dias) de vazio sanitário, o sojicultor diminui a possibilidade de incidência precoce da doença, mas não resolve por completo os problemas causados pelo fungo.

Atualmente 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema, a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido

à sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro) e, por isso, não adota o vazio sanitário. No Piauí, a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (Meyer, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o mesmo Consórcio Antiferrugem/Sistema, não houve relato de foco da doença nas últimas safras no estado. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então se optou pelo não estabelecimento do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença, é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (Faep, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente em Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, no mínimo, duas safras por ano (verão e inverno), com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática, que encontra hospedeiro o ano todo (Faep, 2008).



Quadro 1 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Decêndio	2ª Dec.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.	1ª Quinz.	2ª Quinz.		
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Nordeste													01/09	30/10
PA/Noroeste													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste													15/08	15/10
BA													01/07	07/10
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP													15/06	15/09
PR													10/06	10/09
SC													15/06	15/09
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra);

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragantina, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luís.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Além da soja, outras culturas também adotam o vazio sanitário como medida de controle preventiva, tal como o algodão, com o objetivo principal de inviabilizar a persistência e o desenvolvimento do bicudo do algodoeiro (*Anthonomus grandis*) na lavoura, visando proteger a produção, evitando danos econômicos. Considerada praga chave para a cotonicultura, o bicudo tem grande capacidade destrutiva e boa habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela

foi, por exemplo, responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90 esse estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto em Mato Grosso, por exemplo, plantava-se cerca de 30 mil hectares. Juntamente com esses dois estados (Mato Grosso e Paraná) o vazio sanitário para o algodão também está estabelecido na Bahia, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.



Quadro 2 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL		AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec	3ª Dec	1ª Dec	2ª Dec		
BA – Extremo Oeste																				20/09	20/11
BA – Centro-Sul ¹																					
MT																				01/10	30/11
MS																				15/09	30/11
GO – Região 1																				05/09	25/11
GO – Região 2																				10/09	30/11
GO – Região 3																				15/09	05/12
GO – Região 4																				20/08	10/11
GO – Região 5																				01/11	20/01
MG																				20/09	20/11
SP																				10/07	10/10
PR																				01/09	30/10

Legenda: PA/Sul: microrregiões de Conceição do Araguaia, Redenção, Marabá, São Félix do Xingu, Parauapebas, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão) e de Altamira (Distritos e Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

PA/Nordeste: microrregiões de Paragominas, Bragantina, Guamá, Tomé-Açu, Salgado, Tucuruí, Castanhal, Arari, Salgado, Belém, Cametá, Furos de Breves e de Portel

PA/Noroeste: microrregião de Santarém, Almeirim, Óbidos, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), e de Altamira (com exceção dos Distritos de Castelo de Sonhos e Cachoeira da Serra).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luís.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca-branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas nesse período evita que o inseto se mantenha ativo e

provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão.

Quadro 3 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez		
GO 1													05/09	05/10
GO 2													20/09	20/10
DF													20/09	20/10
MG 3													20/09	20/10

Legenda: GO 1: sudoeste, sul e sudeste;

GO 2: entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiânia;

MG 3: noroeste

Fonte: Conab

O descumprimento de qualquer vazio sanitário acarreta multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazio sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.

MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja nos Estados do Maranhão e Piauí, na safra 2006/07. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazio sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1.008., Curitiba: junho de 2008.





12. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2018/19, atinge o total de R\$ 228,21 bilhões. Esse número é 37,3% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 166,23 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta da produção, pelo valor médio praticado do milho algodão, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados. A cultura da soja apresenta queda na produção, mas valorização do produto. É importante ressaltar que nesse primeiro levantamento são realizadas estimativas para a produção da safra agora iniciada. Isso posto, a estimativa de produção tem um limite superior e um limite inferior em conjunto. Os valores apresentados para a produção da safra 2018/19 fazem referência à média entre o limite inferior e o limite superior.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

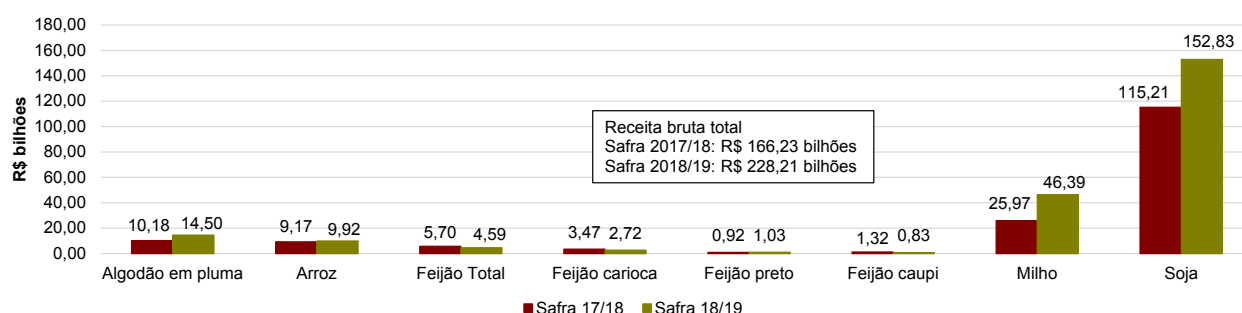
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 17/18	Safra 18/19	Variação	Unid.	09/2017	09/2018	Variação	09/2017	09/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	2,01	2,20	9,8%	15	76,12	98,74	29,7%	10,18	14,50	42,4%
Arroz	12,06	11,45	-5,1%	60	45,63	51,96	13,9%	9,17	9,92	8,1%
Feijão Total	3,12	3,17	1,7%	60	109,82	86,77	-21,0%	5,70	4,59	-19,6%
Feijão carioca	1,84	1,88	2,1%	60	113,10	86,98	-23,1%	3,47	2,72	-21,5%
Feijão preto	0,49	0,50	2,8%	60	112,76	122,74	8,9%	0,92	1,03	11,9%
Feijão caupi	0,79	0,79	0,3%	60	100,32	63,33	-36,9%	1,32	0,83	-36,7%
Milho	80,79	90,41	11,9%	60	19,28	30,78	59,6%	25,97	46,39	78,6%
Soja	119,28	118,24	-0,9%	60	57,95	77,55	33,8%	115,21	152,83	32,6%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	166,23	228,21	37,3%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em outubro/2018 e preços de setembro de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em junho/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais– Produtos selecionados – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

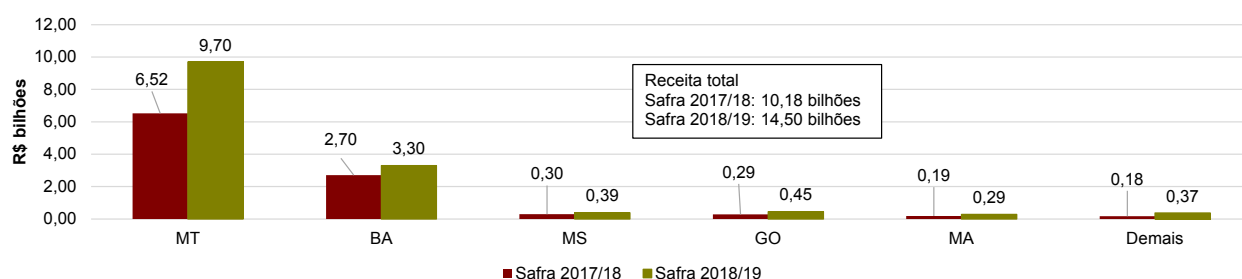
Nota: Safras 2017/18 e 2018/19- a preços de setembro/2017 e setembro/2018. Produtos: algodão em pluma, arroz, feijão, milho e soja

12.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 9,8% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta valorização de 29,7%. Esses dois movimentos culminaram no aumento do va-

lor da receita bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$ 14,5 bilhões para a safra em questão, um aumento de 42,4% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

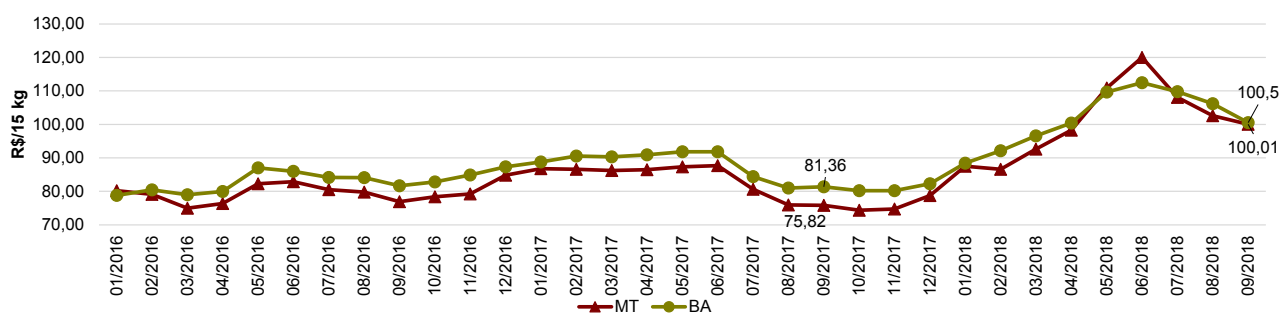
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Setembro/2017 a Setembro/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



As Unidades da Federação com maior produção de algodão são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 9,7 bilhões e para a Bahia de R\$ 3,3 bilhões, au-

mentos de 48,8% e 22,1%, respectivamente. É importante ressaltar os grandes avanços na produção no Mato Grosso, o qual passou de 1.290 mil para 1.455 mil toneladas, aumento de 12,8%.

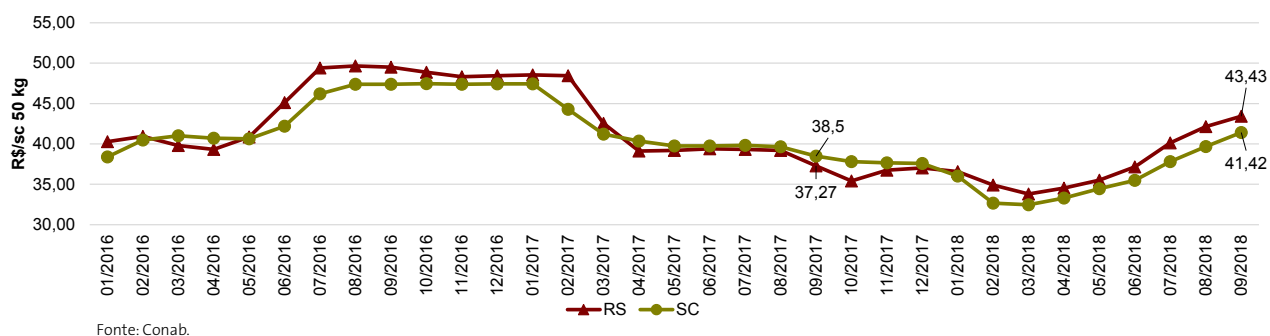
12.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. A Unidade da Federação com maior produção,

Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 4,7% e para Santa Catarina 4,5%.

Além disso, quando comparados os valores de setembro de 2017 a setembro de 2018, verifica-se aumento no valor médio nacional.

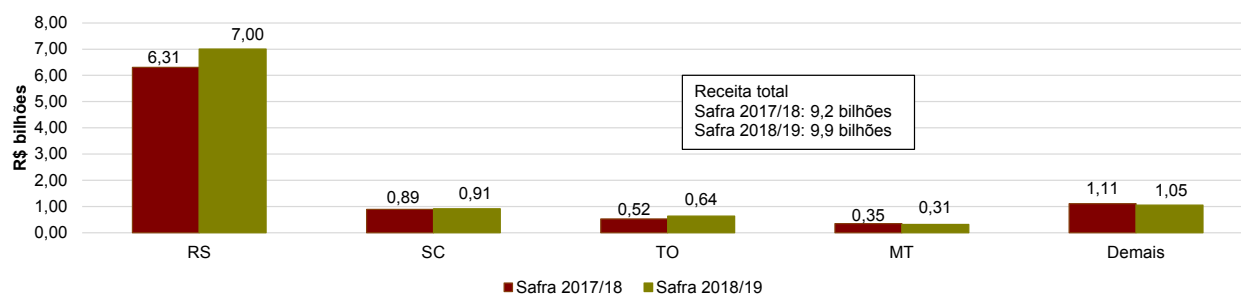
Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores



A queda na quantidade produzida pelo Brasil, com magnitude de 5,1% não foi suficiente para um decréscimo na estimativa da receita bruta. O responsável

pelo aumento da estimativa do valor bruto da produção dos produtores rurais foi o aumento no preço médio praticado no país, de 13,9%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2017/18 e 2018/19

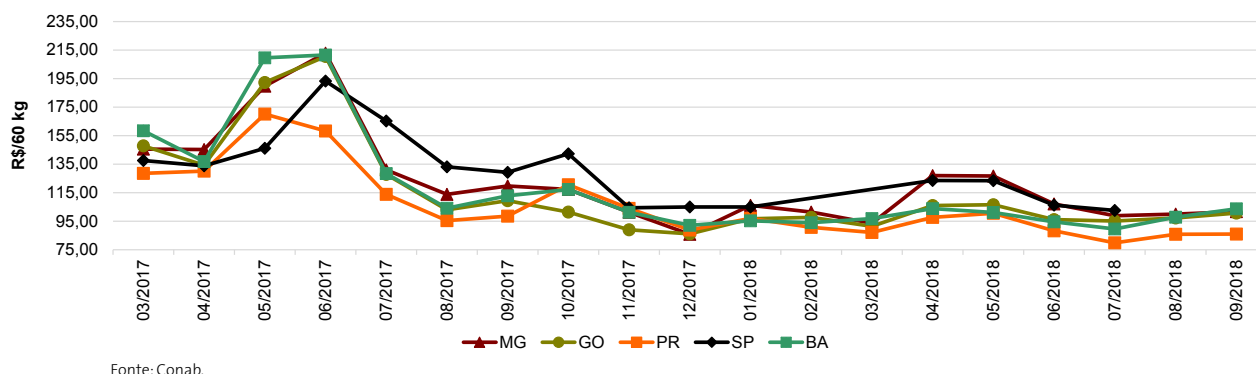


12.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca observa-se decréscimo da produção na

Região Centro-Sul e acréscimo na Região Norte-Nordeste, na safra em análise, até mesmo para São Paulo, com queda de 18,8%. Há queda nos preços recebidos pelos produtores, ao compararmos os valores de setembro de 2017 e setembro de 2018.

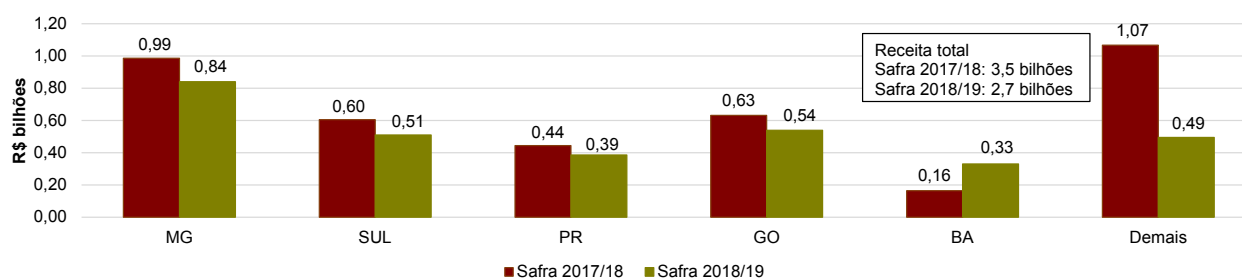
Gráfico 6 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores



A diminuição nos preços acarretou na queda na estimativa da receita bruta total para o feijão carioca, apresentando valor de 2,7 bilhões para 2018/2019;

21,5% menor do que o observado na safra anterior de 3,5 bilhões em 2017/2018, conforme apresentado a seguir:

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-carioca – Safras 2017/18 e 2018/19



Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

12.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

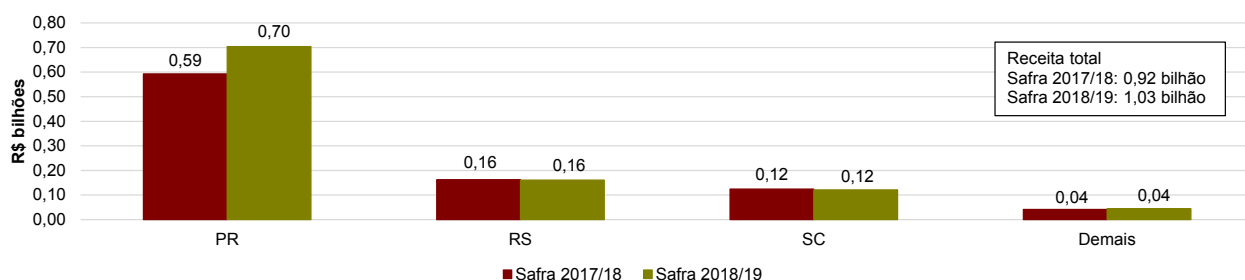
A cultura de feijão-preto é fortemente concentrada nas Regiões Sul e Sudeste. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta incremento na produção e aumento de 11,8% nos preços recebidos pelos produtores. Já para Santa Catarina observa-se um cenário no qual a produção apresenta queda em relação ao ano imediatamente

anterior e queda nos preços médios praticados. Para o Rio Grande do Sul observa-se diminuição na produção de 6,6% e aumento médio no preço de 5,8%.

A partir desse cenário nacional de aumento nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2018/19, foi de R\$ 1,03 bilhões, 11,9% maior que o observado na safra 2017/18, de 0,92 bilhões.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-comum preto – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

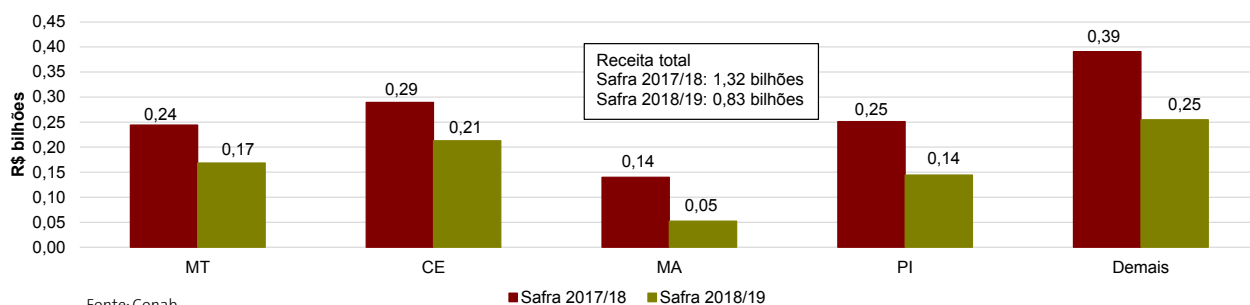
12.5. FEIJÃO CAUPI

O feijão-caupi está concentrado nas regiões Nordeste e Centro-Oeste. Para as regiões supracitadas observa-se as seguintes situações: no Nordeste a produção experimental decréscimo de 5,2% e a Região Centro-Oeste o incremento foi de 6,1%.

Por outro lado, quando comparados os preços pratica-

dos junto aos produtores de feijão-caupi em setembro de 2017, com os preços de setembro de 2018, para as duas regiões, observa-se decréscimo nos valores pesquisados. Para o Mato Grosso, maior produtor dessa variedade, a queda no preço encontrado é de 34%. Já para o Ceará, maior produtor da variedade no Nordeste, o preço apresenta queda de 27,9%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018

Com base nas informações acima, percebe-se que a manutenção na produção nacional juntamente com a queda no preço médio nacional (36,9%) culminou no decréscimo da receita bruta dos produtores de

feijão caupi. A estimativa nesse levantamento para a safra 2018/19 revela um valor de R\$ 0,83 bilhão. Já para a safra 2017/18 o valor é de R\$ 1,32 bilhão, ou seja, uma diminuição de 36,7%.

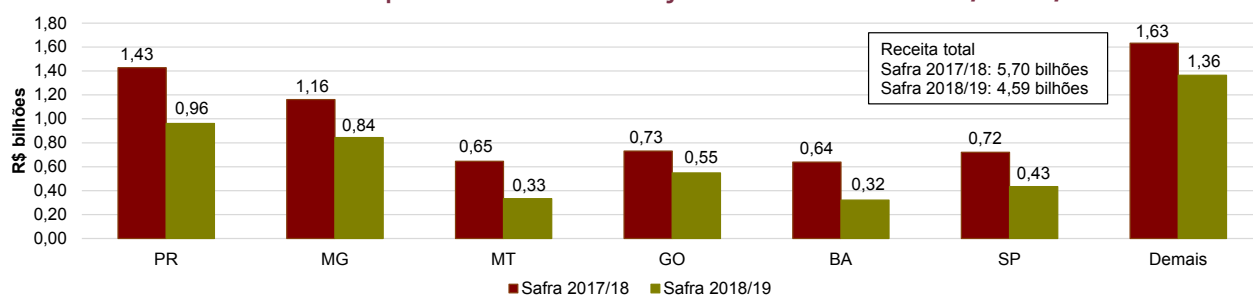
12.6. FEIJÃO (CAUPI, CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca, caupi e do preto, obteve-

-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 5,70 bilhões na temporada 2017/18 e R\$ 4,59 bilhões em 2018/19, queda de 19,6%.



Gráfico 10 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

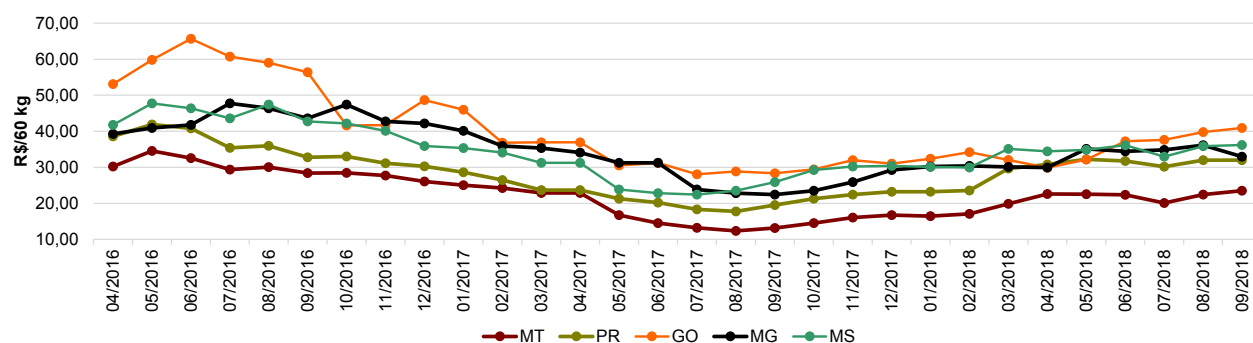
Nota: preços de julho/2017 a julho/2018

12.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação em Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Paraná ao compararmos setembro de 2018 e agosto de 2018. Isso posto, na comparação de setembro de 2018 e setembro de 2019, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 59,6%.

Gráfico 11 – Milho – preços nominais recebidos pelos produtores

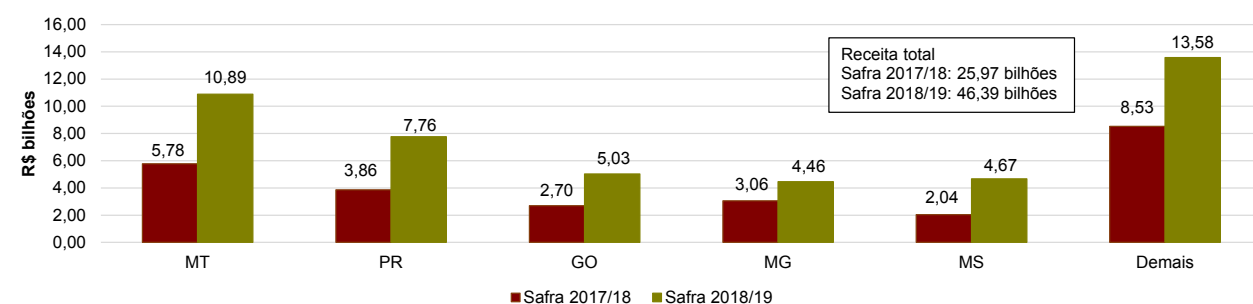


Fonte: Conab.

Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e a produção nacional também apresentou crescimento, mesmo nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para

o milho foi de R\$ 46,39 bilhões para a safra 2018/19, já para a safra de 2017/18 observa-se a estimativa de R\$ 25,97 bilhões, ou seja, um incremento no valor da receita de 78,6%.

Gráfico 12 – Receita bruta dos produtores rurais– milho – Safras 2017/18 e 2018/19



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018



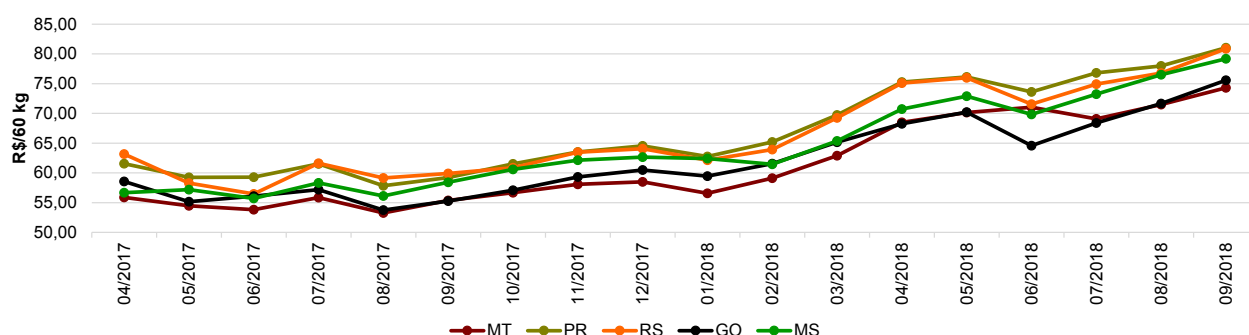
12.8. SOJA

A produção da safra 2017/18 foi calculada em 119,3 milhões de toneladas, já para a safra 2018/2019, a estimativa inicial para a produção é de 118,2 milhões de toneladas, uma queda de 0,9%. Até mesmo as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtoras, como Paraná e Rio Grande do Sul, apresentam comportamentos distintos no âmbito da produção. No Paraná, a estimativa é de queda de 1,1%,

já no Rio Grande do Sul, a estimativa é de incremento de 6,2%. O maior estado produtor, Mato Grosso, apresenta estimativa de decréscimo de 0,9%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentaram aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 33,8% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 13 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



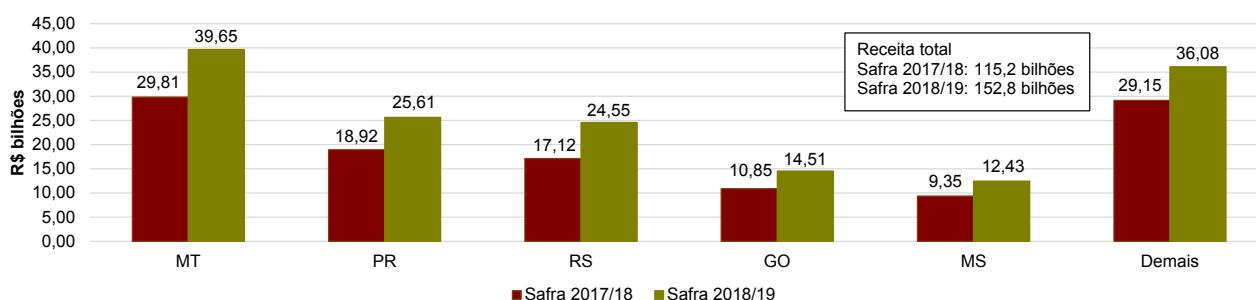
Fonte: Conab.

O movimento de queda na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2018/19. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de R\$ 39,65 bilhões para a temporada 2018/19. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em R\$ 29,81 bilhões, com acréscimo relativo de 33%. A Unidade da Federação produtora que

apresentou maior incremento percentual na receita bruta estimada para a soja foi o Rio Grande do Sul, com 43,4% de aumento, resultado de 6,2% de aumento na produção e 35% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos.

Portanto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2018/19 foi de R\$ 152,9 bilhões, frente à estimativa de R\$ 115,2 bilhões da safra anterior, um aumento de 32,6%.

Gráfico 14 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safra 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de setembro/2017 e setembro/2018





13. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

13.1. ALGODÃO

13.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos Usda), em seu relatório de setembro, a produção mundial de pluma na safra 2017/18 deverá fechar em 26,88 milhões de toneladas, já a projeção para a safra 2018/19 é de uma produção de 26,55 milhões de toneladas. Esse resultado significaria uma queda de 1,22% na produção. As primeiras estimativas eram de que a produção novamente crescería e ficaria acima do consumo, porém, devido, principalmente, a problemas climáticos vividos pelos Estados Unidos, China e Índia, hoje o mercado trabalha com um déficit para próxima safra.

Ainda de acordo com o Usda, para esta safra 2017/18, teremos, depois de dois anos, uma produção maior que o consumo. Já para a safra 2018/19, como já foi dito, o cenário deve se inverter novamente, pois de acordo com a estimativa atual do departamento, o consumo é 4,89% maior que a produção

Para a safra 2018/19, as informações disponíveis apontam para uma sustentação nos preços da pluma. Segundo o relatório de oferta e demanda do Usda de setembro, o déficit projetado hoje para a próxima safra é de 1,3 milhão de toneladas. Ao se analisar os três principais produtores, projeta-se manutenção de pro-

dução na China e queda na Índia e nos Estados Unidos. Quanto aos principais consumidores, projeta-se aumentos no consumo chinês, indiano e paquistanês. Diante de um cenário mundial de deficit, o produtor

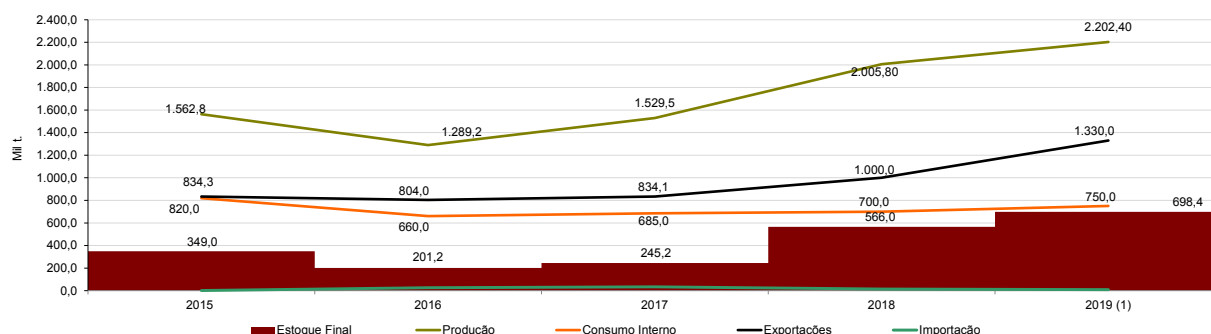
brasileiro pôde diminuir suas preocupações diante da boa safra que está sendo colhida. Também poderá continuar otimista para ainda aumentar a área para a safra 2018/19.

13.1.2. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o primeiro levantamento de safra, a produção de algodão estimada para a safra 2018/19 varia de 2.084 a 2.320 mil toneladas de pluma, isso acarretaria uma variação de 3,9% a 15,7% superior ao produzido na safra anterior, que deverá fechar em torno de 2.005,8 mil toneladas. A produtividade estimada ainda é conservadora, mas o aumento de área poderá chegar a 20% no próximo plantio. Em se confirmando esses números, seria mais um recorde de produção no mercado algodoeiro.

O aumento de área já era esperado pelo mercado. O cenário do algodão no mundo é otimista, com o consumo devendo superar a produção mais uma vez. Além disso, para o Brasil, tem-se guerra comercial entre Estados Unidos e China, justamente num período no qual o país asiático prevê aumento no seu consumo de pluma, devido a isso deverá abrir caminho para o produto brasileiro. A demanda externa é fundamental para sustentação do setor algodoeiro do Brasil, visto que a lenta retomada do crescimento econômico interno continua lento e se mostra incapaz de absorver parte do aumento da produção.

Gráfico 1 – Suprimento de algodão em pluma



Fonte: Conab

Nota: Estimativa

Tabela 1 – Suprimento de algodão em pluma Brasil

DISCRIMINAÇÃO	2015	2016	2017	2018	2019 (1)
O F E R T A	2.003,3	1.665,2	1.764,3	2.266,0	2.778,4
Estoque Inicial	438,4	349,0	201,2	245,2	566,0
Produção	1.562,8	1.289,2	1.529,5	2.005,80	2.202,40
- Centro/Sul	1.061,6	996,9	1.129,3	1.447,7	1.629,4
- Norte/Nordeste	501,2	292,3	400,2	558,1	573,1
Importações	2,1	27,0	33,6	15,0	10,0
D E M A N D A	1.654,3	1.464,0	1.519,1	1.700,0	2.080,0
Consumo Interno	820,0	660,0	685,0	700,0	750,0
Exportações	834,3	804,0	834,1	1.000,0	1.330,0
Estoque Final	349,0	201,2	245,2	566,0	698,4
Meses de Uso	2,5	1,6	1,9	4,0	4,0

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



13.2. ARROZ

Acerca do consumo, esse foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas, para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36 mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para a safra 2017/18, projeta-se uma manutenção do consumo interno, por volta de 12,0 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 2,13% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 12 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a

quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superávit de aproximadamente 150 mil toneladas na atual safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, conseqüentemente, uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 625,8 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

Para a safra 2018/19, o primeiro Levantamento de safra estima uma produção que pode variar entre 11,04 a 11,85 milhões de toneladas. Esses valores indicariam, respectivamente, uma queda entre 8,4% e 1,7% em relação à safra 2017/18.

Tabela 2 – Suprimento de arroz

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18 (*)	711,6	12.064,2	1.050,0	13.825,8	12.000,0	1.200,0	625,8
2018/19 (**)	625,8	11.449,9	1.200,0	13.275,7	11.900,0	800,0	575,7

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

13.3. FEIJÃO

13.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No mercado atacadista de São Paulo, em função do fraco movimento de compradores e das poucas negociações, a cotação do grupo carioca apresentou um ligeiro recuo. O predomínio da oferta continua sendo do tipo comercial, e a origem do produto é de Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

A estabilidade dos preços já não agradava o setor. Agora, com a queda das cotações, observou-se certa frustração no mercado por causa das poucas oportunidades de ganho, especialmente para os produtores e empresas empacotadoras.

Caso o ritmo da demanda no varejo não reaja, dificilmente ocorrerá melhoria nos preços. Algumas empresas de pesquisas constataram que, além da queda nas vendas, está havendo maior participação por marcas mais baratas.

Nas regiões produtoras, a colheita da terceira e última safra está praticamente concluída. Os preços, para o produto irrigado recém-colhido, estão sendo negociados entre R\$ 80 e R\$ 120 a saca, dependendo da qualidade da mercadoria.



Nota-se que, tanto no mercado atacadista de São Paulo, como nas fontes de produção, as negociações estão fracas, levando a crer que qualquer valor acima do atualmente praticado poderá travar ainda mais as negociações devido ao comportamento retraído da demanda.

Assim, os corretores continuam indecisos nas negociações, alguns se sentem forçados a vender boa parte da mercadoria, acreditando não compensar estocá-la devido à crescente perda da qualidade e às poucas perspectivas para reação dos preços. Outros preferem aguardar um melhor momento para a comercialização, apostando numa expressiva valorização da mercadoria a partir de outubro.

Devido à recente alta dos preços, verifica-se grande dificuldade de repasse dos últimos aumentos para o varejo. Assim, as vendas que já apresentam certa lentidão, forçam o mercado a encontrar um ponto de equilíbrio, ou seja, um valor que o consumidor esteja disposto a pagar.

13.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, o produto segue com demanda retraída e preços estáveis, com o mercado sendo abastecido com volumes mais significativos da Argentina. Já nas zonas de produção, os preços apresentaram uma expressiva alta devido, principal-

As indústrias de empacotamento alegam que, em razão da morosidade nas vendas no setor varejista, fica inviável qualquer aumento de preços, além disso, a boa oferta de produto comercial e fraco tem aumentado a concorrência entre as indústrias, reduzindo o deságio estabelecido entre os tipos e, consequentemente, desvalorizando os produtos de melhor qualidade.

O abastecimento do mercado se encontra normal e o predomínio da oferta continua sendo do tipo comercial. O ingresso da produção oriunda da safra de inverno está sendo suficiente para suprir o mercado, em vista da demanda bastante retraída.

Contudo, o atual quadro de baixa oferta, cada vez mais enxuto, deverá continuar deixando o produto com preços remuneradores até meados de dezembro, quando começa a entrar no mercado, com maior intensidade, mercadoria da nova safra, procedente do Paraná e São Paulo.

mente, à valorização do dólar frente ao real. Apesar da pouca oferta do produto, os compradores, a exemplo do carioca, estão demandando apenas o necessário para pronto atendimento.

13.3.3. INTENÇÃO DE PLANTIO - TEMPORADA 2018/19

Apesar do quadro indefinido, a primeira Intenção de plantio da safra 2018/19, apurou queda de aproximadamente 8% na área a ser plantada, em relação à safra anterior. Os principais fatores responsáveis por esse comportamento são: os baixos preços recebidos pelos produtores, custos elevados de produção e os riscos climáticos.

Na Região Sul a semeadura está bem adiantada, em

razão das boas condições climáticas, e já ultrapassa metade da área prevista para o cultivo. No estado do Paraná, a área destinada à primeira safra é inferior em 25,3 mil hectares a safra anterior. Desse total, cerca de 18,2 mil hectares ocorrem com a cultivar carioca e 7,1 mil hectares com o feijão-comum preto. Muitos produtores estão migrando para as culturas do milho e da soja, por serem mais rentáveis e de menor risco climático.

13.3.4. SUPRIMENTO

Para a temporada 2018/19 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras chega em um volume médio de produção, estimado em 3,17 milhões de toneladas, 1,1% superior à colheita anterior. Esse resultado somado ao estoque de passagem e às importações projetadas em 120 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3.479,2 mil de toneladas.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento

dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

Em 2017 houve uma pequena recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,3 milhões de toneladas. No entanto, neste ano, a significativa queda dos preços no varejo, em relação ao ano passado, não foi suficiente nem para manter o atual consumo que, em princípio, deve recuar cerca de 100.000 toneladas. Dessa forma, e com as exportações estimadas em 120 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem na ordem de 159,2 mil toneladas, correspondente a cerca de 18 dias de consumo.



Tabela 3 – Suprimento de feijão

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO NACIONAL	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO APARENTE	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE DE PASSAGEM
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.116,0	80,0	3.498,6	3.200,0	120,0	178,6
2018/19(*)	178,6	3.170,3	130,0	3.478,9	3.200,0	120,0	158,9

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

13.4. MILHO

Tabela 4 – Suprimento de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2000/01	3.590,8	42.289,3	548,8	46.428,9	35.573,2	5.917,7	4.938,0
2001/02	4.938,0	35.280,7	362,3	40.004,6	35.967,4	2.509,0	2.104,6
2002/03	2.104,6	47.410,9	806,2	49.255,3	37.050,1	4.050,3	9.221,3
2003/04	9.221,3	42.128,5	299,4	50.286,0	38.241,1	4.688,4	8.719,7
2004/05	8.719,7	35.006,7	596,1	42.965,1	39.989,8	883,3	3.449,5
2005/06	3.449,5	42.514,9	1.011,3	46.431,8	40.394,1	4.340,3	2.241,3
2006/07	2.241,3	51.369,9	1.164,3	54.693,1	42.126,7	10.862,7	1.786,1
2007/08	1.786,1	58.652,3	652,0	61.090,4	44.474,3	7.368,9	9.247,2
2008/09	9.247,2	51.003,8	1.181,6	61.432,6	46.143,1	7.333,9	7.955,6
2009/10	7.955,6	56.018,1	391,9	64.365,6	47.813,4	10.966,1	5.586,1
2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,3
2012/13	4.005,3	81.505,7	911,4	86.422,4	53.263,8	26.174,1	6.984,6
2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.826,9	54.503,1	20.924,8	12.399,0
2014/15	12.399,0	84.672,4	316,1	97.387,5	56.611,1	30.172,3	10.604,1
2015/16	10.604,1	66.530,6	3.338,1	80.472,8	54.972,4	18.883,2	6.617,2
2016/17	6.617,2	97.842,8	953,6	105.413,6	57.330,5	30.836,7	17.246,4
2017/18	17.246,4	81.356,7	600,0	99.203,1	59.844,8	25.500,0	13.858,2
2018/19	13.858,2	90.409,2	400,0	104.667,4	62.500,0	31.000,0	11.167,4

Legenda: (t) Estimativa

Fonte: Conab.

A safra de milho, 2018/19 foi estimada em 90,40 milhões de toneladas, com um aumento de área que pode variar entre -0,1% e 1,2%. Porém, esse número tem como base uma produtividade média estatística, principalmente na segunda safra.

Nesse foco, levando em consideração o número preliminar de 90,40 milhões de toneladas, as exportações foram calculadas com um aumento de 21%, passando de 25,5 milhões de toneladas na safra 2017/18 para 31 milhões de toneladas. Já o consumo deverá ter também um aumento de 4%, passando de 59,84 milhões

de toneladas para 62,50 milhões de toneladas.

Com os preços nacionais um pouco melhor que os praticados na safra 2017/18, os agricultores estão apostando em uma melhor rentabilidade de milho para a safra 2018/19. Além disso, as taxas da Argentina têm provocado especulação sobre uma possível redução de área de milho para a próxima safra, abrindo, portanto, espaço para exportações brasileiras de milho. Com isso, somando o aumento no consumo interno e os estoques de passagem, sinalizam tendência de redução na próxima safra, passando de 13,85 milhões de toneladas para 10,6 milhões de toneladas.



13.5. SOJA

13.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Com a intensificação da guerra comercial entre Estados Unidos e China, os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam em baixa, fechando setembro de 2018 no valor médio de US\$ 8,33/bu, esse valor é 3,23% menor que a média de setembro, que foi de US\$ 8,61/bu.

Os Estados Unidos Continuam com dificuldades para escoar a soja produzida na safra 2018/19. As exportações americanas nas quatro primeiras semanas do ano comercial da safra 201/19 estão abaixo do valor

exportado no mesmo período de 2017.

Já as vendas para exportações (exportações futuras) estão no pior patamar dos últimos cinco anos, no valor de apenas 870 mil toneladas. No mesmo período do ano de 2017 esse valor era de aproximadamente 3 milhões de toneladas. A soma das vendas para exportação está em 16,28 milhões de toneladas, visto que em 2017 era de 19,22 milhões de toneladas e em 2016 era de 22,40 milhões de toneladas.

13.5.2. MERCADO NACIONAL

Apesar dos preços internacionais ainda continuarem em baixa, os preços nacionais continuam tendo suporte no dólar, com valor médio em setembro de 2018 a R\$ 4,11, e nos prêmios de portos que fechou de setembro de 2018 a US\$ 2,55/bu.

A safra 2018/19 brasileira de soja em grãos foi estimada no valor médio de 118,24 milhões de toneladas, com um aumento de área que pode variar entre 0,8% e 2,9%. Porém, esse número tem como base uma produtividade média estatística, portanto, há grandes chances de que, caso não haja nenhum problema climático no decorrer do desenvolvimento da safra e colheita, o número de produção poderá ser maior.

Era esperado um aumento maior nas áreas de soja para a safra 2018/19, já que a guerra comercial entre Estados Unidos e China abre espaço para uma maior exportação de soja em grãos do Brasil. Porém, a rentabilidade financeira dos agricultores de soja tem baixado nos últimos anos e as aberturas de novas áreas, além de muito caras, têm produtividades menores que as áreas consolidadas.

Por isso, os agricultores estão cautelosos quanto à nova safra, pois apesar dos preços nacionais altos tendo suporte no dólar e no prêmio de porto, os preços internacionais estão muito baixos, os fretes em alta e ainda existe a possibilidade do dólar baixar após as eleições. Além disso, existe o risco de problemas climáticos no decorrer da safra.

Assim, levando em consideração o número preliminar de 118,24 milhões de toneladas, as exportações foram calculadas em apenas 75 milhões de toneladas, contudo, provavelmente não será este valor de exportação, pois a demanda internacional por soja em grãos, principalmente da China, está cada vez mais aquecida e não deverá diminuir em 2019. A demanda interna, assim como as exportações, deve ser maior que o valor de 43,5 milhões de toneladas, ficando provavelmente em torno de 45 milhões de toneladas a 45,5 milhões de toneladas.

Independentemente do valor da safra não haverá um estoque de passagem alto e, principalmente, não haverá problemas de abastecimento interno para soja em grãos, farelo e óleo de soja. Os preços para a safra 2018/19 dependerá do andamento da safra brasileira, do valor do dólar frente ao real, prêmio de porto, preços de fretes e, caso não haja nenhuma surpresa, os preços praticados internamente devem ficar no mesmo valor médio de 2018.

Outro fator de grande importância, principalmente até o início da colheita brasileira, é como os americanos devem escoar a soja colhida, da safra 2018/19, os estoques atuais americanos são os maiores da história e a guerra comercial entre Estados Unidos e China tem dificultado as exportações, o que pode ocasionar uma maior alta nos estoques, a não ser que sejam estimulados os esmagamentos. Caso isto não aconteça, os preços internacionais devem continuar em baixa, afetando diretamente os preços nacionais.



Tabela 5 – Oferta e demanda - Em mil toneladas - Soja em grãos

Descrição/ Safr	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	4.522,2	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	744,0	1.551,5	979,4	1.614,2	2.188,7	670,4
Produção	52.304,6	55.027,1	58.391,8	60.017,7	57.165,5	68.688,2	75.324,3	66.383,0	81.499,4	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	119.281,7	118.238,6
Importação	368,0	48,8	97,9	96,3	99,4	117,8	41,0	266,5	282,8	578,7	324,1	382,1	253,7	700,0	400,0
Suprimento	57.194,8	57.810,6	60.959,4	63.789,6	61.805,0	69.484,3	77.976,4	69.669,9	82.230,0	87.443,5	98.103,6	96.796,1	115.943,2	122.170,4	119.309,0
Esmagamento	29.650,0	28.100,0	31.100,0	32.100,0	30.114,0	34.700,0	38.050,0	33.800,0	35.400,0	36.800,0	39.600,0	40.200,0	41.800,0	41.500,0	40.500,0
Semente e outros	2.375,0	2.283,0	2.450,0	2.650,0	2.450,0	3.100,0	3.920,0	2.954,0	3.294,2	3.400,0	3.200,0	3.400,0	3.800,0	4.000,0	3.000,0
Consumo total	32.025,0	30.383,0	33.550,0	34.750,0	32.564,0	37.800,0	41.970,0	36.754,0	38.694,2	40.200,0	42.800,0	43.600,0	45.600,0	45.500,0	43.500,0
Exportação	22.435,1	24.957,9	23.733,8	24.499,5	28.562,7	29.073,2	32.986,0	32.468,0	42.791,9	45.692,0	54.324,2	51.581,9	68.154,6	76.000,0	75.000,0
Estoque Final	2.734,7	2.469,7	3.675,6	4.540,1	678,3	2.611,1	3.020,4	447,8	744,0	1.551,5	979,4	1.614,2	2.188,7	670,4	809,0

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 6 – Oferta e demanda - Em mil toneladas - Farelo de soja

Descrição/ Safr	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	2.030,6	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.855,4	911,4
Produção	22.830,5	21.637,0	23.947,0	24.717,0	23.187,8	26.719,0	29.298,5	26.026,0	27.258,0	28.336,0	30.492,0	30.954,0	32.186,0	31.955,0	31.185,0
Importação	188,7	152,4	101,2	117,3	43,4	39,5	24,8	5,0	3,9	1,0	1,1	0,8	1,6	1,0	2,0
Suprimento	25.346,3	23.682,6	25.411,6	26.595,4	25.608,4	28.579,6	31.290,3	29.207,7	28.129,5	28.782,9	30.760,5	31.788,6	34.032,4	34.811,4	32.098,4
Consumo Interno	9.031,4	9.986,8	11.176,4	11.930,3	11.533,3	12.944,0	13.758,4	14.051,1	14.350,0	14.799,3	15.100,0	15.500,0	17.000,0	17.200,0	17.000,0
Exportação	14.421,7	12.332,4	12.474,2	12.287,9	12.254,0	13.668,6	14.355,2	14.289,0	13.333,5	13.716,3	14.826,7	14.443,8	14.177,1	16.700,0	14.000,0
Estoque Final	1.893,2	1.363,4	1.761,0	2.377,2	1.821,1	1.967,0	3.176,7	867,6	445,9	267,3	833,8	1.844,8	2.855,4	911,4	1.098,4

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.

Tabela 7 – Oferta e demanda - Em mil toneladas - Óleo de soja

Descrição/ Safr	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (*)
Estoque Inicial	330,1	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	639,8	579,9	298,1	569,0	635,6	218,1
Produção	5.781,8	5.479,5	6.064,5	6.259,5	5.872,2	6.766,5	7.419,8	6.591,0	6.903,0	7.176,0	7.722,0	7.839,0	8.151,0	8.092,5	7.897,5
Importação	3,2	25,4	44,1	27,4	27,4	16,2	0,1	1,0	5,0	0,1	25,3	66,1	58,1	40,0	41,0
Suprimento	6.115,1	5.811,9	6.303,1	6.697,5	6.281,3	7.220,4	8.096,5	7.580,0	7.558,5	7.815,8	8.327,2	8.203,2	8.778,1	8.768,1	8.156,6
Consumo Interno	3.111,0	3.198,0	3.550,0	4.000,0	4.250,0	4.980,0	5.367,0	5.172,4	5.556,3	5.930,8	6.359,2	6.380,0	6.800,0	7.100,0	6.700,0
Exportação	2.697,1	2.419,4	2.342,5	2.315,8	1.593,6	1.563,8	1.741,4	1.757,1	1.362,5	1.305,1	1.669,9	1.254,2	1.342,5	1.450,0	1.100,0
Estoque Final	307,0	194,5	410,6	381,7	437,7	676,6	988,0	650,5	639,8	579,9	298,1	569,0	635,6	218,1	356,6

Legenda: (*) Estimativa

Fonte: Conab.



13.6. TRIGO

Ao longo de setembro, o mercado tritícola nacional voltou suas atenções para o avanço da colheita no Paraná, observando as condições climáticas e a qualidade do trigo colhido. De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), até o dia primeiro de outubro, 47% da área plantada já havia sido colhida no estado. Das lavouras remanescentes, 1% se encontrava em desenvolvimento vegetativo, 9% em floração, 29% em frutificação e 61% em maturação. Até a referida data, 57% das lavouras que ainda não foram colhidas estavam em boas condições, enquanto 25% apresentavam condições medianas e 18% se encontrava em condições ruins.

Conforme dados divulgados pela Emater/RS, ao final de setembro, 10% das lavouras gaúchas se encontravam em desenvolvimento vegetativo, 34% em floração, 52% em enchimento de grãos e 4% em maturação. De acordo com os técnicos do órgão, elevações de umidade e temperatura preocupam produtores de algumas cultivares mais suscetíveis a doenças fúngicas,

que podem surgir nas fases de floração e enchimento de grãos.

Em setembro o Brasil internalizou 587,3 mil toneladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 88,27% do total, seguida pelo Canadá com 5,66% e Paraguai com 5,32%. Essa configuração poderá se modificar nos próximos meses, visto que os estoques de trigo na Argentina se encontram cada vez mais baixos e devido à retomada das Retenciones para alguns produtos agropecuários, com destaque para o trigo, milho e soja, que terão um acréscimo de 4 pesos argentinos para cada dólar exportado.

Apesar da discreta diminuição na estimativa de área, a Conab revisou para cima a projeção da safra brasileira de trigo, que deverá atingir um total de 5.393,9 mil toneladas na temporada 2018/19. Esse aumento se deu devido ao incremento na produtividade esperada em Santa Catarina e, principalmente, no Rio Grande do Sul, cujo rendimento esperado passou a corresponder a 2.480 kg/ha.

Tabela 8 – Suprimento de trigo

ANO - SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01/08)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31/07)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18	2.530,1	4.263,5	6.387,0	13.180,6	206,2	10.700,0	287,4	10.987,4	1.987,0
2018/19 (1)	1.987,0	5.39,0	6.300,0	13.26,0	300,0	10.700,0	305,9	11.005,9	2.220,1

Legenda: (1) Estimativa

Fonte: Conab.



Tabela 9 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	2.005,8	15,0	2.266,1	700,0	1.000,0	566,1
	2018/19	566,1	2.202,4	10,0	2.778,5	750,0	1.330,0	698,5
Arroz em casca	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	1.050,0	13.908,5	12.000,0	1.200,0	625,8
	2018/19	625,8	11.449,9	1.200,0	13.275,7	11.900,0	800,0	575,7
Feijão	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,0	80,0	3.586,1	3.200,0	120,0	178,6
	2018/19	178,6	3.170,6	130,0	3.479,2	3.200,0	120,0	159,2
Milho	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	80.786,0	600,0	98.632,5	59.844,8	25.500,0	13.287,7
	2018/19	13.287,7	90.409,2	400,0	104.096,9	62.500,0	31.000,0	10.596,9
Soja em grãos	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.800,0	54.324,2	979,4
	2015/16	979,4	95.434,6	382,1	96.796,1	43.600,0	51.581,9	1.614,2
	2016/17	1.614,2	114.075,3	253,7	115.943,2	45.600,0	68.154,6	2.188,6
	2017/18	2.188,6	119.281,7	700,0	127.415,5	45.500,0	76.000,0	670,3
	2018/19	670,3	118.238,6	400,0	119.308,9	43.500,0	75.000,0	808,9
Farelo de Soja	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,6	34.032,4	17.000,0	14.177,1	2.855,3
	2017/18	2.855,3	31.955,0	1,0	36.081,8	17.200,0	16.700,0	911,3
	2018/19	911,3	31.185,0	2,0	32.098,3	17.000,0	14.000,0	1.098,3
Óleo de soja	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	58,1	8.778,1	6.800,0	1.342,5	635,6
	2017/18	635,6	8.092,5	40,0	8.768,1	7.100,0	1.450,0	218,1
	2018/19	218,1	7.897,5	41,0	8.156,6	6.700,0	1.100,0	356,6
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	10.987,4	206,2	1.985,6
	2018	1.985,6	5.393,9	6.300,0	13.679,5	11.005,8	300,0	2.373,7

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em agosto 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



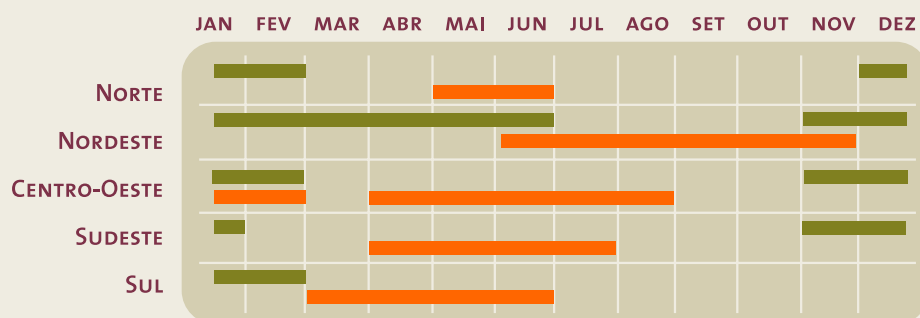


14. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

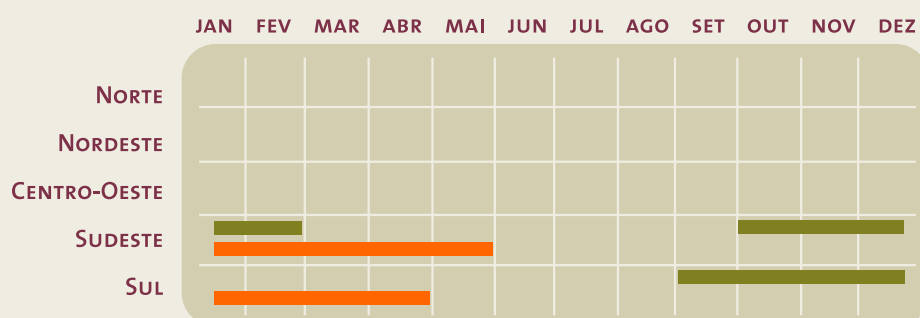
Plantio Colheita



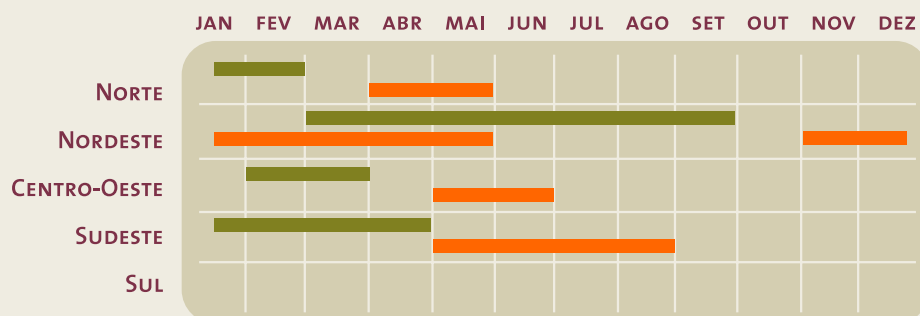
Algodão



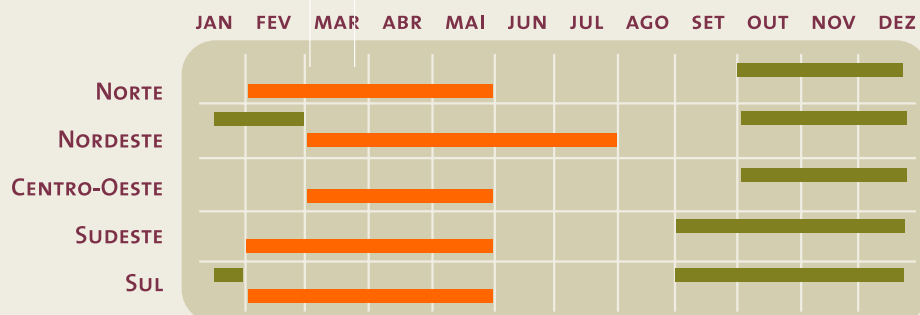
Amendoim
1ª safra



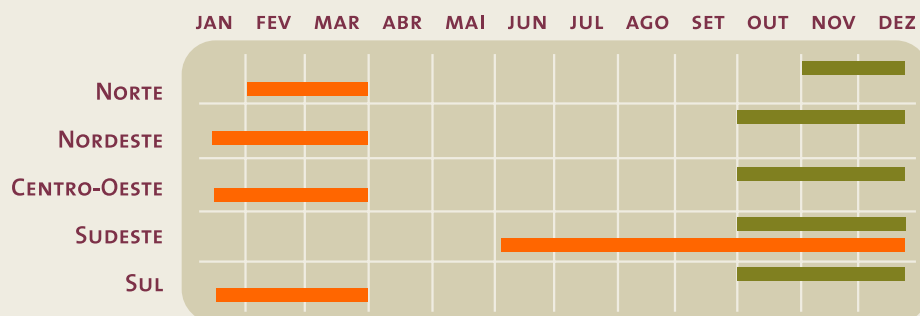
Amendoim
2ª safra



Arroz

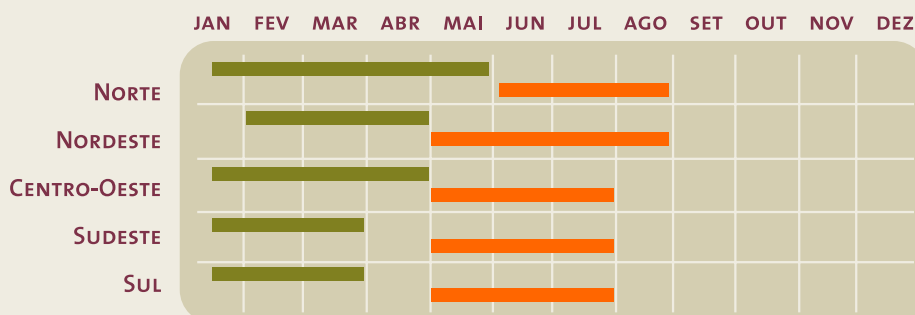


Feijão 1ª safra

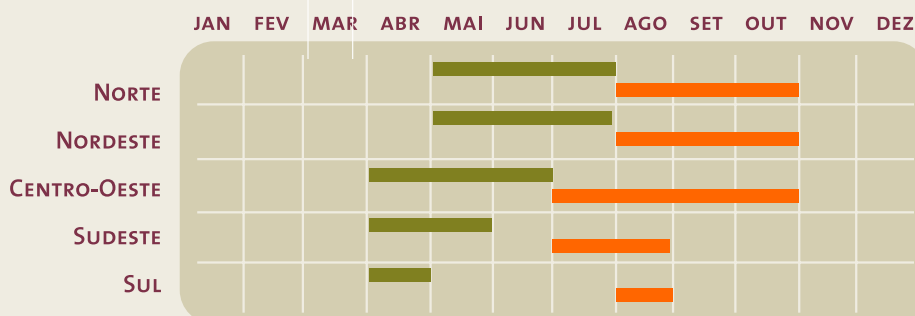




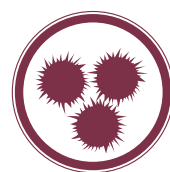
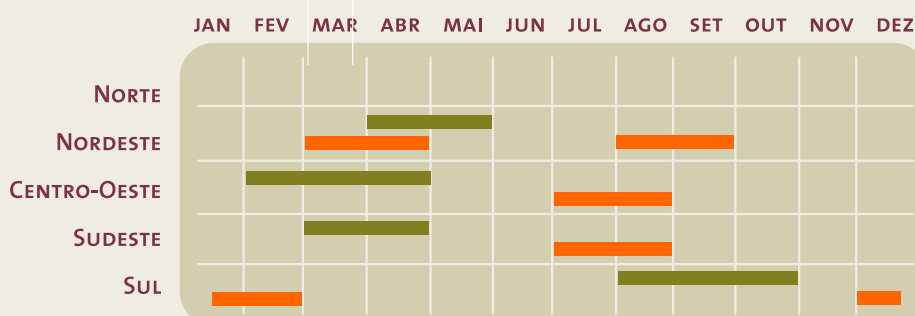
Feijão 2ª safra



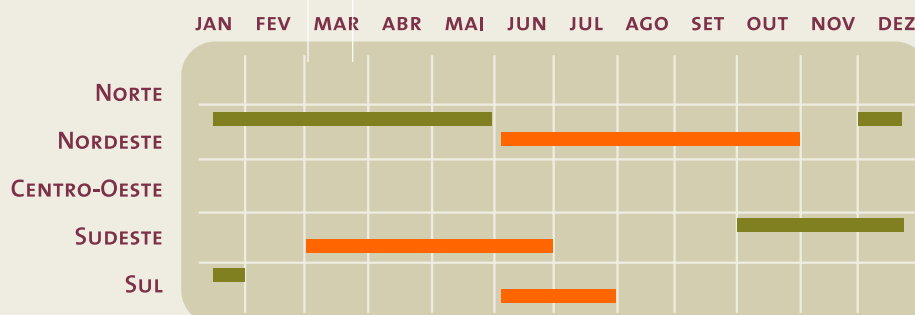
Feijão 3ª safra



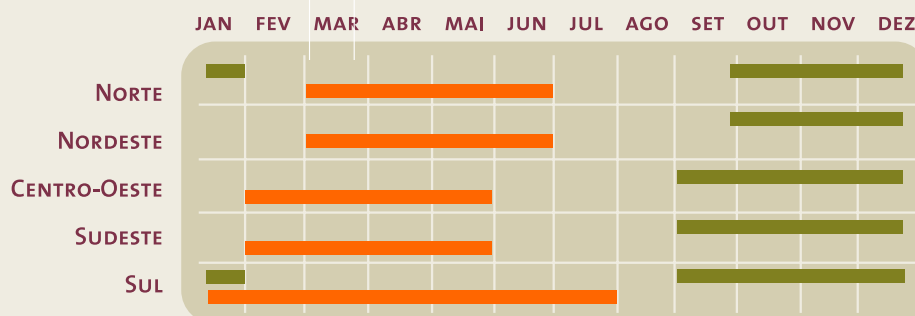
Girassol



Mamona

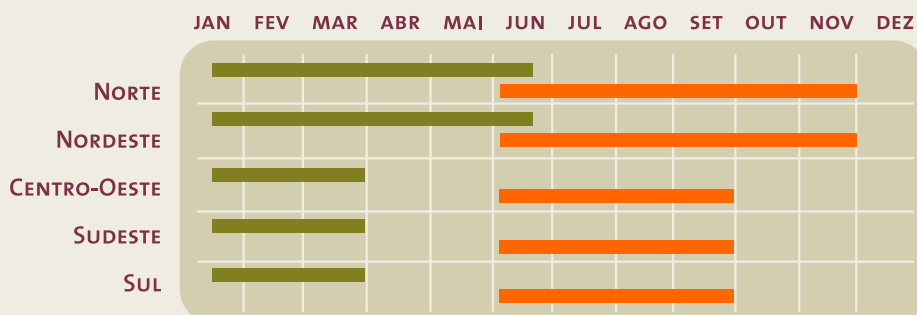


Milho 1ª safra

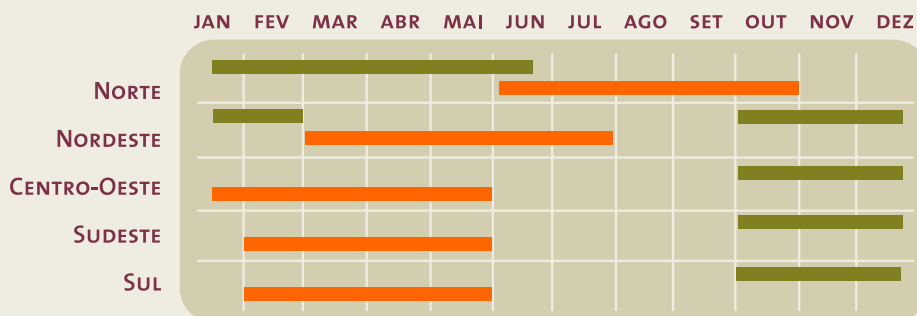




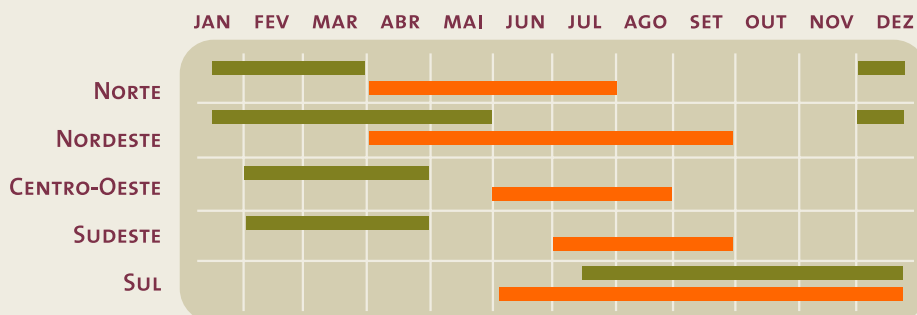
Milho 2ª safra



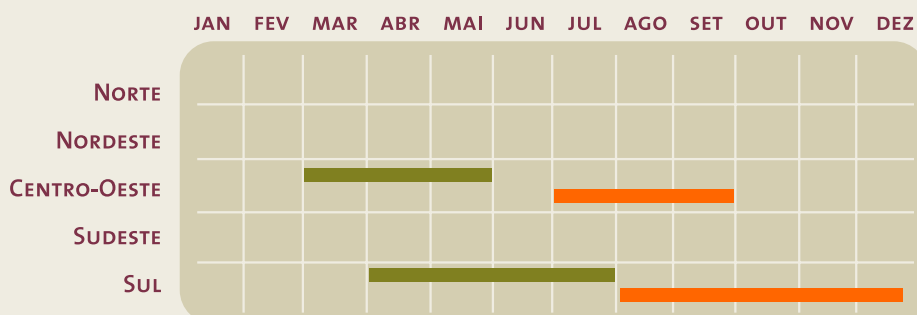
Soja



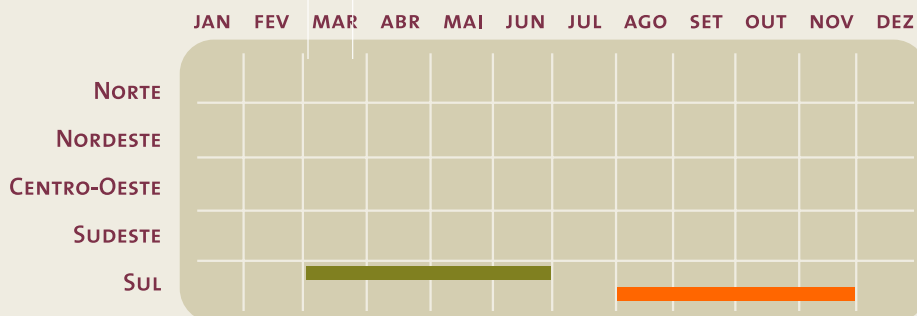
Sorgo



Aveia

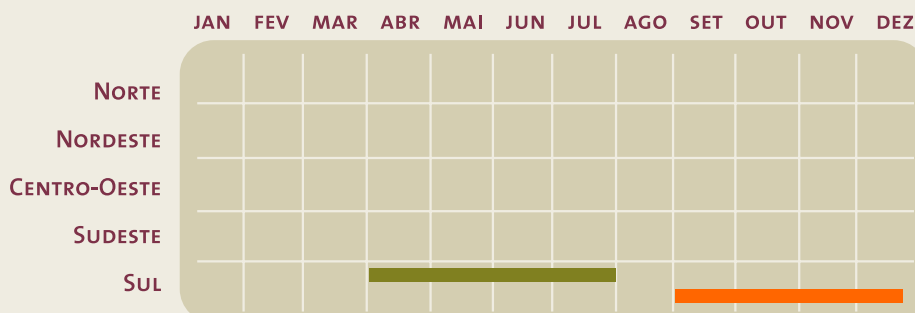


Canola

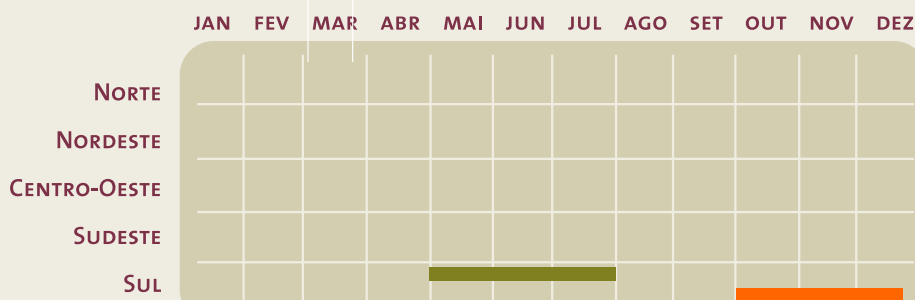




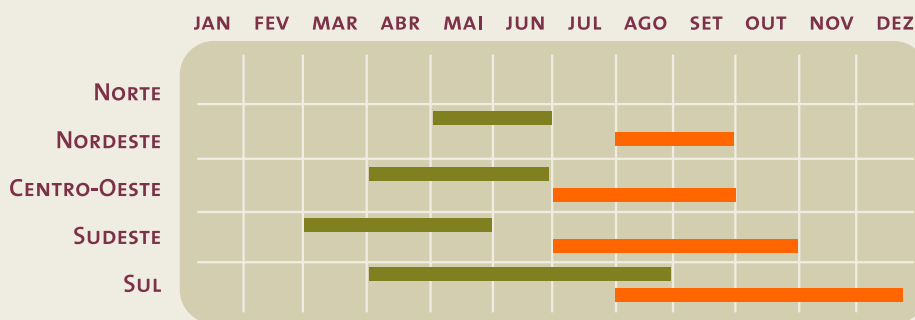
Centeio



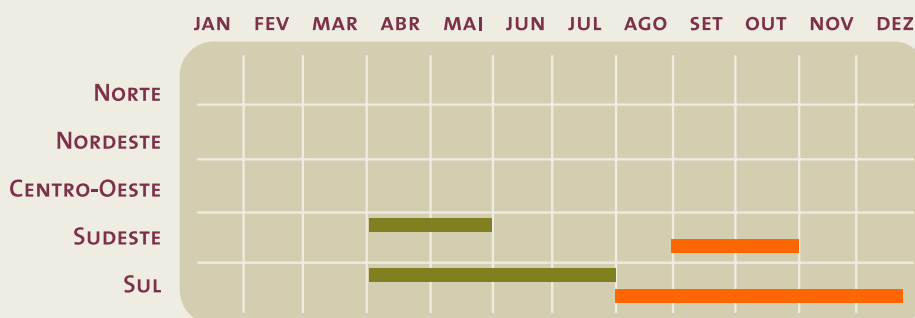
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

GOVERNO
FEDERAL

